

CRISTINA MARIA RUSCHEL ALVES

**A DANÇA DO VENTRE NA QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES COM
TRANSTORNOS DE HUMOR (DEPRESSÃO MAIOR E BIPOLARIDADE)
FREQUENTADORAS DO CAPS II – CANOAS**

Dissertação submetida ao programa de Pós-Graduação no Mestrado em Saúde e Desenvolvimento Humano do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como requisito parcial para a obtenção de grau de mestre em Saúde e Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Professora Doutora Nádia Maria Weber Santos
Coorientador: Professor Doutor Ricardo Pedrozo Saldanha

CANOAS, 2015.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Nádía Maria Weber Santos e ao coorientador Ricardo Saldanha por andarem de mãos dadas comigo, aliando rigor, afeto e paciência.

Em especial a minha filha, Patrícia Ruschel Alves pela ajuda de todas as formas, ao longo do percurso, principalmente nos momentos em que me encontrava perdida.

Ao meu marido, Pedro Salvador Alves que sempre me apoiou e pelas palavras de carinho.

Aos profissionais do CAPS-II Novos Tempos – Canoas que me receberam com todo o carinho.

“Dançar é uma forma de amar.”
(Pina Bauch)

“Temos arte para que a realidade não nos mate”
(Nietzsche)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender de que forma o movimento na dança do ventre pelas mulheres integrantes do CAPS II – Canoas promove um processo de integração emocional, social, corporal do indivíduo e a melhora da qualidade de vida. Consistiu em uma pesquisa de método qualitativo com o delineamento de pesquisa-ação. A técnica de coleta utilizada foi a observação participante, através da técnica alternativa “oficinas de dança do ventre”. Como instrumentos de pesquisa, foram utilizados o diário de campo para registro das ações, informações, observações e impressões nas oficinas de dança do ventre, a realização de entrevistas semi-abertas, gravadas e transcritas, sendo as categorias de análise constituídas por três dimensões: o corpo físico, consciente e o social, que se reúnem e formam o corpo dançante. Os resultados obtidos mostraram a Dança do Ventre como um auxiliar terapêutico positivo no tratamento, como terapia complementar, ajudando-as no processo de integração tornando-as mais seguras e confiantes. O produto final foi uma cartilha que indica qual metodologia utilizar nas oficinas de dança do ventre para mulheres com depressão e bipolaridade, frequentadoras dos CAPS II.

Palavras-Chaves: Qualidade de vida, Dança do Ventre, Terapia Complementar, CAPS

ABSTRACT

This paper aims to understand how the danced movement in belly dancing by the CAPS II - Canoas women members promotes a process of emotional integration, social, bodily the individual and the improvement of quality of life. It consists in a qualitative research method with the design of action research. The collection technique used was participant observation, through alternative technique "belly dance workshops." The research tools were a field diary to record the actions, information, observations and impressions in belly dance workshops. The implementation of semi-open interviews recorded and transcribed, and the analysis categories consist of three dimensions: the physical body , conscious and social , that come together and form the body dancing. The results showed the Belly Dance as a positive therapeutic aid in the treatment , as a complementary therapy, helping them in the process of integration making them more secure and confident. The final product was a booklet indicating which methodology used in belly dance workshops for women with depression and bipolar users of CAPS II.

Key Words: Quality of life, Belly Dancing, Complementary Therapy, CAPS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:Objetivos alcançados	44
Figura 2:Respostas das entrevistadas em relação a sua qualidade de vida.....	55
Figura 3: Houve melhoras.	57
Figura 4: Oficina de DV como arteterapia	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:Corporeidade das usuárias praticantes da oficina de DV	46
Quadro 2: Transtorno de Humor	51
Quadro 3: Respostas das entrevistadas em relação a sua qualidade de vida.....	54
Quadro 4:Resultados esperados/alcançados nas oficinas de DV e sua importância.	59
Quadro 5:Trajetória de dança e a DV	60

LISTA DE ABREVIATURAS

DV	Dança do Ventre
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TH	Transtorno de Humor
AT	Arteterapia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A DANÇA DO VENTRE, A RELAÇÃO COM A CORPOREIDADE E A ARTETERAPIA	14
2.1 A HISTÓRIA DA DANÇA DO VENTRE	14
2.1.1 <i>A dança do ventre no Brasil</i>	21
2.2 CORPOREIDADE NA DANÇA	22
2.2.1 <i>Comunicação não verbal e simbólica</i>	23
2.3 ARTETERAPIA ATRAVÉS DA DANÇA	25
2.3.1 <i>A dança como expressão</i>	25
2.3.2 <i>Arteterapia</i>	26
3 TRANSTORNOS DE HUMOR, CAPS E ATIVIDADES LÚDICAS	29
3.1 TRANSTORNOS DE HUMOR.....	29
3.2 DEPRESSÃO MAIOR.....	30
3.2.1 <i>Depressão em Esquizofrenia</i>	31
3.3 BIPOLARIDADE	32
3.4 CAPS II.....	33
3.5 ATIVIDADES LÚDICAS NO CAPS II – NOVOS TEMPOS	34
4 METODOLOGIA	36
4.1 TIPO DE PESQUISA	36
4.2 INSTRUMENTOS.....	36
4.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA	36
4.4 A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	38
4.5 PROCEDIMENTOS DETALHADOS	39
5 DIALOGANDO COM OS DADOS	41
5.1 CATEGORIA DE ANÁLISE - O CORPO FÍSICO	44
5.2 CATEGORIA DE ANÁLISE - O CORPO CONSCIENTE.....	50
5.3 CATEGORIA DE ANÁLISE - O CORPO SOCIAL.....	54
5.4 CATEGORIA DE ANÁLISE - O CORPO DANÇANTE	58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..	72
APÊNDICE B - PRÉ-OFICINA.....	74
APÊNDICE C - INSTRUMENTO PARA AVALIAR O MÉTODO DA OFICINA DE DANÇA DO VENTRE: REGISTRO DAS AÇÕES, INFORMAÇÕES, OBSERVAÇÕES IMPRESSÕES E DIÁRIO DE CAMPO.	77
APÊNDICE D – ENTREVISTAS	141
APÊNDICE E - PRODUTO FINAL.....	154

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda as relações que ocorrem entre a Dança do Ventre (DV) como terapia complementar e as usuárias frequentadoras do CAPS II portadoras de transtorno de humor (TH). Atualmente, há uma diversidade de pesquisas que abordam os transtornos de humor, como no artigo *A evolução histórica dos conceitos de transtorno de humor e transtorno de personalidade: problemas no diagnóstico diferencial*, publicada na revista de psiquiatria clínica de 2010, ou ainda, podemos citar autores que também pesquisam sobre o TH como (GREVET, CORDIOLI, FLECK, 2005; GOODWIN; JAMISON 2010; LAFER; NERY 2011). Todavia, a quantidade de estudos que abordam a questão da dança como forma para auxiliar no tratamento de sujeitos com TH não é expressiva, podemos citar (MARCELLINO, 2007; MELO, 2007; XIA; GRANT, 2009; SOUZA, 2012), ou artigos como *Danças brasileiras e psicoterapia: um estudo terapêutico*, artigo publicado na revista de Psicologia- Teoria e Pesquisa em 2011.

Ainda assim, existe um número reduzido de trabalhos específicos no que se refere a DV como terapia complementar. Alguns novos estudos como o apresentado na Convenção Brasil Latina-América de Psicoterapias Corporais: *A dança do ventre como método terapêutico em mulheres mastectomizadas* (2004), se propõe a testar a eficácia desta dança nesse contexto.

Quando procuramos estudos que focassem a DV em mulheres com TH, percebemos que há uma carência de pesquisas nessa área. É necessário indicar que o termo terapia complementar refere-se a DV como um instrumento, uma ferramenta, um meio de auxílio nos processos terapêuticos. Através das oficinas de DV, podem ocorrer processos de sensibilização, de conscientização, percepções corporais, gestos e atitudes cotidianas. Além de se tornar mais um canal de comunicação que possibilite expressar a subjetividade das usuárias.

Segundo Zanella e Reis (2008), a DV permite ao indivíduo realizar uma atividade física tendo sequências de movimentos corporais com um sentido definido, intencionalmente rítmicas e lúdicas, acompanhadas de músicas variadas, proporcionando percepção do próprio corpo, através de estímulos sensoriais e motores, melhorando a linguagem corporal. Na prática da DV podemos transmitir histórias, emoções, estado de espírito e ideias. Através da interpretação de personagens, utilizando a expressão da linguagem, em que também se interpreta a si mesmo, podendo, no processo, cada uma trazer algo de seu para a dança.

Essa arte vem sendo utilizada de diversas maneiras, segundo Gallina (2008) a dança é uma forma de comunicação corporal. Prática antiga, podendo ocorrer nos rituais religiosos, ou organizada como espetáculos artísticos, como terapia complementar, ou ainda com objetivo de divertimento, socialização e prazer, variando conforme a intenção de sua utilização, podendo ser diversificada com práticas, estilos e técnicas específicas.

A dança, de forma geral, pode proporcionar doses de relaxamento e diversão, trazendo ao praticante uma diversidade de exercícios (Abrão; Pedrão, 2005). Além disso, por envolver música associada ao movimento e à expressão corporal, proporciona ao indivíduo sensação de liberdade e vivências diferentes com o corpo. Especificamente, tratando da DV, percebemos a potencialização da confiança, empoderamento, sensualidade, entusiasmo, divertimento como sensações e sentimentos oriundos desta prática.

A praticante vive diferentes arquétipos femininos: em uma dança baladi, ela pode incorporar os trejeitos e sentimentos de uma mulher popular; na interpretação de uma música eletrônica moderna com nuances orientalistas, pode performar o avatar de uma sacerdotiza ou uma deusa; ao dançar uma música clássica de Umm Kalthoum, pode atuar como uma rainha ou princesa; ao dançar com espada, pode brincar a seriedade e poder letal de uma espada. (SALGUEIRO, 2012, p.165)

Portanto, a vivência desta atividade proporciona diversos benefícios na manutenção da saúde, trazendo melhoras nos aspectos físicos, psíquicos e sociais. Contribuindo positivamente na qualidade de vida (FRANZOSI, 2009).

Atualmente, o conceito de qualidade de vida está associado a processos que são multifatoriais e complexos, relacionados à experiência pessoal, ao estilo de vida, aos aspectos econômicos, socioculturais e psicológicos (CASTRO-COSTA; SILVA 2011). Estudos como de Goodwin; Jamison (2007); Yatham et al. (2009) demonstram que a qualidade de vida pode ser afetada por TH como a bipolaridade e a depressão. Diante destas informações e de um diagnóstico comprovado, o tratamento requer intervenção especializada e associação de diferentes estratégias de tratamento (SOARES; CAPONI, 2011).

A dança enquanto atividade física e expressão corporal, vêm ao encontro das novas estratégias de tratamento do TH, com a finalidade de propiciar a melhoria de sua consciência corporal paralelamente com o desenvolvimento de emoções, expressividade, criatividade e sensibilização. Além de propiciar o estabelecimento de relações do corpo consigo e com o mundo, assim, conseqüentemente, atuando na autoestima da praticante. Presumimos, então, que a dança possa servir de auxílio no tratamento complementar da depressão e da bipolaridade, visto que, com o atual modelo de assistência em saúde mental, o regime aberto é considerado como o que melhor atende as necessidades de relacionamento social do paciente, observa-se que a DV pode ser mais um instrumento a ser utilizado nos Centros de Atenção

Psicossocial (CAPS) para este fim. Os processos de intervenção interdisciplinares nos serviços de saúde pública estão em um período de transição, os quais podem assumir diferentes abordagens.

Atualmente, a compreensão sobre os transtornos mentais é bastante ampla, permitindo que se tenha uma avaliação dos prejuízos no âmbito individual, familiar e social da paciente. Os transtornos mentais (TM) são qualificados na OMS (2008) seguindo a Classificação Internacional de Transtornos Mentais e de Comportamento (CID-10), como doença que se manifesta psicologicamente relacionada a comprometimento funcional, resultante de disfunção genética, biológica, química, social, psicológica ou física. Descrevem também, as alterações no modo de pensar e/ou do humor que causam prejuízos no desempenho global da pessoa.

Segundo Caspersen, Powell, Christenson (1985) existe um número considerável de pesquisadores que estudam a relação entre a atividade física, saúde mental e a qualidade de vida. Conforme Mattos, Andrade e Luft (2004) é comprovado que a atividade física¹ proporciona benefícios físicos e psíquicos, como o aumento da autoestima e das capacidades funcionais.

Desta forma, chegamos ao questionamento: Quais as relações que se estabeleceram entre a DV e qualidade de vida em mulheres com TH – bipolaridade e depressão, com idades entre 18 anos e 59 anos, frequentadoras do CAPS II – Canoas?

A partir desse ponto surgiram outros questionamentos, os quais contribuíram na descoberta das respostas para o problema.

- Como a DV interferiu nestas mulheres, em termos de corporeidade?
- Como a DV pode ser utilizada como um instrumento terapêutico complementar?
- Quais os itens (afetivo, social ou corporal) que melhoraram na qualidade de vida após a intervenção das oficinas nos sujeitos participantes?
- Quais os itens de intervenção das oficinas que obtiveram maior influência na melhora da qualidade de vida dos sujeitos participantes?

¹A atividade física é definida como qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos que requer gasto de energia. O termo "atividade física" não deve ser confundido com o "exercício". Exercício é uma subcategoria de atividade física planejada, estruturada, repetitiva e proposital no sentido de que a melhoria ou manutenção de um ou mais componentes da aptidão física é o objetivo. A atividade física inclui o exercício, bem como outras atividades que envolvem o movimento corporal e são feitas como parte de jogar, trabalho, transporte ativo, as tarefas de casa e atividades recreativas. Ministério da Saúde. Portaria nº 3.088/GM, de 30 de dezembro de 2011. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <http://www.brasilsus.com.br/legislacoes/qm/1112763088.html>. Acessado em 06/08/2013.

Nesse sentido, o objetivo geral do presente estudo visa compreender de que forma o movimento dançado nas oficinas de DV pelas mulheres com TH (bipolaridade e depressão), integrantes do CAPS II – Canoas promoveu um processo de integração emocional, social e corporal do indivíduo, melhorando na qualidade de vida. Relacionado a esse objetivo principal, traçamos outros aspectos que consideramos importantes para a compreensão, mais especificamente, com intuito de gerar uma reflexão sobre a influência do movimento dançado nas oficinas de DV na corporeidade, na socialização e em termos emocionais nas praticantes; avaliar se a DV pode ser utilizada como um instrumento terapêutico complementar e, por fim, propõe-se a elencar quais metodologias e dinâmicas da DV mais se adequaram, enquanto promotora de qualidade de vida para as usuárias participantes destas oficinas.

2 A DANÇA DO VENTRE, A RELAÇÃO COM A CORPOREIDADE E A ARTETERAPIA

Para compreender melhor este estilo de dança, é necessário conhecer sua história, saber suas origens e sua atual manifestação. Neste capítulo abordaremos a evolução da DV e seu surgimento no Brasil. Trataremos também sobre a comunicação não verbal, a dança como um recurso expressivo, a corporeidade como entrelaçamento com os outros e o mundo, através da dança, e seu caráter transformador nas atividades arte terapêuticas.

A DV é uma prática antiga, contextualizada nas culturas em que se inseria e, historicamente constituída a partir de diferentes significados culturais (SALGUEIRO, 2012; CENCI, 2001). Com o passar do tempo, perdeu sua função sagrada inicial e tornou-se parte da cultura árabe, atualmente é também uma forma de expressão artística (TREVISAN, 2000; SALGUEIRO, 2012).

2.1 A História da Dança do Ventre

Há pouca literatura disponível no Brasil. Portanto, para realizar a abordagem histórica, o presente estudo baseia-se em dissertações acadêmicas e artigos científicos, além dos poucos livros disponíveis.

A origem da DV é até hoje imprecisa (MOHAMED, 1995; LA REGINA, 1998; BENCARDINI, 2002; FRANZOSI, 2009). Existem algumas suposições, a mais aceita pelos profissionais da área é que sua origem está relacionada aos rituais de fertilidade, os quais eram em honra das divindades femininas que protegiam as águas, as terras e as colheitas.

De acordo com Portinari (1985), a mais antiga imagem de dança data de 8300 A.C., nas cavernas de Cogul, na Espanha, é um desenho de nove mulheres em torno de um homem nu, o que acreditam ser um ritual de fertilidade. Nessa época, esses ritos estavam ligados à agricultura, pois os antigos povos acreditavam que simulando o ciclo da natureza poderiam controlá-lo.

Esses rituais seriam mais comuns por volta de 6.500 A.C., pois existem estatuetas que indicam esse culto mágico. Uma das principais manifestações no culto da deusa-mãe era a dança. (PORTINARI, 1985, p.18) “Nos primeiros rituais de fertilidade nasceu uma dança que sobrevive até hoje, a dança do ventre. Com seus movimentos sinuosos, pode simbolizar alguns movimentos do ato sexual”.

Os rituais de fertilidade podem ser encontrados em todas as culturas primitivas, e representavam como a vida, a morte e a ressurreição.

Por volta de 4.500 A.C, os Sumérios se expandiram por todo o oriente médio. Segundo Reis (2008), essa civilização foi formada por um povo que, vindo da Anatólia (atual região da Turquia), fixou-se entre os rios Tigre e Eufrates, numa região localizada onde hoje é o sul do Iraque.

Segundo Bencardini (2002) a DV liga-se historicamente à sexualidade feminina e ao registro simbólico de sua divinização. Na Mesopotâmia, dançavam em veneração à Grande Mãe, chamada de Inana, entre os antigos Sumérios; Ishtar entre os Assírios Babilônicos e Astarte entre os Cananeus e Fenícios, todas elas ligadas à fecundidade e ao ciclo da natureza, tanto em termos de mitologia como de significado.

Para Penna (2001) os Sumérios que provinham da Ásia Central (por volta de 3500 A.C.) já reverenciavam a grande mãe na forma da Deusa Inana (deusa do amor e da alegria de viver). Seus rituais eram dançados por sacerdotisas de maneira erótica, com movimentos aliados à música e com uma sinuosidade semelhante a uma serpente.

No Egito Faraônico encontram-se fragmentos de textos e imagens de 3.000 A.C. Mohamed (1995) afirma que há indicativos que podem ser considerados antecessores da DV. Neste sentido, foram encontradas pinturas e esculturas do Egito Faraônico, onde se cantava e dançava o mistério de Osíris, a quem se atribuía ter ensinado a agricultura aos homens. Através dos hieróglifos, os egípcios fizeram notações gráficas da dança, foi evidenciada a predominância das mulheres que eram escolhidas e viviam em templos mantidos pelos donativos. “Sua razão de ser era adorar a deusa através do amor sexual, trazendo por esse intermédio o amor da deusa à esfera humana” (QUALLS-CORBETT, 1990, p. 51). Também há registro sobre a forma da escolha dessas “deusas” na Índia, onde eram escolhidas no momento do nascimento através de um horóscopo, sendo levadas após a menarca, aos templos onde passariam a viver e aprender arte sagrada.

Especula-se, através de pinturas ou desenhos antigos, que no Egito existiam templos para a veneração às deusas Isis, (deusa da vida) e Hathor (deusa da fertilidade). Nesses templos, as sacerdotisas que lá moravam se comportavam com “decência” cantando, dançando e tocando somente para mulheres, nas salas do harém, nunca em praças públicas. Segundo Trevisan (2000) o ritual, que envolvia a consumação do ato de amor, era transformador, pois era consagrado pela deusa. Os valores que recebiam eram para manutenção do templo e não para enriquecimento particular.

Para Mohamed (1998) quem realizava essa atividade nas ruas eram as ghawasis, ou seja, as ciganas nômades, que dançavam e cantavam em praça pública, para alegrar. Embora também fossem bailarinas não tinham o status das Awalin (dançarinas dos templos).

Conforme Salgueiro (2012) com o enfraquecimento do culto a Ísis, a DV foi perdendo seu caráter sagrado. Por volta de 650, os árabes invadiram o Egito e à DV acrescentaram seu caráter festivo, tomando-a como costume.

Faz-se necessário um olhar para a história de uma forma geral, visando facilitar o estudo das ações do homem nessa época, pois ocorreram eventos de grande repercussão.

Para Vainfas et al (2014) os romanos iniciam uma longa expansão territorial (Macedônia, Ásia Menor, Egito, Gália (atual França), Germânia (atual Alemanha), Ilíria (Albânia), Síria, Palestina e Cirenaica (Líbia), até que em 30 A.C. os romanos tomam Alexandria (Grécia).

Conforme Vainfas et al (2014) no final da Antiguidade e início da Idade Média ocorreram muitas invasões. Os Bárbaros ocupavam uma região chamada Germânia e se subdividiam em vários povos. Nos séculos IV e V os principais povos bárbaros se deslocaram em direção ao Império Romano, empurrados pelos Hunos que vinham do oriente, levando pânico e destruição aonde chegavam. Esse processo acabou por precipitar a fragmentação do império (ano de 394), já decadente devido à crise do escravismo e a anarquia militar.

Portinari (1985, p.51) comenta:

As trevas predominaram nos primeiros séculos, durante os quais a Pax romana ruiu sob o impacto de invasões e guerras contínuas. As cidades se despovoaram, o medo e a ignorância reinaram, e o legado cultural greco-romano tornou-se privilégio de poucos letrados que o interpretaram segundo o código cristão.

É importante salientar que grandes mudanças ocorreram juntamente com a chegada das religiões monoteístas, o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo, onde seu Deus tem a forma masculina.

Não há documentos suficientes que comprovem a DV da Idade Média e na Idade Moderna, a documentação existente é difícil de interpretar, pois dança é uma arte visual e o que se tem é a visão subjetiva do espectador que a assiste. Já os camponeses conservaram suas festas de solstício e primavera, de semeadura e colheita, embora camufladas de acordo com as novas crenças.

Observamos, então, que a dança foi saindo dos templos, perdendo seu caráter religioso e indo aos poucos para as ocasiões mais alegre da vida como os casamentos e nascimentos.

Aton (1996) lembra que a sexualidade e a religião andavam juntas, enquanto que nas religiões monoteísta tornou-se incompatível. A igreja fez de tudo para que a dança se tornasse mero entretenimento e também iniciou o costume que a mulher de família não deveria se expor. Assim a DV foi repelida.

Portinari (1985) faz menção da origem da discriminação que existiu até há poucos anos com a mulher ocidental que dançava ou fazia teatro. “Temos que agradecer às corajosas mulheres que se submeteram ao descaso, serem mal vistas [...] e às pequenas aberturas religiosas e políticas e dançaram...nos trouxeram a dança do ventre”.(TREVISAN, 2000, p. 34)

Seguindo a cronologia, quando Napoleão invadiu o Egito, as bailarinas ghawasi dançavam para entreter os soldados franceses, equilibrando suas espadas pelo corpo enquanto realizavam os movimentos e algumas também se prostituíam. "Ellos bailaban en las fiestas que ofrecen frente a las mujeres de la casa, con el fin de seducir." (MOHAMED, 1998, p. 54,).

Ainda que cantassem e tocassem instrumentos variados em suas performances as ghawazi (singular: ghazya), eram mais conhecidas por sua dança do que pelos números musicais. Apresentavam-se em ambientes de audiência masculina ou feminina, em cafés, casamentos e eventos públicos, como os mawalid, as festas de santos populares, toleradas, mas não aprovadas, pelo Islã das elites. (SALGUEIRO, 2012, p.30)

As bailarinas foram proibidas de se aproximar dos soldados, pois esses dispensavam grande tempo às bailarinas. Com a desobediência à regra, muitas foram mortas e outras dançarinas emigraram para a França. Segundo Salgueiro (2012), evidência denotada no quadro "Odalisque", de Renoir, que retratava uma bailarina.

“Influenciado por artistas de seu tempo e estimulado pela nova moda orientalista, Gérôme foi o pintor que retratou a almeh com mais frequência, colocando a dançarina em posição de destaque em suas obras” (SALGUEIRO, 2012 p.143)

Aton (1996) conta que haviam casas de chá, locais onde se fumava o narguilé, bebia-se café, conversava-se com os amigos e aproveitava-se o show de cantores e bailarinas ghawasis, onde só era permitida a entrada de egípcios. Tanto é que Napoleão construiu no Cairo um teatro onde as bailarinas se apresentavam e recebiam por isso.

Conforme Mohamed (1995) em 1834, o governador Mohamed Ali, proíbe as danças femininas no Cairo, por pressões religiosas. Em 1866, a proibição é suspensa e as ghawazee retornam à cidade.

Segundo Xavier (2006), quando Napoleão inaugurou a Era Orientalista o interesse do ocidente pelo mundo árabe ocasionou constantes apresentações em eventos para estrangeiros, difundindo aquela cultura. Também houve um grande festival em Chicago onde Fahreda Mahzar (Síria) encantou o público com sua dança. Várias bailarinas saíram do Oriente em busca de trabalho.

Trevisan (2000) chama a atenção para a dança como brincadeira, que as mulheres comuns, com a roupa que estiver no corpo, fazem em festas familiares, por ser considerada uma tradição local. Dançam nessas ocasiões festivas porque aprenderam com as mulheres mais velhas da família, que vão passando o seu conhecimento de geração em geração.

Muito pouco restou das danças originais, ao longo dos tempos passou por modificações diversas, como a inclusão dos movimentos do ballet clássico em 1930. “Dos trionfi renasceu o apogeu do ballet de corte com Luis XIV, ela se diversifica e recebe normas. Os mestres já não se limitavam a ensinar à nobreza. Lecionam em academias abertas a alunos das mais diferentes origens sociais” (PORTINARI, 1985, p. 60).

Anos mais tarde, com o surgimento da dança moderna, Ruth St. Denis foi “marca definitivamente o nascimento da dança moderna a partir da idéia mestra de Isadora Duncan: A dança como expressão da vida interior” (ANDRADE, 2011). Algumas de suas alunas, embora de diferentes estilos de dança, também se destacaram, como Doris Humphrey ,Martha Graham caso de Gertrude Vanderbilt Whitney, que foi uma das bailarinas de DV mais famosas na América.

Conforme Salgueiro (2012) os meios de comunicação foram fundamentais para a consolidação, fora do Egito, da DV como entretenimento, isso no início do séc. XX, pois algumas bailarinas egípcias participaram de filmes do cinema egípcio e hollywoodiano, principalmente nas décadas de 30 a 50.

Samia Gamal, ao lado de Tahia Carioca, são consideradas duas das mais famosas bailarinas do mundo. Segundo Reis (2008) podemos destacar Samia Gamal a responsável por levar a DV para Hollywood e Europa, participou de filmes de Oscar Wilde, destaque para o filme Ali Baba e os 40 ladrões, também é conhecida por ter incorporado técnicas do balé (como giros e deslocamentos) e de danças latinas em suas performances. Foi ainda, a primeira bailarina de DV a usar salto alto nas suas apresentações e também tornou o uso do véu muito popular. Segundo Hossam Ramzy² Abla Muhammad Karim aderiu o nome artístico Tahia

² Conhecido como o embaixador egípcio do ritmo e artista de renome mundial em música do Egito. Em 1994, Robert Plant e Jimmy Page (ex-Led Zeppelin) convidaram Hossam a trazer uma banda de músicos árabes e trabalhar em seu álbum comemorativo ‘No Quarter – Unledded’ para o qual ele foi premiado com um DISCO

Carioca na década de 30, o nome foi em função de seu derbakista misturar sons árabes aos sons brasileiros, os quais a bailarina muito apreciava. Ao todo Tahia participou de 120 filmes, além de ter trabalhado na televisão e no teatro.

Na vida holywoodiana, foram acrescentadas coreografias e acessórios ao contexto, e o cinema influenciou com o balé clássico, jazz, dança espanhola e indiana.

Segundo Trevisan (2000) na década de 50 e 60, Nadia Gamal fez sucesso e foi a responsável pelo surgimento da primeira escola de DV em Beirute, Líbano. Concomitantemente, na Rússia em 1957, Naima Akef apresentou sua dança em um festival internacional de juventude e ganhou o primeiro prêmio de melhor bailarina. Logo em seguida, Naima estrelou o filme *El Eish Wel Malh* (o pão e o sal), que foi um sucesso, os trabalhos no cinema vieram um após o outro, sempre com sucesso. Como vinha de uma família de circo, estava muito consciente sobre treinamentos e seu peso, que eram mantidos sob rigoroso controle, para que permanecesse flexível e de jovem aparência. Naima sacrificou até mesmo os prazeres maternais, de ter seus próprios filhos, até pouco antes do fim de sua vida.

Nagwa Fouad é a mais famosa das bailarinas da segunda metade do século XX. Ela se apresentou na Europa e Estados Unidos, onde fundou uma escola de dança oriental em Nova Iorque. Souhair Zaki foi contemporânea de Nagwa Fouad. O estilo de dança de Souhair era natural e simples, o oposto de algumas bailarinas, como a Nagwa Fouad. Souhair tornou-se uma das bailarinas mais famosas dos anos 60 e 70 no Egito, tanto no cinema como no palco. Segundo Salgueiro (2012) ela foi a primeira bailarina a dançar músicas de Om Kalthoum, uma das maiores cantoras da história da música árabe. Também dançou para muitas autoridades como o ministro de defesa da Rússia e o presidente Nixon dos EUA. E participou de alguns filmes. Hoje, dançar Om Kalthoum é considerado uma parte da rotina clássica.

Trevisan (2000) relata que Fifi Abdo fez sua primeira aparição no cinema como bailarina e atriz em 1972, conhecida pelos seus shimmies, sempre foi polêmica, se envolvendo em uma série de escândalos. Por outro lado, contribuiu muito para melhorar a situação das bailarinas no Egito, criando um sindicato de bailarinas no país, com o intuito de garantir e reivindicar direitos às tão mal vistas e faladas profissionais da área.

A bailarina Mona Said nasceu no Egito. Conforme Trevisan (2000) em 1975 já era considerada uma bailarina profissional amplamente conhecida, seguia o estilo de dança inaugurado por Tahia Carioca.

Raia Hassan é egípcia, professora e coreógrafa de DV conhecida no mundo todo. Várias das grandes bailarinas atuais foram suas alunas como Aza Sharif, Mona el Said, Dina, Amani, Soraya Zaied (brasileira que vive no Egito), Randa Kamel. Sua fama de professora não veio em consequência de sua carreira solo, como ocorre com a maioria das bailarinas desse estilo. Mas por promover há anos o Ahlan Wa Sahlan Festival no Cairo, Egito, o maior festival de Dança do Ventre, dados retirados do site www.centraldancadoventre.com.br/a-danca-do-ventre/a-danca-do-ventre-grandes-nomes.

Através dos filmes e vídeos antigos temos uma rica fonte de conhecimento³. Mas essa releitura hollywoodiana, das bailarinas ícones, modificou as características de figurinos, que passaram a utilizar muito mais brilhos e transparências. Como os trajes de dança, antes dos filmes eram relacionados à cultura em que estavam inseridos, não se mostravam partes do corpo, aqui também ocorreu uma grande modificação com a exposição das partes do corpo, inclusive o ventre. “No século XX, com tantas influências na técnica e na estética, a DV desenvolveu, sobretudo no Egito, convenções de apresentação para palco em contraponto da preservação das tradições das danças populares [...]” (CUNHA, 2010, p.27).

Estabelece-se assim, as duas principais linhas de manifestação cultural em dança: a de caráter popular e a linha clássica. Atualmente, soma-se a elas, o estilo moderno.

Segundo Martins (2005) uma abordagem conhecida como folclórica, com uma forte ligação à origem baseia-se na tradição, têm movimentos que representam costumes de cada região. Neste caso, do Oriente Médio, com vestimentas típicas, gestuais específicos e regradados. A segunda linha, clássica, é a DV habitual a qual funde diversos estilos da região e, por terceiro, a linha com caráter moderno que mistura as manifestações culturais da DV com a cultura ocidental.

Mahmoud Reda⁴, em meados do século XX, foi um dos profissionais que estabeleceram padrões para a popularização da dança, recriando cenas dos costumes locais.

Segundo Cunha (2010) a DV clássica se conecta com a virtuosidade da dança, rica em movimentos nos quadris, uso de membros superiores e inferiores e deslocamentos com técnica construída.

³ Conhecido pelo meio da dança do ventre, como o maior e melhor site de Central dança do ventre com embasamento científico. Artigos sobre grandes bailarinas de dança do ventre www.centraldancadoventre.com.br/a-danca-do-ventre/a-danca-do-ventre-grandes-nomes. Acessado em 18 de maio de 2014.

⁴ Mahmoud Reda nasceu em 1930, no Cairo, imerso em sua herança cultural e em sintonia com o modernismo que estava acontecendo no Egito na época, ensinou os dançarinos, coreografou e dirigiu todas as performances de palco. Com suas inovadoras coreografias criou um gênero de dança que abraçou muitos estilos. Farida Fahmy foi a bailarina principal por 25 anos de palco.

A dança moderna é aquela que recebe possibilidades criativas, num processo evolutivo desta arte. Inclusive elementos com efeitos visuais criados pelos diversos tipos de véus⁵.

2.1.1 A dança do ventre no Brasil

Por volta de 1880, os primeiros imigrantes vieram da Síria e do Líbano para o Brasil, trazendo a DV em sua cultura, que era passada de mãe para filha. Fixaram sede no estado de São Paulo. De modo semelhante, podemos pensar que nós brasileiros temos o samba, e aqui no Rio Grande do Sul a cultura do gaúcho, que pode ser praticada nos centros de tradições.

Mas acredita-se que o início da DV profissional, foi aproximadamente há uns quarenta anos, através de Madelaine Iskandarian, bailarina conhecida como Sharazad, que ministrava aulas em casa (ISKANDARIAN, 2002), e foi responsável pela formação de grandes bailarinas e professoras dessa modalidade. Também sabe-se de Saamira, que iniciou sua carreira artística na década de 70, e fundou o conhecido festival de dança Mercado Persa. Nessa década existiam alguns restaurantes árabes como Semíramis, Bier Maza e o Porta Aberta que possuíam apresentações de DV como atração para seu público frequentador, em sua maioria, eram descendentes árabes (ATON, 1996). Surgia a primeira geração de bailarinas no Brasil Shahrazad, Saamira, Rita, Selma, Mileidy e Zeina.

Na década de 80, como já referido na pesquisa, a literatura específica era escassa e no Brasil não havia produção de obra sobre a DV. Era difícil até mesmo obter materiais para estudos, aulas e apresentações como discos, CDs, vídeos e roupas (que muitas vezes eram produzidos pelas próprias bailarinas). Nessa mesma década abre-se a casa de chá egípcia Khan El Khalili, na cidade de São Paulo.

Na década de 90, começaram a surgir publicações sobre a DV em jornais e revistas, apareceram os programas de televisão, rádio e internet tratando do assunto. Aluna de Sharazad, Lulu Sabongi é importante peça para o desenvolvimento da dança no país, devido a sua enorme dedicação ao estudo dessa arte. Nasceram assim os vídeos didáticos, CDs e revistas para referência. Claudia Cenci, jornalista e bailarina, também realizou e produziu importantes ensaios sobre o tema.

A procura pela dança acentuou-se na época da novela “O Clone”, exibida pela Rede Globo de televisão. O folhetim nos apresentava os costumes árabes tendo a DV incluída nesta

⁵ Entre eles os véus de seda adaptados à malabares circenses chamados “Poi”, véus de seda adaptados a leques chamados de “Fan”, tecidos metálicos plissados imitando as grandes asas da Deusa Ísis chamados “Wings”, longos tecidos esvoaçantes,

cultura, desde então a DV cresceu no Brasil. O público praticante não é em sua maioria descendente da colônia árabe, tendo a visão dessa dança como espetáculo, onde as bailarinas são reconhecidas como artistas.

A DV, conforme Salgueiro (2012), é trabalhada aqui no Brasil com o “modo ocidental de aprendizado”, ou seja, de forma desfragmentada. Assim, entendemos que inicialmente o praticante deve ter o contato com cada parte do corpo (separadamente) para, posteriormente, uni-las. “Depois de experimentar, mover as diferentes partes, vai-se integrá-las e integrar-se a elas através da dança. Conectar-se pelo movimento”. (SOUZA, 2012, p. 58)

2.2 Corporeidade na Dança

O corpo apreende a cultura na qual está inserido, sem que diversas vezes os próprios agentes se deem conta, Aparentando ser consciente, porém sendo constantemente afetado pelo grupo familiar, estrutura de classes, religião, trabalho, ou seja, combinando elementos socioculturais, psicológicos e biológicos, culturais.

Dessa forma, a pesquisa aprofundará o estudo sobre o corpo a partir de uma concepção específica, requerida para dar conta e que constituirá o fazer expressivo. Não se trata de um corpo que possa ser reduzido a um estado de objeto, mas sim, de um entrelaçado de sensações, sentimentos e movimentos.

Para Merleau-Ponty (1961) o corpo é uma unidade de reflexão e expressividade com o mundo, é através do corpo que ocorre o entrelaçamento com os outros, com as coisas e com o mundo.

O corpo vivencia de diversas maneiras o conhecimento dos papéis de sujeito, o seu passado e presente que está inserido, projetando para um futuro. Segundo Gallina (2008) os movimentos expressivos podem levar a descoberta de possibilidades, levando à busca da realização pessoal, é um processo onde as conquistas são pessoais, influenciando na vida diária.

O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o “outro lado” do seu poder vidente. Ele se vê vidente, se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo. É um si, [...] por confusão, por narcisismo, inerente naquele que vê ao que ele vê, naquele que toca ao que ele toca, do sensiente no sentido – um si que é tomado entre coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro [...]”(MERLEAU-PONTY, 2004, p. 17)

O encontro com o próprio corpo através das oficinas de dança, onde está envolvida a expressividade através dos movimentos dançados, propicia experiências, algumas novas e

outras já conhecidas, resultando num processo de trocas do próprio corpo das usuárias com o da bailarina de DV, aflorando nelas sentimentos de leveza, liberdade, sensualidade e autoconfiança.

[...] o corpo era convocado como dimensão que sincronizava a experiência individual, o conhecimento socialmente construído e o mundo percebido, quer dizer, o corpo abarcava o que aquele indivíduo era no seu ser-estar no mundo, o que já tinha apreendido, formalmente ou não e o que ele percebia naquele momento. (FONSECA 2012, p.13)

Segundo Deleuze e Guattari esses movimentos expressivos através da DV são ações que não se resumem a imitar ou ainda, identificar-se através das sensações, mas sim, remetem a um “*devir*”, pois implica num “*tornar-se*”, condicionando a transformações e mudanças.

Deleuze também chamou esse “*devir*”, de ressonância “energética” entre os corpos (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 218). Mais recentemente também chamou de “fato intensivo do corpo” (DELEUZE, 2007, p. 52). “[...] essa sensação como o encontro de uma onda que percorre o corpo com as forças que agem sobre ele.”(MARTINS, 2010, p.109).

Assim, trabalhando o corpo e a sua própria linguagem, com a conexão entre movimentos expressivos e emoções, propiciando a integração psicofísica do indivíduo através da dança e da corporeidade que ela representa, pode haver mudanças psicológicas.

Para Dergan (2013) a dança é uma marca de identidade cultural do homem, que move o indivíduo a criar novas formas de comunicação, enquanto sujeito histórico e cultural, e a desenvolver uma multiplicidade de narrativas por meio de seus movimentos corporais.

Para melhor compreender, a seguinte reflexão exemplifica: “A dança é a arte do movimento do corpo, assim como o pintor se apropria do pincel para dar vida à tela, o homem se utiliza do “instrumento corpo” para desenhar os seus movimentos no espaço e escrever a sua própria coreografia”. (DERGAN, 2013, p. 43)

Através dessa comunicação não verbal, na dança utilizamos a linguagem corporal para expressar sentimentos, mensagens e até ideias ao espectador que reagirá segundo suas próprias concepções de vida.

2.2.1 Comunicação não verbal e simbólica

Existem várias formas de comunicação. Quando o homem utiliza a palavra, ou seja, da linguagem oral ou escrita, dizemos que ele está utilizando uma linguagem verbal, pois o código usado é a palavra.

Com ausência da palavra, nós ainda temos a linguagem, sendo possível decifrar mensagens. O tipo de linguagem, cujo código não é a palavra, denomina-se linguagem não verbal, isto é, usam-se outros códigos, muitas vezes simbólicos (o desenho, a dança, os sons, os gestos, a expressão fisionômica, as cores).

A comunicação não verbal é um meio, dentre outros, de transmitir informação; o autor se refere a este tipo de códigos como as comunicações não verbais. Estas são definidas como os diferentes meios existentes de se comunicar entre seres vivos que não utilizam a linguagem escrita, falada ou seus derivados não sonoros (linguagem dos surdos-mudos, por exemplo) (CORRAZE, 1982).

Para o ser humano as comunicações não verbais se processam através de três suportes. O primeiro, o corpo nas suas qualidades físicas, fisiológicas e nos seus movimentos. O segundo, no homem, ou seja, objetos associados ao corpo como os adornos, as roupas, inclusive as marcas ou cicatrizes de tatuagens, de rituais ou não; neste suporte ainda podem ser relacionados os produtos da habilidade humana que podem servir à comunicação. O terceiro suporte se refere à dispersão dos indivíduos no espaço, este engloba desde o espaço físico que cerca o corpo até o que a ele se relaciona, o espaço territorial (CORRAZE, 1982).

Os gestos e os movimentos fazem parte dos inúmeros canais de comunicação que o ser humano utiliza para expressar suas emoções e sua personalidade, comunicar atitudes interpessoais, transmitir informações nas cerimônias, nos rituais, nas propagandas, nos encontros sociais, políticos e demonstrações de arte.

Nós tendemos a interpretar as informações de acordo com as nossas crenças, preconceitos, expectativas e necessidades. Cada pessoa tem uma percepção própria sobre as coisas e sobre as pessoas. Para Dantas (1999, p. 78) “o importante é a relação que se estabelece entre quem dança e quem assiste. A significação será construída nesse processo e a cada execução de uma dança poderão surgir novos sentidos coreográficos”.

Na dança podemos potencializar a capacidade de expressão física e a forma como nos apresentamos. Esse diferencial depende, única e exclusivamente, da nossa compreensão quanto à importância de cada gesto que permeia a interação humana. A linguagem corporal ajuda a dizer o indizível, a dar forma a um sentimento e a concretizar as imagens das emoções.

As bailarinas, exercitando a forma de transmitir ideias com naturalidade, desenvolvem o jogo fisionômico, a postura cênica, o domínio das expressões faciais, os passos da dança, os movimentos de braços, pernas e quadris. A plateia lê pela linguagem corporal, os gestos expressivos que ajudam a reforçar, a complementar e a compreender ideias.

2.3 Arteterapia através da Dança

A arteterapia (AT) pode oferecer aos indivíduos possibilidades de expressão. A dança vem a esse encontro como um recurso à AT, podendo propiciar processos elaborativos onde alguns problemas são redimensionados, criando um ambiente de expressividade através da dança, favorecendo ao indivíduo trabalhar suas questões, deixando fluir o mundo interior.

2.3.1 A dança como expressão

Para Duchaste (2010), o movimento ajuda o indivíduo a centrar-se em si mesmo.

Estudando a história da dança percebe-se o vínculo à história global, não é dissociada, segue uma linha de manifestações culturais, sendo influenciada por ideologias políticas, sociais e culturais. (SILVA, 2012)

Para Rohr (2012, p.61) a dança pode estar inserida em três áreas: na educação, na arte e na terapia - “através da aceitação do eu; da identificação com o outro; a fim de desenvolver a consciência do corpo e da sua psique, de seus limites e potencialidades”, fazendo um resgate da expressividade do movimento existente em cada um. Nascemos com essa expressividade do movimento, mas para muitos permanece inconsciente, essa interiorização através da dança, de forma consciente trará uma capacidade de explorar os próprios sentimentos, se tornando um corpo expressivo e criativo (BAGGIO, 2002), ou para Garcia e Haas (2008, p.13) em que “o corpo é o corpo e nele está a sua expressão [...] expressão corporal inerente à vida do indivíduo, que é inseparável da personalidade, das atitudes, da autenticidade, do jeito...”, conduzindo à forma de se comportar no mundo.

Segundo Marques (1995, p. 13) “a dança, enquanto arte tem o potencial de trabalhar a capacidade de criação, imaginação, sensação e percepção, integrando o conhecimento corporal ao intelectual”.

Sendo a DV uma forma de expressão, de uma cultura que não é a do Brasil, onde há uma linguagem específica, faz-se necessário no primeiro momento a disposição em aprendê-la. No mundo oriental árabe, a DV faz parte da cultura e costuma ser realizada de maneira informal, entre família e amigos, de forma simples, com passos básicos, sem coreografias e de forma harmoniosa.

Para as brasileiras, que não vivenciam a cultura árabe, costuma-se ter aulas dessa dança com professoras, metodologia ou linhas de ação para trabalhar os conteúdos e alcançar os objetivos pretendidos. Segundo Dergan (2013, p. 58) estudam-se os mesmos movimentos

básicos e livres, “mas incorpora ainda diversas outras composições e elementos, como grandes deslocamentos, orientação do corpo no espaço; marcação minuciosa da música (que acrescenta maior potencial de entretenimento à dança; e preocupação com a expressão facial)”.

“No caso específico da dança do ventre, a professora e a dançarina são as principais formadoras de público crítico. Porém há que se separarem os papéis: quem educa o olhar crítico e consciente é a professora, não a dançarina”. (CUNHA, 2010, p. 36)

Desenvolvemos uma linguagem coreográfica formada pela comunicação das vivências corporais e das imagens das nossas memórias. Sendo assim, a personalidade do indivíduo, suas histórias e vivências pessoais irão caracterizar suas respectivas obras.

A dança estabelece uma forma de consciência corporal, à qual se associaria a expressão, o movimento e suas relações com o meio social. “O ensino efetivamente se entranha no corpo da bailarina ao ponto de se transparecer em sua dança”. (SALGUEIRO, 2014, p.59)

Na DV, o modo de expressão da bailarina também pode evidenciar qual linha de estilo a bailarina segue.

[...] a intenção é responsável pela "identidade" de uma determinada dança; a partir de seu modo de expressão, um passo permite ao expectador iniciado saber se tratar de uma peça coreográfica clássica, moderna ou mesmo se a artista segue a linha egípcia, libanesa, americana ou nenhuma destas. (SALGUEIRO, 2012, p. 65).

A apropriação dos movimentos codificados e da estética específica da DV ocorreria com treinamento. Para Reis (2008) na realização, o corpo assume formas específicas dessa dança. Mas “[...] a questão da educação corporal não é de responsabilidade exclusiva [...] da dança ou da expressão corporal. O corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado.” (STRZZACAPPA, 2008, p. 10).

2.3.2 Arteterapia

Arteterapia (AT) é uma forma de terapia realizada através da arte, na qual ocorre um processo criativo e de experimentação artística, possibilitando a expressão e comunicação do sujeito (criador) consigo próprio e com o mundo, ou seu meio. Em cada “obra” (no sentido geral, o que é produzido), é dada vazão ao nosso potencial criador, deixando que significados, às vezes desconhecidos até mesmo do indivíduo possam emergir, contando um pouco da

emoção, da história, da singularidade. Segundo Puffal, Wosiack e Becker Junior (2009, p. 138) “a AT pode ser um caminho revelador e inspirador que nos ajuda a entrar em contato com a possibilidade [...] de acreditar, desafiar, reconstruir, criar e expressar as emoções, sentimentos e imagens que trazemos dentro de nós”.

Em 1920, Jung introduzia a arte no tratamento de seus pacientes, utilizando técnicas variadas como: desenho, pintura, escultura e outras expressões artísticas. Utilizou a arte como sendo a possibilidade de representação do simbolismo do inconsciente individual (conhecimento de si mesmo e de sua atuação no mundo), bem como do coletivo. Para Arcuri (2006), as expressões artísticas fazem a ponte entre o inconsciente e o consciente.

No Brasil, Osório César⁶ (na década de 1920) e Nise da Silveira⁷ (na década de 1940) utilizaram propostas de tratamentos com arte e expressão artística, e comprovaram sua eficaz utilização como auxílio no tratamento de psicóticos, principalmente.

Segundo Santos (2005) debruçando-nos sobre a história da psiquiatria, vemos emergir duas possibilidades: a exclusão de uma renovação psicológica ou a possibilidade da renovação psicológica através da sensibilidade.

A AT pode basear-se em métodos de tratamentos que mediem diversos enfoques, “[...] está disponível para várias áreas e abordagens.” (MELO, 2007, p. 160), e ainda, “consiste no processo terapêutico mediado pelo uso dos materiais expressivos” (SOUZA, 2012, p. 17).

Segundo Melo, (2007, p. 159) existem diversas maneiras reconhecidas, para expressar a subjetividade do indivíduo através das artes, “os recursos artísticos são utilizados para entrar em contato com conteúdos inconscientes, que podem ser conscientizados e elaborados”, “funcionando como caminho para o autoconhecimento e contribuindo para sua saúde como um todo”. (SOUZA, 2012, p. 17). Podemos citar como meios artísticos, a dramatização, contos de fada, a dança, a pintura, entre outros. Segundo Melo (2007, p. 166) cada técnica

⁶ Osório Thaumaturgo César, mais conhecido como Osório César (Paraíba, 17 de novembro de 1895 — Franco da Rocha, 3 de dezembro de 1979), foi um renomado psiquiatra e intelectual brasileiro, notabilizado como um dos pioneiros no uso da arte como recurso terapêutico em psiquiatria, bem como por sua oposição aos métodos agressivos de tratamento de alienados então vigentes. Consta como um dos 24 membros fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em 1927, e também da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro em 1928.

<http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/169/BIOGRAFIA-OSORIO-THAUMATURGO-CESAR.pdf>

⁷ Nise da Silveira (Maceió, 15 de fevereiro de 1905 — Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1999) foi uma renomada médica psiquiatra brasileira aluna de Carl Jung. Criou a seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR) tinha alguns setores especializados, mas foi a criação do atelier de pintura que o tornaria famoso. Para Nise, a terapia ocupacional era uma psicoterapia não verbal, única e apropriada à reabilitação de psicóticos. Ela ressaltava o alcance desta terapia para além das formas convencionais de psicoterapia (verbais), ao constatar que a comunicação com os esquizofrênicos graves só poderia ser feita inicialmente em nível não verbal. <http://www.museudapsiquiatria.org.br/biografia/exibir/?id=6>

específica vai estimular uma dimensão do indivíduo. “a dramatização possibilitaria construir um personagem atribuindo-lhe um papel da vida real; o conto de fada ilustra a psique humana”, a dança seria identificar a si mesmo através do corpo, ou seja, dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais de si.

Segundo Souza (2012) todos tem um mundo próprio, a AT pode ser um meio de alcançar o inconsciente. As vivências deixam registros psíquicos no corpo, ao trabalhar esse corpo, ele se relaciona com essas memórias, que estão carregadas de emoção, desejos e energia psíquica. “A dinâmica do processo psíquico se dá por meio de imagens, que vão se transformando em símbolos, isto é, em imagens simbólicas [...] símbolo vem do inconsciente e, através das modalidades expressivas emergem para o campo consciente” (MELO, 2007, p. 165).

3 TRANSTORNOS DE HUMOR, CAPS E ATIVIDADES LÚDICAS

Os transtornos de humor estão entre as perturbações psiquiátricas mais frequentes tratados nos CAPS. Segundo o relatório Saúde Mental em Dados, divulgado pelo Ministério da Saúde em 2008, “a atenção básica tem como meta a promoção da saúde e prevenção de doenças e uma das estratégias é promover atividade física, práticas corporais; práticas integrativas e complementares na saúde mental.”

Um instrumento de trabalho em saúde mental amplamente utilizado nos CAPS é o Projeto Terapêutico com discussão de caso clínico, como forma de possibilitar uma atuação integrada da equipe interdisciplinariamente e de considerar outros aspectos no tratamento dos usuários, além do diagnóstico psiquiátrico e da medicação. Dessa forma, possibilita a utilização de atividades práticas como recurso metodológico para a promoção da saúde mental.

“A experiência do CAPS demonstra que as diferentes atividades oferecidas, como oficinas e outros recursos da instituição proporcionam modos diversos da ligação do sujeito ao trabalho de encaminhar sua vida” (CARVALHO, 2008, p. 63).

3.1 Transtornos de Humor

A saúde mental na história foi e é entendida de variadas maneiras; interpretações da loucura sempre são relacionadas a tudo aquilo que é novo ou simplesmente diferente, o que pode deixar de ser considerado loucura nas épocas posteriores, seguindo o modelo de saúde existente no momento, e se refletindo no tratamento (SANTOS, 2008).

Com a Reforma Psiquiátrica Brasileira iniciando na década de 1970, ocorreram mudanças na assistência à saúde mental com o objetivo de diminuir as internações nos “manicômios” ou hospitais psiquiátricos, ocasionando uma progressiva diminuição de internação - forma de exclusão social. Após muitos debates e discussões, em 1992 o Ministério da Saúde regulamentou os serviços de saúde mental. Mas só em 2001, a Lei Federal número 10.216 (conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica) foi sancionada, criando novos espaços para os sujeitos transtornados (loucos).

Colaborando para o surgimento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) cujo objetivo maior é manter a convivência e a interação no seu contexto social. Conforme a Portaria/GM nº 336/02, os CAPS são compatibilizadores em atender diariamente a população,

prestar acompanhamento clínico e reabilitação psicossocial aos sujeitos com transtorno mental.

Em diretrizes para um modelo de assistência integral em saúde mental no Brasil da Associação Brasileira de Psiquiatria – ABP; Associação Médica Brasileira – AMB; Conselho Federal de Medicina – CFM; Federação Nacional dos Médicos – FENAM (2006, p.6) a doença psiquiátrica é: “a diferença entre a saúde e a enfermidade psiquiátrica é antes de tudo uma questão da qualidade das manifestações mentais e comportamentais apresentadas pelos indivíduos e pelos seres humanos grupalmente, que definem sua clara patologia”. A OMS (2000) revelou que, dentre os países da América Latina, o Brasil apresentou a maior prevalência de transtorno mental na população de 15-59 anos, com índices elevados para os transtornos da ansiedade, do humor e relacionados ao uso de substâncias psicoativas.

As doenças mentais e físicas são influenciadas por uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais sendo que, na maioria dos casos, podem ser diagnosticadas e tratadas de uma forma eficaz em relação ao custo. Sujeitos que participam de terapias de grupo de apoio, vivem mais do que os que não participam, sendo citados os exemplos da depressão que antecipa a incidência de doença cardíaca. Os sintomas e os comportamentos variam, mas caracterizam-se, geralmente, por uma combinação de ideias, emoções, relacionamentos anormais com outras pessoas e também alguns comportamentos. Sendo o comportamento humano configurado, em parte, através das interações com o meio ambiente natural ou social. Moreira (1995) comenta a importância da reflexão e retomada de se trabalhar a relação de corpos com outros corpos, e com o meio ambiente.

3.2 Depressão Maior

A palavra depressão deriva do latim *depremere* e significa pressionar para baixo. A doença se caracteriza por uma combinação de sintomas que interferem na capacidade de trabalhar, dormir, estudar, comer, aproveitar atividades que gostava e impossibilitando a vida normal do sujeito.

Atualmente, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V conhecida pela sigla DSM-V⁸, define que a depressão maior requer: a) o mínimo de duas semanas de humor deprimido ou a perda de interesse ou prazer em quase todas as atividades, acompanhado de b) pelo menos quatro sintomas adicionais de depressão tais como alterações

⁸ DSM-V ((Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) é a sigla para a 5ª versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais..

em apetite, peso, sono (insônia ou hipersonia) ou atividade psicomotora (retardo ou agitação observados); energia diminuída; sentimentos de inutilidade ou culpa inadequada; dificuldade de pensar, concentrar-se ou de tomar decisões; ou pensamentos recorrentes de morte ou ideação, planos ou tentativas suicidas. Esses sintomas devem: c) ter aparecido recentemente ou ter piorado em relação ao estado anterior ao episódio da pessoa; d) persistir durante a maior parte do dia, em quase todos os dias, por pelo menos duas semanas consecutivas, e causar e) sofrimento ou prejuízo importantes nas áreas social, ocupacional. Além disso, os sintomas não devem ser: f) causados pelo luto, abuso de substâncias ou por condição clínica.

A depressão maior é unipolar, pois tem presença de humor extremo, neste caso, o depressivo.

As mulheres são duas vezes mais vulneráveis a desenvolver episódios depressivos durante a vida segundo Parker e Brotchie, (2009). De acordo com esses autores, dentre as explicações para as diferenças entre os gêneros nas prevalências dos transtornos de humor, uma delas seria: o funcionamento hormonal e suas consequências, que na mulher, associado às mudanças ambientais se desencadearia o transtorno. Para Justo e Calil (2006) as diferenças desempenhadas nos papéis sociofamiliares afetam significativamente nas consequências psicológicas dos homens e mulheres quando esses se tornam deprimidos.

3.2.1 Depressão em Esquizofrenia

Os sintomas depressivos podem ser confundidos com sintomas negativos ou sintomas extrapiramidais induzidos pelos antipsicóticos.

A história do transtorno bipolar e da esquizofrenia mudou com o passar do tempo. No final do século XIX, Emil Kraepelin observou que as patologias tinham tanto sintomas, como evolução, diferenciadas. A divergência fundamental é que os pacientes com TBH apresentavam uma evolução mais positiva, podendo retomar suas atividades, pois pode ocorrer a remissão dos sintomas. A esquizofrenia mantinha as características residuais como perda do interesse, apatia, dificuldades de socialização e relacionamento, mesmo nos intervalos das crises. É válido ressaltar que muitos medicamentos atuais ainda não estavam disponíveis.

Na década de 50, voltou-se a confundir a TBH com a esquizofrenia, isso se deu pela utilização do lítio, que passou a influenciar no diagnóstico, confundindo a esquizofrenia com a TBH.

Segundo Bressan (2000, p. 27), na esquizofrenia, os sintomas depressivos de maior especificidade e, portanto, de maior utilidade para o diagnóstico clínico são os seguintes: humor deprimido, desesperança, autodepreciação, ideias de referência de culpa, culpa patológica, depressão matutina, despertar precoce e suicídio.

Na esquizofrenia, o principal diferencial são as alterações do pensamento e de percepção. Enquanto que no TBH são os episódios de humor, como a mania, a depressão ou até mesmo de forma mista (que ocorre a exaltação do humor mas com características depressivas).

Bressan (2000, p. 28) cita a CID-10 que usa o termo depressão pós-esquizofrênica: “As características requeridas incluem que o episódio depressivo, que pode ser prolongado, deve surgir após uma doença esquizofrênica em evolução nos últimos 12 meses. Alguns sintomas esquizofrênicos devem também estar presentes, contudo, não devem dominar mais o quadro clínico. Eles podem ser ‘positivos’ ou ‘negativos’, embora estes últimos sejam mais comuns. Acentuamos que as manifestações clínicas raramente são suficientemente graves ou extensas para preencher os critérios de um episódio depressivo grave e, muitas vezes, é difícil decidir quais dos sintomas são devidos à depressão, às medicações neurolépticas ou ao comprometimento da volição e ao embotamento afetivo da própria esquizofrenia”. No entanto, Cardoso (2007) cita alguns estudos mais recentes que demonstram que isso pode ocorrer em qualquer fase da doença.

Para melhor entender, há dois tipos de sintomas na esquizofrenia: os produtivos e os negativos. Conforme Gattaz (2009-2015) os sintomas produtivos são, basicamente, os delírios e as alucinações. O delírio se caracteriza por uma visão distorcida da realidade. O mais comum, na esquizofrenia, é o delírio persecutório. As alucinações caracterizam-se por uma percepção que ocorre independentemente de um estímulo externo, como: escutar vozes. Delírio e alucinações são sintomas produtivos que respondem mais rapidamente ao tratamento. No outro extremo, estão os sintomas negativos da doença, mais resistentes ao tratamento, e que se caracterizam por diminuição dos impulsos, da vontade e por achatamento afetivo. Há a perda da capacidade de entrar em ressonância com o ambiente, de sentir alegria ou tristeza condizente com a situação externa.

3.3 Bipolaridade

A depressão bipolar é composta pela alternância entre humor depressivo e presença de um episódio maníaco, definido: a) por uma elevação persistente do humor eufórico ou

irritável, acompanhado b) por pelo menos 3 dos seguintes sintomas associados com euforia ou 4 sintomas se associados humor irritável: aumento da autoconfiança ou grandiosidade; taquialalia (fala acelerada) ou pressão por falar; diminuição da necessidade do sono; pensamento acelerado ou fuga de ideias; distraibilidade (incapacidade de filtrar estímulos externos irrelevantes); alteração do comportamento dirigido para atividades prazerosas frequentemente imprudentes ou perigosas; agitação psicomotora.

Segundo Moreno (2005) o transtorno bipolar (TB) tem as formas típicas euforia – mania e depressão, sendo a primeira a mais característica dos episódios, e a hipomania sua forma mais leve. O mesmo autor comenta que muitas vezes o TB vem sendo confundido com a normalidade ou transtornos de personalidade como borderline, histriônico, narcisismo ou antissocial.

Os humores depressivos alternado com a sintomatologia da bipolaridade contribuem em grande parte para a perda da funcionalidade e a diminuição na qualidade de vida conforme Lafer e Nery (2011).

3.4 CAPS II

A saúde mental depende também da existência de condições para uma vida digna, onde haja articulação de indivíduos, comunidades e da sociedade como um todo. O direito à saúde mental é amparado pela legislação brasileira, tendo o acesso facilitado aos serviços públicos de atenção e auxílio.

Segundo o Ministério da Saúde - portaria nº 3.088/GM (2011) houve um ganho terapêutico a partir do estabelecimento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) que têm valor estratégico para a Reforma Psiquiátrica Brasileira. No relatório sobre a saúde mundial da OMS (2001), milhões de pessoas sofrem de algum tipo de doença mental e este número vem aumentando progressivamente, principalmente nos países em desenvolvimento.

A substituição de Hospitais Psiquiátricos pelos CAPS ocorreu devido à organização de uma rede substitutiva. Já na portaria n.º 336/GM (2002), observamos que a função dos CAPS é prestar atendimento clínico, através de ações intersetoriais promovendo a inserção social das pessoas com transtornos mentais e dar suporte e atenção à saúde mental na rede básica, evitando as internações em hospitais psiquiátricos.

As políticas públicas no Brasil, no que tange a saúde mental, tiveram uma grande reformulação, durando mais de duas décadas. A Reforma Psiquiátrica vem propondo mudanças gradativas das políticas públicas para este setor. O modelo de hospital psiquiátrico,

“considerado invasivo e opressor, fundado sobre a discriminação e a segregação de pessoas retiradas de seus campos de convivência, privadas de liberdade e tolhidas no exercício de sua singularidade e cidadania.” Segundo a cartilha Direito a Saúde Mental do Ministério Público Federal / Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (2001), está sendo substituído por serviços abertos e comunitários. Assim surgiram os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)⁹, regulamentados conforme a portaria do nº. 336, de 19 de fevereiro de 2002, recebendo as denominações de: CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPS i e CAPS ad, onde é disponibilizado tratamento multidisciplinar com médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, educadores físicos, assistentes sociais, enfermeiros, além de técnicos de diversas áreas, para as pessoas com transtornos psíquicos.

Além dos serviços tradicionais como psicoterapia, indicação de remédios e praticar uma terapia corporal concomitante a essas, existem propostas mais abrangentes, como oficinas as quais servem de espaço terapêutico (pintar, desenhar, cantar, tocar instrumentos musicais, dançar); cooperativas que oportunizam a geração de renda e autonomia do indivíduo; espaços de trocas na sociedade como apresentação de danças em eventos, participação em seminários. Atividades essas que propiciam a reinserção social do indivíduo e a promoção da inclusão na sociedade.

3.5 Atividades Lúdicas no CAPS II – Novos Tempos

CAPS II é um serviço especializado no tratamento de pessoas com transtornos mentais e caracteriza-se principalmente por uma atenção humanizada, e direcionada para a promoção da saúde. O trabalho desenvolvido é interdisciplinar, em que se valorizam diferentes saberes, visando a elaboração de estratégias e ações voltadas para o desenvolvimento de uma prática transformadora aos usuários. Conta com equipes especializadas formadas por psiquiatra, psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, educador físico, enfermeiro, auxiliar de

⁹ Existem cinco tipos de CAPS diferentes, dependendo do contingente populacional a ser coberto (pequeno, médio e grande porte), do período de funcionamento (diurno ou 24h), e da clientela diferenciada (adultos, crianças/adolescentes e usuários de álcool e drogas):

- CAPS I - são serviços para cidades de pequeno porte, que devem dar cobertura para toda clientela com transtornos mentais severos durante o dia (adultos, crianças e adolescentes e pessoas com problemas devido ao uso de álcool e outras drogas).
- CAPS II - são serviços para cidades de médio porte e atendem durante o dia clientela adulta.
- CAPS III – são serviços 24h, geralmente disponíveis em grandes cidades, que atendem clientela adulta.
- CAPSi – são serviços para crianças e adolescentes, em cidades de médio porte, que funcionam durante o dia.
- CAPS ad – são serviços para pessoas com problemas pelo uso de álcool ou outras drogas, geralmente disponíveis em cidades de médio porte. Funciona durante o dia.

enfermagem,icineiros. Ocorrem atividades variadas: atendimento individual; atendimento em grupo (grupos terapêuticos e de convivência), oficinas expressivas (dança, teatro e trabalhos manuais), atividades esportivas, atendimento individualizado a familiares, atendimento psicoterápico, tratamento medicamentoso, atividades comunitárias (que utilizam os recursos da comunidade).

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de pesquisa

Tratou-se de uma pesquisa de método qualitativo com o delineamento de pesquisa-ação. Utilizamos esse método pois geralmente envolve participação ativa do pesquisador. Para Thiollent (2005) pesquisa-ação é um tipo de pesquisa realizada em associação com uma ação ou com a solução de um problema e no qual os participantes e os pesquisadores estão envolvidos de modo participativo.

4.2 Instrumentos

O método de coleta utilizada foi a observação participante, através da técnica alternativa “oficinas de DV”. Foram utilizados como instrumentos, o diário de campo para registro das ações, informações, observações e impressões nas oficinas de DV. Por fim, após a última oficina, foi realizada uma entrevista individual semiestruturada, com gravação em áudio e transcrita, o que embasou os resultados deste estudo.

4.3 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram onze mulheres participantes do CAPS II - Canoas (Centro de Atenção Psicossocial de Canoas), na faixa etária entre 18 e 59 anos, escolhidas por serem portadoras de TH (depressão maior e bipolaridade), frequentando o serviço, participando das oficinas no local e retornando para suas casas. A amostra foi definida por indicação dos profissionais responsáveis no CAPS (psicólogos, terapeuta ocupacional e assistente social), contatados na primeira aproximação de pesquisa após a mudança de endereço. As mulheres com TH eram as que melhores se encaixavam em nossa pesquisa, pois se apresentavam em maior número. Foram convidadas por telefonema todas as usuárias diagnosticadas com TH e que acompanharam a mudança de endereço do CAPS II Novos tempos, gerando a amostra de onze mulheres, que compareceram na pré-oficina dialogada.

Os critérios de inclusão e exclusão de sujeitos nas pesquisas são:

- a) inclusão - Mulheres portadoras de TH (depressão maior e bipolaridade tipo I), frequentadora do CAPS II - Canoas, a partir de 18 anos e menores de 60 anos.

- b) exclusão – Homens portadores de TH, frequentador do CAPS II – Canoas. Os homens serão excluídos, pois a DV é uma dança preferencialmente para mulheres;
- c) perda – Mulheres portadoras de TH, frequentadora do CAPS II - Canoas, a partir de 18 anos e menores de 60 anos em crise severa (agudização do TH em momento de surto).
 - Mulheres que faltassem a oito oficinas seguidas.
 - Mulheres que receberam “alta” do acompanhamento no CAPS II.

4.3.1 Breve descrição da amostra, onze usuárias.

Utilizamos codinomes, com o intuito de proteger a identidade das usuárias.

Miosótis tem 46 anos, é casada, mora em Canoas com o marido, educadora infantil - turma maternal, apresenta CID 31.4 (transtorno afetivo bipolar, episódio atual depressivo grave, sem sintomas psicóticos). Faz tratamento desde 2010. Relatava apresentar quadros de agressividade, pânico, auto mutilação e irritabilidade constante. Afastou-se um mês do trabalho, no momento do término da pesquisa tinha retornado a trabalhar e ganhou “alta” do CAPS.

Magnólia tem 48 anos, é casada, mora em Canoas com o marido, três filhos e uma neta. Trabalhava no hospital Conceição, na área de higienização terceirizada, essa empresa faliu. Chegou com impregnação medicamentosa ao CAPS. Apresenta CID 31.9 (transtorno afetivo bipolar não especificado). Desempregada.

Jasmim tem 48 anos, é casada, mora em Canoas com o marido e dois filhos, técnica em enfermagem. Apresenta CID 31.5 (transtorno afetivo bipolar em episódio depressivo grave com sintomas psicóticos). Usuária do CAPS desde 2012, com histórico de conflitos familiares. Fez cirurgia bariátrica em 2013. Permanece afastada do trabalho.

Lavanda tem 46 anos, é casada, mora em Canoas com o marido e filhos. Apresenta CID 33 (depressão recorrente). Usuária desde janeiro de 2014, com histórico de conflitos familiares e abuso na infância. Desempregada.

Cravo tem 46 anos, é casada, mora em Canoas com marido e a filha, é analfabeta, dona de casa. Apresenta CID 32 (transtorno afetivo episódio depressivo). Encaminhada por outro CAPS em junho de 2014.

Crisântemo tem 41 anos, mora em Canoas com os filhos, histórico de abuso na infância, após ser assaltada em seu trabalho apresenta CID 32.9 e 43.1 (epísódio depressivo não especificado e estado de "stress" pós-traumático). Usuária do CAPS desde 2013. Desempregada.

Ciclame tem 51 anos, mora em Canoas com marido e um dos dois filhos, que se separou e apresenta depressão. O câncer retornou nas duas mamas. Usuária desde 2012 do CAPS. Dona de casa. Apresenta CID 32 (transtorno afetivo episódio depressivo).

Rosa tem 30 anos, casada, tem um filho, mas quem cuida é a avó. Casal em conflito. Usuária do CAPS desde 2012

Margarida tem 45 anos, mora em Canoas com a irmã, em tratamento há mais de 10 anos. Apresenta CID 20 e 33 (esquizofrenia e depressão recorrente). Apresenta diminuição cognitiva. Não trabalha.

Angélica tem 55 anos, mora em Canoas com uma amiga que a acolheu, com histórico de conflitos familiares, é artesã. Relata histórico de bipolaridade já na infância. Pai alcoolista, relata agressividade, automutilação, tristeza e solidão e crises de fúria. Usuária do CAPS Novos tempos desde 2014. Vive da venda de seu artesanato. CID 31.5 (episódio afetivo bipolar depressivo grave com sintomas psicóticos).

Madressilva tem 49 anos, mora em Canoas com marido, filhos e neta. É técnica de enfermagem. Usuária do CAPS desde julho de 2014. Relatava sentimentos de tristeza, irritação, medo de morrer, lapsos de memória. Histórico de violência sexual aos 19 anos. Apresenta CID 31.5 (episódio afetivo bipolar depressivo grave com sintomas psicóticos). Afastou-se por alguns meses do trabalho, no momento do término da pesquisa tinha retornado a trabalhar e ganho "alta" do CAPS.

4.4 A análise e interpretação dos dados

A técnica utilizada foi a análise de conteúdo, com definição de categorias e a interpretação em termos das perguntas de pesquisa. Triviños (1994, p.129) diz que a abordagem qualitativa "capta não só a aparência, como também sua essência, experiência e perspectiva dos usuários". Com isso, pretende-se trabalhar emoções, expressividade, criatividade, sensibilização, estabelecendo relações de corpo e movimento, consigo e com o mundo.

As categorias de análise que emergiram foram: o corpo físico, consciente e o social. As três dimensões se reúnem e formam o corpo dançante.

O corpo físico é aquele que se exercita, que sofre as transformações na estrutura e nas habilidades técnicas.

O corpo consciente é aquele que está em contato com seus sentimentos, pensamentos, movimentos, alterando e interagindo com o meio; transformando sua relação com o mundo. É um corpo que se comunica utilizando possibilidades expressivas.

O corpo social é aquele que vivencia de diversas maneiras o conhecimento dos papéis de sujeito, o seu passado e seu presente que está inserido, controlado e predisposto a inibições da sociedade.

O corpo dançante é o corpo que representa a DV, nessa construção de sentidos nas três dimensões.

Todos os documentos no formato escrito e em áudio, bem como as transcrições, foram armazenados em suporte digital pela pesquisadora, serão guardados durante cinco anos e após, incinerados.

4.5 Procedimentos detalhados

A metodologia ocorreu da seguinte forma: no primeiro momento se utilizou uma coleta de dados sobre as mulheres e seus transtornos mentais (bipolaridade e depressão) dos prontuários do CAPS II – Canoas. Na sequência, uma pré-oficina explicativa e dialogada, que captou os conhecimentos prévios sobre a DV, estimulando a atividade e a iniciativa dos sujeitos (mulheres) acometidos de transtornos de humor, sem deixar de lado a importância da iniciativa daicineira e a sistematização dos conteúdos previstos. Após a pré-oficina, ocorreram oficinas de DV, duas vezes por semana com duração de uma hora, durante seis meses, perfazendo um total de 38 oficinas de DV. Um profissional referência do CAPS II - Novos Tempos acompanhou as oficinas, devido a uma exigência do CAPS, visto que a pesquisadora não tinha experiência com o público específico. Finalizadas todas as oficinas de DV, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com gravação em áudio e posteriormente transcritas. Por fim, utilizamos a técnica de análise de conteúdo, com definição de categorias e a interpretação em termos das perguntas de pesquisa.

Todas as participantes para a pesquisa foram voluntárias. O estudo seguiu as recomendações éticas recomendadas conforme resolução nº 466/2012. Para tanto, os sujeitos da pesquisa foram, inicialmente, informados dos objetivos do estudo. Esta apresentação ocorreu na entrega e leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que garantiu que as participantes do estudo foram informadas por escrito (conforme TCLE) e reforçadas na forma oral (pela pesquisadora) de seus direitos e o fato da pesquisa lhes garantir o sigilo dos dados de identificação, a privacidade e o anonimato. Os riscos e benefícios

também se encontraram no TCLE: os potenciais riscos e o incômodo que esta pudesse lhes acarretar poderiam ser potencializados a partir de doenças prévias, como patologias na coluna e quadril, com histórico de sofrimento frequentes; os benefícios estavam diretamente ligados à melhora na qualidade de vida e a construção de um o projeto de oficinas de expressão em DV, com ação complementar a ser oferecido aos CAPS II da grande Porto Alegre.

As oficinas iniciavam com aquecimento. Em seguida, eram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV, a prática, a correção dos mesmos e o movimento dançado em si. Se utilizará alternância de estilos de DV, de andamento, ritmo e da sincronia; também se observará questões referentes a dicas verbais e auditivas. Por fim, finalizou-se com o alongamento.

5 DIALOGANDO COM OS DADOS

Antes de iniciar a apresentação dos resultados e discussões, consideramos válido expor a trajetória e incluir algumas dificuldades encontradas durante a aplicação do projeto, tendo como objetivo detalhar os caminhos e escolhas que poderão indicar alternativas para outras intervenções com abordagem semelhante.

Pretendíamos, durante a escrita do projeto, ter a participação de mais de um grupo de oficina de DV, a fim de melhorar a casuística. Para tanto, foram convidadas para a oficina de DV todas as usuárias que estivessem frequentando o *CAPS – II Novos Tempos*, que se encaixassem nos critérios de inclusão. Porém, a instituição passou por repetidas mudanças de endereço, trocando sua localização por três vezes em um período de cinco meses, o que causou a redução momentânea do número de usuários e isto dificultou a primeira aproximação com o grupo a ser pesquisado.

Percebendo essas alterações, optamos pela formação de somente um grupo. Após três semanas da última mudança de endereço, apenas onze usuárias se encaixavam nos critérios da oficina de DV. Visto que a realização da atividade duraria seis meses, decidimos iniciar a intervenção imediatamente, no final de agosto de 2014.

No primeiro encontro, fizemos aquilo que denominamos de pré-oficina, em que participaram as onze mulheres. Esta foi dialogada, com o intuito de informar sobre o trabalho a ser realizado, bem como de procurar saber qual a expectativa delas e também o que entendiam sobre seus transtornos psíquicos, sobre a DV e também sobre a qualidade de vida.

Na primeira oficina propriamente dita de DV compareceram apenas quatro usuárias. O limite de faltas consecutivas era de oito oficinas. Além das onze convidadas, não seriam aceitas novas usuárias, pois o procedimento metodológico seria prejudicado, uma vez que a cada par de oficinas se somavam novos conhecimentos.

Ficou demonstrado, inicialmente, que havíamos conseguido um número de mulheres dispostas a participar, porém houve uma desistência na primeira oficina de DV. Ocorreu com algumas usuárias de confirmarem a presença para o encontro seguinte, e depois não comparecerem, mas em geral ligavam para avisar porque não viriam.

Investigamos o porquê dessas faltas, com a finalidade de auxiliar na superação dos obstáculos. Dentre os fatores que alegavam temos: efeitos colaterais da medicação, como tonturas, vômitos, mal estar, dores no corpo; impossibilidade dos familiares de levá-las ao *CAPS – II* e, por fim, escassez de recursos financeiros para deslocamento. Mesmo assim, seis das onze usuárias frequentadoras completaram as oficinas de DV.

Dessas seis, apenas quatro ainda se encaixavam no critério de inclusão ao término das oficinas, pois duas receberam alta médica, que era um dos critérios de exclusão. Duas das usuárias tiveram orientação médica de parar a atividade por questões físicas: uma pela recidiva de um câncer no útero que lhe causava sangramentos e a outra, devido ao surgimento de dores na coluna. Três usuárias abandonaram todos os tratamentos no CAPS – II, evadindo-se, portanto, das oficinas.

Como dissemos acima, o primeiro encontro foi a pré-oficina dialogada, que teve o intuito de investigar o entendimento das usuárias sobre a DV. As usuárias Ciclame, Cravo, Magnólia, Lavanda, Margarida e Madressilva comentaram que esperavam “aprender uma nova dança” e, a partir de então, sentir-se melhor. Foi possível observar como esta dança remete à sedução. Podemos citar as usuárias Ciclame, Lírio e Cravo que achavam que se trabalharia a sexualidade, acreditavam ainda que esta dança poderia ajudá-las em suas dificuldades orgásticas.

Confirmando essa visão, Abrão e Pedrão (2005, p. 246) afirmam que “a dança do ventre é uma forma de expansão saudável da sensualidade e sexualidade feminina, que é importante ser satisfatória e equilibrada, pois através do uso desse tipo de dança se busca uma melhor qualidade de vida”.

Embora a DV seja uma arte que pode ser utilizada para a melhoria da sensualidade e sexualidade feminina (SLAVIERO; SANTOS, 2014; ABRÃO; PEDRÃO, 2005), nas oficinas, não focamos exclusivamente nesse sentido, pois esta dança não se desenvolve somente por esse prisma. Assim, nas oficinas de DV foram utilizadas “pinceladas” sobre as diversas concepções de práticas de DV, inclusive a forma que utiliza a sedução.

Esclarecemos às usuárias que a DV, como qualquer outra modalidade rítmica, também pode ser utilizada para trabalhar a sensualidade ou a sexualidade, porém frequentemente é esquecido e pouco divulgado o lado artístico, festivo e divertido dessa modalidade, que é derivada de outras culturas, as quais incluem danças populares, regionais e danças folclóricas.

A dança do ventre ainda é vista por olhos discriminatórios, que diminuem sua importância, seus conhecimentos, sua história, sua profissionalização. Essa carência de uma visão mais séria proporciona uma visão empobrecida, distorcida, cabendo-lhe apenas o papel de uma dança sedutora (PEREIRA, 2006, p 5).

Durante as oficinas de DV foi possível trabalhar outras visões sobre a DV e desvincular a imagem única, de sedução. Pereira (2006) expressa a visão atual de nossa sociedade “[...] ela acaba sendo considerada uma dança cuja finalidade é a sedução. A

bailarina dança para seduzir os homens e estes se divertem e admiram a beleza sensual de quem dança”. Pereira (2006), porém, lembra que a DV não pode ser considerada uma dança que não necessita de técnicas e que, muitos menos, seja uma dança sem passado.

Por essa razão, “diferentemente de outras danças consideradas ‘étnicas’, como o flamenco e as danças indianas, a dança do ventre não atrai público externo, interessado em dança como expressão artística”. (SALGUEIRO, 2012, p.100)

A AT é um novo campo do conhecimento constituído de uma metodologia própria, podendo utilizar várias áreas do conhecimento como a arte, a psicologia, a psiquiatria, a dança entre tantas outras, enfim, o surgimento de um novo saber a partir de outros saberes. Assim, tentamos estabelecer relações de corpo e movimento através do desenvolvimento da corporeidade, alterando as relações consigo e com o mundo, através do espaço coletivo, no qual a oficina pode ser um oportunizador de novos encontros.

Na contemporaneidade, percebemos a preponderância do modo individualista de ser. Dessa forma, as oficinas de DV puderam ser um espaço coletivo de escuta e intervenção, em que foi oferecida uma oportunidade terapêutica participativa, dinâmica e acolhedora para que, através do movimento expressivo, fosse possível trabalhar algumas questões.

Para Moehlecke (2007), num espaço como esse, das terapias complementares grupais, é possível que ocorram mudanças nas usuárias em relação às suas dores, de tal modo que às resolvam momentaneamente, possibilitando a atenção à outra angústia.

Observamos que o compartilhamento do sofrimento pode gerar empatia, e este é um sentimento que vincula as pessoas umas às outras, dando a capacidade de compreender o outro. As usuárias percebem que não são as únicas que sofrem quando aprendem a se colocar ativamente no lugar do próximo, reconhecendo e compartilhando o sofrimento.

A terapia, nesse caso, não significa apenas dar assistência básica, mas uma prática ampliada complementada pelas oficinas de DV. Estas recorreram a vivências que trouxeram à tona percepções e reações diversas do discurso habitual do doente, abrindo caminhos para possíveis progressos individuais e coletivos. Assim como Moehlecke (2007), em pesquisa similar, salientamos que não se acabou com as angústias das usuárias nas oficinas, mas se propiciou a luta contra essas angústias.

Antes de cada oficina, as usuárias demonstravam sua inquietação e ansiedade para que a atividade iniciasse rapidamente, e pudessem utilizar os momentos seguintes expressando, através de seus corpos, seus sentimentos.

Este capítulo apresenta os resultados do estudo, que foram separados em categorias de análise. A categoria corpo físico, considerado aquele que se exercita, que sofre as

transformações na estrutura e nas habilidades técnicas é apresentada no item 5.1. A seguir, analisa-se o corpo consciente, sendo definido como aquele que entra em contato com seus sentimentos, pensamentos, movimentos, alterando e interagindo com o meio; transformando sua relação com o mundo. Na seção 5.3, se examina o corpo social, que vivencia de diversas maneiras o conhecimento dos papéis de sujeito. Por fim, no item 5.4, faz-se uma abordagem da integração das três categorias já analisadas, que, juntas, formam o corpo dançante.

5. 1 Categoria de análise - o corpo físico

Movimento e corpo são inter-relacionais, o movimento pode aparecer em diversas atividades, aqui especificamente associamos o movimento com a dança. Ao considerar esse fato é preciso pensar em um corpo, corpo esse que suporta os desafios da vida, portanto conhece-lo e tratá-lo são necessidades. Através desses conhecimentos podemos criar um entendimento de nós mesmos, desenvolvendo caminhos e multiplicando as informações para benefício próprio.

O corpo foi feito para se movimentar, para isso utilizamos qualidades físicas motoras, que são as valências físicas. Especificamente relacionado a dança utilizamos a resistência, a coordenação e o equilíbrio. “A dança envolve uma sensibilidade coletiva - um sentir em comum- porque não prescinde, em nenhum momento, do outro. Ao contrário, precisa do outro - seja como parceiro ou como espectador - para se realizar em sua plenitude”. (DANTAS, 1996 p 146)

Figura 1:Objetivos alcançados



Fonte: Autoria própria,

Ao que parece, há o prazer de fluir sensações naqueles momentos de DV, na elaboração de um eu diferente. Conforme Dantas (1999) “a dança é o corpo transfigurando-se em formas”, ou ainda, Bencardini (2002) relata “que a dança é a arte de mover o corpo segundo a relação estabelecida entre tempo e espaço, gerada pelo ritmo e composição coreográfica” (p. 15)

Os gestos possibilitam uma transferência dos sentimentos entre o contexto interior e exterior, fazendo com que as usuárias pouco a pouco exteriorizem o empoderamento de si. Outro ganho da dança, aliada ao movimento expressivo, é o de ampliar a possibilidade de movimentos, tornando-os menos convencionais e menos estereotipados, aumentando a liberdade.

Pode ocorrer uma transformação ou até mesmo um resgate de si, associado à DV. Neste sentido o corpo habitual, que faz a mediação com o mundo, dança primeiro de fora para dentro, depois de dentro para fora, sentindo as emoções que brotam, fluem e perpassam, num sentido de ir e vir, gerando conexão, prazer e felicidade. Conforme Abraão e Pedrão (2005, p. 2) o sentido de prazer que a dança pode nos oferecer, ajuda-nos a achar a harmonia e adquirir maior sentimento de pertinência. Com esse fim, nosso impulso interior para o movimento deve se vitalizar e orientar-se para uma expressão plena e estruturada pela dança, em especial a DV, melhorando, assim a saúde física e mental.

Iniciamos as oficinas através de sensibilização, com a percepção dos movimentos mais simples, nesse momento, mais importante do que a aprendizagem da técnica de DV, é o trabalho de conscientização do corpo, das tensões que ele guarda.

Nas oficinas de DV dançamos com alternância da consciência do movimento e o sentimento através desse movimento.

Dançar, sentindo e pensando, é vivenciar uma maior consciência do sentido e da torsão dos ossos, do movimento das articulações, das cinturas escapular e pélvica e da relação entre ambas, do tônus e deslizamento muscular, da sensibilização da pele. Dançar é trabalhar com transferência de apoios, com a percepção do peso, da direção, com micro e macro movimentos, com alteração de planos, de intenções, de intensidade (NUNES, 2003, p 2).

Vianna (2005) aborda a importância de trabalhar o corpo em suas diversas partes, já que existem diversos pontos no nosso corpo que são associados a certas emoções: o queixo, a região da traqueia, o externo, a crista íliaca, a região do púbis, a coxa-femoral:

Há uma diferença muito grande, por exemplo, entre a emoção expressa através do externo (que atua mais no sentido da projeção) e a emoção que flui da região dos

quadris. Esses pontos ou articulações não atuam apenas como dobradiças do corpo, mas também como marcos de divisores das mais diferentes emoções. De certa forma, a cada grupo muscular e articular corresponde determinada emoção, e, dependendo da emoção que se queira transmitir, deve-se privilegiar o trabalho com esse ou aquele grupo muscular. (VIANNA, 2005, p.110)

Observamos que a música alegre e os movimentos intensos têm a capacidade de modificar o sentimento. As usuárias tinham uma imagem idealizada da dançarina de DV, “mulher feminina”, sedutora, segura e poderosa que foi posta em prática nas oficinas.

Com o intuito de esboçar os principais itens que sobressaíram nas entrevistas confeccionamos o quadro a seguir.

Quadro 1:Corporeidade das usuárias praticantes da oficina de DV

	Magnólia	Angélica	Margarida	Cravo
Corpo instrumento	Ainda meio perdida	Ele fala por mim, demonstrando se estou bem ou não	Comecei a perceber as reações no corpo	É como se tivesse dormindo e agora acordei
Manifestações corporais	Quando acoada fica menos receptiva	Fica endurecida quando não está bem	Faz caretas	Tremedeira dava bastante, hoje não dá mais.
Percepção pessoal	Voltei a ser um pouquinho da pessoa que era antes da doença	Pelo sentimento que vem	Não soube responder	Mais gorda, menos amarela
O que permanece	Ansiedade	As dificuldades de vida	Ouvindo vozes	Não permaneceu nada
O que mudou	A socialização	Mais sensualidade, mais molejo	Ouvindo menos vozes	Mudei bem, ando na rua e converso

Fonte: Autoria própria, 2015.

Cravo referiu-se sentir-se anestesiada, incapaz de reagir às angústias que sentia, percebendo os sinais em seu corpo, como tremedeiras, o aspecto de pele amarelada e a perda excessiva de apetite que a levava à perda de peso. Com a prática das oficinas de DV relatou que os sinais que apresentava foram gradativamente desaparecendo, que ocorreram mudanças satisfatórias, que propiciaram o seu retorno ao meio social.

“Antes eu me sentia muito mal, com vontade de se matar, só fechada dentro de casa, no escuro, não tinha vontade de conversar com ninguém”. E durante as oficinas de DV? “ahhh... aqui é tudo, esqueço que tenho problemas, esqueço tudo”. E depois? “Me sinto bem”. Foram as respostas de Cravo sobre a importância que as oficinas de DV tinham em sua vida. Acrescentando às falas das usuárias, podemos citar Abrão e Pedrão:

Os exercícios de dança do ventre possibilitam o relaxamento do corpo, resultando numa sensação de bem-estar, o que, provavelmente, está associado à liberação de serotonina pelo organismo, e ainda, [...] os exercícios de ondulações e alongamento

ajudaram no controle da ansiedade e outros transtornos psíquicos. (ABRÃO; PEDRÃO, 2005, p. 247)

A usuária Angélica demonstrou ter a efetiva percepção de sua condição de saúde, percebeu que suas angústias também falavam, produzindo através de seu corpo, sinais como ficar com alguma rigidez corporal e dores no corpo, juntamente às evidências corporais os sentimentos usuais da bipolaridade na fase depressiva. Somando-se a isto, há a degradação familiar, que no caso dessa usuária é um dos grandes fatores pessoais na dificuldade de sua vida. Embora apresentando todas as dificuldades relacionadas à família e ao trabalho, ainda conseguiu relatar alguma melhora em sua sensualidade, comentando estar com mais molejo, desfrutando cada momento das oficinas para suprir a urgente necessidade de felicidade e prazer.

“A dança me deixa leve.” - Quando Angélica fez essa afirmação durante algumas oficinas, a autora consegue perceber em seu semblante que a tristeza diminuiu ou desapareceu, mesmo que momentaneamente. Na entrevista voltou a afirmar que as oficinas de DV propiciavam a ela esta sensação.

Margarida tem alguma deficiência cognitiva e não tinha percepção de que algumas reações de seus sentimentos se apresentavam através de seu corpo. Através das oficinas começou a perceber que quando estava ouvindo vozes fazia caretas e apresentava a postura cifótica. Durante as oficinas conseguia dançar, embora tivesse um ritmo pessoal mais lento que as músicas rápidas. Quando estava apresentando crise de ansiedade por ouvir vozes, aicineira utilizava a técnica de olhar olhos nos olhos, pedia a ela para respirar profunda e calmamente, e controlar a postura voltando à posição ereta. Assim, as crises de ansiedade passavam rapidamente, podendo a usuária retomar a dança. Relatou na entrevista final que estava ouvindo menos vozes.

Margarida comentou “a gente tem que se mexer bastante, as pernas também,... o jeito de caminhar também,... assim rebolando... tô me sentindo bem... a dança faz bem pra mente da gente, quando a gente dança a gente não tá encontrando problema,... tá melhorando a saúde”.

A usuária Magnólia se apresentava muito interiorizada, ou seja, embora estivesse presente, ela parecia ausente, parecendo um robô, rígida fisicamente e sem expressão facial; não ocorria interação verbal, mas durante as oficinas respondia aos estímulos dançando da forma que conseguia. Durante o andamento das oficinas foi propiciado um ambiente no qual pôde se sentir acolhida. Foi gradativamente saindo do estado “robotizado”. Quando houve uma certa mudança de medicação, ela começou a apresentar ansiedade muito elevada, mas

ainda assim conseguiu socializar, vindo e participando das atividades de dança. Ao final dos seis meses, tempo de aplicação das oficinas de DV, demonstrava ainda estar meio perdida, porém, em relação à primeira oficina, esta é uma diferença que precisa ser considerada positivamente. Ainda em relação a usuária Magnólia, após o término das oficinas de DV, a usuária conseguiu perceber que quando está menos receptiva é porque está sentindo medo. Embora tenha manifestado sentimentos de ansiedade, ao final do projeto esses se apresentavam em menor intensidade. Fala da usuária: “Voltei a ser um pouquinho da pessoa que era antes da doença”. Durante a entrevista, relatou que haviam ocorrido mudanças em sua vida ,então pedimos que elencasse a maior mudança,e a resposta veio no sentido da melhora das relações de socialização, principalmente na relação com sua família.

Após cada oficina, as impressões daicineira, a partir da observação participativa, eram registradas no memorial descritivo. Ao término dos seis meses, chegamos a uma síntese sobre cada usuária, o que veio a corroborar as falas, como segue.

A usuária Cravo iniciou as oficinas com certa dificuldade de coordenação motora e rítmica; apresentava até mesmo dificuldade em entender o movimento. Porém, com o desenrolar das oficinas, estes problemas foram sendo trabalhados. Ela possuía consciência da sua dificuldade de coordenação e solicitou algumas músicas para praticar a DV em casa. Conforme os meses foram passando, Cravo foi melhorando gradativamente sua noção corporal, pois o treinamento em dança é uma forma de atividade física que pode interferir na percepção de corpo. A partir de então foi possível trabalhar a suavidade ou a aplicação de vitalidade física conforme a música.

Ocorreu uma melhora em sua vitalidade, apresentando-se mais disposta e pronta para as atividades propostas. A usuária teve um progresso no que se refere ao ritmo durante as oficinas, principalmente quando utilizada a contagem de tempo musical.

No período da vigésima primeira oficina, foi feita uma troca de medicação e a usuária passou a apresentar tremores nas mãos e lentidão por duas semanas. Nas oficinas finais, houve a possibilidade de experimentarem pequenas coreografias, com os passos básicos que já dominavam, trabalhando a memória. A atividade intensa, com músicas rápidas, foi a que melhor se encaixou nas oficinas. A usuária Cravo relatou gostar das músicas e também poder gastar suas energias com essa dança vigorosa.

Magnólia iniciou as oficinas com impregnação medicamentosa, estava com aspecto robotizado. Já na primeira oficina em que compareceu foi uma surpresa a percepção de que ela conseguia dançar no ritmo das músicas, embora seu rosto não demonstrasse expressão alguma. Durante a segunda oficina começou a dar sinais passageiros de expressão, mas não

conseguia movimentar os braços de acordo com a música, parecia que seus braços estavam desconectados do corpo.

Houve troca de sua medicação na quarta oficina e por duas semanas sua coordenação piorou, ocorrendo uma discrepância de coordenação e capacidade de movimentação entre o lado direito e o lado esquerdo do corpo, que ficou “adormecido”. Após essas duas semanas, a usuária começou a apresentar ritmo acelerado e descoordenado, principalmente dos membros superiores. Conforme as semanas passavam, ela também apresentou agitação excessiva e a concentração piorada. As oficinas tornaram-se mais intensas, causando cansaço.

Nos exercícios de coordenação, Magnólia não conseguia acompanhar o ritmo acelerado. Foi necessário utilizar o toque para despertá-la da interiorização em que se encontrava. A usuária tinha pouca noção espacial, às vezes ficava no centro da roda, sendo necessário chamá-la para o seu lugar. No último mês houve mais uma troca de medicamentos, após essa, a usuária estava mais estável, desperta e comunicativa.

Angélica tinha consciência de sua situação, era coordenada, conseguiu absorver bem os passos técnicos, tinha atenção e perguntava quando tinha dúvidas. Após a décima oitava oficina o médico trocou a medicação. A usuária começou a apresentar lentidão e cansaço físico, mas conseguiu absorver a mini coreografia que foi passada. O psiquiatra fez mais uma troca de medicamentos próximo à vigésima-oitava oficina. A usuária passou a apresentar uma maior consciência corporal, respondendo positivamente às atividades. Nos dias que fez mais calor, apresentou cansaço e moleza. Devido à sua dificuldade financeira para ir ao CAPS II, avisou que iria apenas uma vez por semana nas oficinas, pois ia de carona com uma amiga sua. A usuária tinha preferência pelas músicas de andamento lento, embora respondesse positivamente as de ritmo acelerado. Eventualmente voltou a apresentar cansaço e moleza, mas no mais vinha apresentando-se estável. No dia da última oficina, contrariou-se com uma atendente e não conseguiu fazer a oficina até o fim, pois estava muito chateada e foi embora.

Margarida tinha dificuldades rítmicas e de coordenação, sua atenção se alternava entre interiorização e atenção nas atividades. A usuária apresentou postura cifótica já em sua primeira oficina, dizendo que estava com dor de estômago por causa do almoço. Na terceira oficina apresentou novamente a postura cifótica, juntamente com uma crise de ansiedade. Aicineira indicou que sentasse ereta e respirasse calmamente inspirando até encher o peito de ar e expirando também calmamente, além de permanecer com contato visual. Nas oficinas seguintes apresentou-se atenta e tentou acompanhar os passos. Embora tivesse um ritmo próprio, um pouco mais lento que as demais, não desistiu das oficinas. Nos dias de

movimentação intensa demonstrou cansaço. Quando se apresentava muito interiorizada a oficina utilizava o toque para chamar-lhe a atenção.

Um aspecto que é necessário ser ponderado é que não estamos comparando a melhora das quatro usuárias com pessoas consideradas sãs, mas sim com as suas próprias condições no início da pesquisa. Apesar das contribuições que a oficina trouxe, seja para a melhora das condições físicas e/ou da saúde geral, estas podem não ser os únicos, nem mesmo os mais importantes fatores do tratamento. Porém, postulamos que é justamente o conjunto de possibilidades terapêuticas, como medicação, psicoterapia e terapias complementares, que poderão melhor desenvolver o sujeito.

5.2 Categoria de análise – o corpo consciente

Podemos perceber o modo como se está para o mundo através do corpo, há significações e significados nos gestos do corpo, mas que não se mostram aparentes para a consciência. A relação que o corpo tem com o mundo, se estabelece segundo Merleau-Ponty (1999) pelo sentimento, pela ação. Primeiro experienciamos o mundo para depois ocorrer o pensamento do conhecimento. Assim a existência transforma-se em pensamento que revela-se novamente através do corpo.

Nascimento (2012) comenta que as pessoas parecem sentir a necessidade natural de expressar seus sentimentos através do movimento rítmico, podendo a dança ser, tanto uma forma de diversão como uma arte, assim podendo expressar emoções, contar histórias nas quais podem determinar uma disposição do espírito.

As oficinas de DV trabalhadas como uma das formas de AT propiciaram a criação de um ambiente de liberdade expressiva, possibilitando às usuárias acessar suas questões através desta dança, facilitando e aprofundando a intervenção psicológica através de um clima terapêutico onde ocorra aceitação, tolerância e abertura aos indivíduos, suas vivências e expressões, podendo desencadear experiências emocionais variadas.

Considerando que a arte é uma expressão, desaprendida de condicionamentos e preconceitos, não é necessário que o indivíduo tenha habilidades distintas para se beneficiar desta forma de terapia, pois, em arteterapia, a arte é entendida como um processo expressivo não limitando o trabalho apenas a resultados estéticos e formais nem a padrões culturais ou morais. Ao indivíduo, cabe deixar fluir, por meio das artes, o ser originalmente criativo e divino que é. Desta forma o conhecimento técnico deverá vir em favor desse fluir e não como condição para sua realização.(NASCIMENTO, 2012, p 16)

Como se observa, os benefícios da oficina de DV causaram uma melhora da comunicação consigo e com o outro, favorecendo a descarga de algumas emoções recalçadas, criando assim uma catarse nas situações em que é difícil expressar-se com palavras.

Quadro 2: Transtorno de Humor

	Magnólia	Angélica	Margarida	Cravo
ansiedade	diminuiu	ainda tenho	diminuiu, mas ainda tem	agora menos
depressão	diminuiu	ainda tenho, só na oficina de DV que não.	não tem sentido	diminuiu bastante
tristeza	não tem sentido	ainda muito, principalmente por causa da minha situação de vida.	ainda um pouco	hoje ela não me impede mais
apatia	diminuiu	às vezes, mas no sentido de não conseguir interagir com os outros.	não	atualmente só após tomar o remédio forte
Irritabilidade	não	às vezes	não	melhorou
amedrontado	só um pouquinho	não	sim	agora não
confuso	não	não me sinto confusa	um pouco	não mais
Como está te sentindo atualmente	mais ou menos	mais ou menos	mais ou menos	tô me sentindo bem

Fonte: Autoria própria, 2015.

Através do quadro, é possível observar as emoções, os sentimentos e percepções das usuárias participantes das oficinas de DV.

Magnólia relata que teve uma diminuição nas manifestações de ansiedade, depressão, apatia e referiu que não se sentiu mais confusa, triste e irritada, mas que continuava a sentir, em menores proporções, amedrontada. De uma forma geral respondeu que se sente relativamente melhor.

Margarida relatou não sentir irritabilidade, depressão, nem apatia, mas ainda se sentia um pouco confusa e triste. Sua ansiedade diminuiu, embora ainda a tenha. O item que menos alterou foi o que se referia ao medo.

Cravo ao final das 38 oficinas não se sentia mais nem amedrontada, nem confusa. Quanto à ansiedade, relatou que ainda sentia, porém em menor grau que quando iniciou a dança.

No que se refere a tristeza, Cravo declarou que essa não a impedia mais de sair de casa, assim pode voltar a se relacionar. A irritabilidade também havia melhorado, mas a

maior melhora ocorreu com a intensidade dos sentimentos depressivos. Apenas comentou que exclusivamente quando utilizava o remédio, que “era forte”, sentia-se apática.

Angélica referiu não sentir mais apatia e irritabilidade. Ademais, também percebeu que não se sentia tão confusa como no início das oficinas.

A usuária quanto à ansiedade, o medo e os sentimentos de tristeza, comentou que ainda os sentia muito. Conferindo os problemas à desestruturação e degradação de sua família. Mas não podemos esquecer o relato de que não se sentia depressiva durante as práticas da oficina de DV.

Fato demonstrado não só por Angélica, ao ficarem olhando fixamente, olhos nos olhos daicineira, como se aicineira fosse uma âncora em seus redemoinhos de sentimentos...a oferecer lembranças de felicidade. Foi uma das coisas que mais me chamou a atenção, e tal aspecto foi reforçado por um suspiro ao terminar a oficina. Foi perguntado se o que havia motivado o suspiro era o cansaço e ela disse "estou leve, me sinto feliz".

Enquantoicineira, observamos o vagaroso caminho que as usuárias percorreram, Magnólia no que diz respeito ao despertar da impregnação medicamentosa e a vagarosa percepção de si. Ao passo que Cravo utilizou as oficinas como uma forma de purgação, de sua depressão, fazendo sentir-se bem durante e após a prática; do mesmo modo que Margarida a utilizou como um meio de melhorar, principalmente sua percepção corporal.

Angélica foi a usuária que menos se beneficiou das oficinas. Se a comparamos no início e após os seis meses, ao final, demonstrou uma inexpressiva melhora. A usuária indicou os problemas com a família, que a abandonou e evitava o contato dos netos, como agravante.

O caráter terapêutico das oficinas de DV pode ser visto nas falas das usuárias. Angélica diz: “Antes eu me sinto [...] meio reprimida. [...]Quando eu sei que tenho que dançar, eu me sinto viva, estou louca pra estar aqui para dançar.” e “Depois da dança eu quero mais, quero aprender mais, eu quero interagir mais, sabe? Eu quero dar tudo de mim”. A usuária Cravo foi quem surpreendeu ao falar sobre a importância das oficinas de DV “...É tudo pra mim... essa dança é tudo.” “Eu sinto bem assim, quando chego em casa, chego alegre, não fico triste, vou pra rua, porque de primeiro só ficava dentro de casa, fechada e agora não, com essa dança...e você também é uma professora ótima, alegre a gente, algo importante na dança”.

Os problemas emocionais podem representar pontos chaves no desequilíbrio, e ser causa direta para o aparecimento da depressão e, portanto, de uma maioria dos desequilíbrios psíquicos.

Segundo Jung a nossa psique corre o risco de fragmentar-se por emoções incontidas.

[...] podemos ser dominados e perturbados por nossos humores, ou tornarmo-nos insensatos e incapazes de recordar fatos importantes que nos dizem respeito e a outras pessoas. Pretendemos ser capazes de "nos controlarmos", mas o controle de si mesmo é virtude das mais raras e extraordinárias. Podemos ter a ilusão de que nos controlamos, mas um amigo facilmente poderá dizer-nos coisas a nosso respeito de que não tínhamos a menor consciência. (JUNG, 2005, p.25)

No dia-a-dia as pessoas necessitam gerir as influências externas e internas que podem interferir e causar alterações de humor, tendo que conviver com humores como o da alegria, da raiva, da tristeza, entre tantos outros. Cabe ressaltar que Jung, como um dos pensadores mais importantes e criador de diversos conceitos na área de psicanálise acredita que “a faculdade de controlar emoções que, de um certo ponto de vista, é muito vantajosa, seria, por outro lado, uma qualidade bastante discutível já que despoja o relacionamento humano de toda a sua variedade, de todo o colorido e de todo o calor.”(JUNG, 2005, p.25)

No decorrer do presente estudo, a pesquisadora verificou que pode ocorrer resgate de imagens simbólicas durante o movimento dançado, conectando corpo e emoções, que se alimentam mutuamente, ou seja, através do corpo significados se revelam em movimentos e movimentos libertam significados.

Corpo, porém, não é só instinto biológico; também é psique (a alma, dos ‘antigos’). Talvez ambos se tenham rebelado contra tanto ‘reduativismo’, contra essa maneira patológica de perceber o que é nosso mais caro veículo, posto que sem ele não existimos. É sabido que a relação corpo/mente constitui problema de difícil solução, e a pergunta se o corpo ou a psique é o fator preponderante será sempre respondida, (SANTOS, 2011, p.939)

Segundo Teixeira-Machado (2013) a dança pode ser utilizada como uma sensibilização, uma maneira de se comunicar, pois busca expressar o interior e as emoções por intermédio do corpo. Lembrando Pina Bausch, no documentário *Pina* (2011, de Wim Wenders), que diz: “Dance, dance, caso contrário estaremos perdidos”, podemos perceber a relação entre movimento e emoções. Assim, através das oficinas de DV, as usuárias tiveram acesso a um olhar e uma escuta alternativa, outro meio de comunicação, que não o tradicional através das palavras, propiciando um olhar diferenciado sobre si.

A corporeidade é vista segundo Scorsolini-Comin (2008, p. 196) “nas últimas décadas, na interface entre Psicologia e Cultura, tem vindo à tona o conceito de processos dialógicos. Esses processos, segundo Hermans e Kempen (1995), não podem se restringir à dimensão do verbal, mas devem ser elucidados pela exploração do corpo na relação com a ação dialógica”.

Oliveira (2001) “a interação social, seja diretamente com outros membros da cultura, seja através dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo”.

5.3 Categoria de análise - o corpo social

A primeira questão da entrevista semi estruturada para as usuárias praticantes da oficina de DV no CAPS II foi: Como você se sente em relação a sua qualidade de vida? Lembramos as usuárias sobre o sentido genérico da definição da qualidade de vida.

Formalmente, “qualidade de vida é uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial” (MINAYO, 2000, p. 2), sugerindo que seja definida entre a realidade e expectativas individuais, valores como amor, liberdade, solidariedade e inserção social, realização pessoal e felicidade, fazem parte da concepção.

Dentro das concepções de qualidade de vida foram priorizadas duas dimensões: a saúde mental e a função social, ênfase que submergiu dos aspectos subjetivos das usuárias, associados aos sentimentos e à satisfação com a família e seu entorno.

De acordo com Bandeira et al (2009) a dimensão da saúde mental engloba itens que avaliam a percepção da usuária da extensão psicológica, como problemas pessoais, humor, estabilidade das emoções, confiança em si mesmo, interesse pela vida e capacidade para suportar situações difíceis. Enquanto a outra dimensão refere-se à vida social consiste de quatro itens que avaliam as mudanças percebidas pelas usuárias, relativamente aos seguintes aspectos: convivência familiar, relacionamentos com amigos, convivência com outras pessoas, bem como seu interesse em trabalhar ou se ocupar com alguma coisa.

As respostas das usuárias vieram no sentido do que as usuárias consideravam ser mais importante em sua vida, e espontaneamente em uma postura positiva, algumas comentaram os pontos onde foi identificado melhora.

Observamos, nos relatos das usuárias, que as oficinas de DV auxiliam na melhora do relacionamento com as pessoas de forma geral. Poderíamos dizer que ela proporciona um despertar de si mesma e, posteriormente, permite que a mulher se solte mais nos relacionamentos interpessoais em seu cotidiano.

Todas relataram que a família era o mais importante e que houve melhora na relação com seus familiares. Em sua entrevista, a usuária Margarida respondeu a questão da seguinte forma “[...] eu não reclamo de nada...tenho minha família...”. Além disto, a usuária Magnólia

respondeu “o importante para mim é a minha família, [...] a relação com minha família está melhor, para fazer as coisas em casa”.

Quadro 3: Respostas das entrevistadas em relação a sua qualidade de vida

	Magnólia	Angélica	Margarida	Cravo
Antes	ruim	ruim	perturbada	crises depressivas
Diferença	melhorou o relacionamento com a família	voltou a conversar com sua filha/trabalho	melhorou o relacionamento com a família	melhorou o relacionamento com a família
Qualidade de vida atual	mais ou menos	melhor um pouco, mas ainda ruim	melhor, por estar mais estável	melhor, tem menos crises
Fonte principal da qualidade de vida	família	família/trabalho	família	família

Fonte: Autoria própria, 2015.

Contrariamente, para a usuária Angélica, a importância da família se dá no sentido negativo, pela falta de apoio por parte do núcleo familiar. Essa usuária não vive com sua família, mas com uma amiga que a acolheu e, inclusive, é essa pessoa que a leva e traz ao CAPS. Ressalte-se que foi a única que relatou uma qualidade de vida baixa: “sobrevivendo, a minha qualidade de vida é matar um leão por dia pra sobreviver. Não trabalho, vivo de artesanato, quando eu vendo eu tenho, quando não vendo não tenho, e ajudada pelos outros. Essa é a minha qualidade de vida.”

Segundo Santos e Kassouf “entre os diversos fatores que podem levar à depressão mental, alguns dos principais são os traumas decorrentes de tragédias, problemas amorosos e/ou familiares, assim como dificuldades financeiras e/ou profissionais” (2007, p10).

Figura 2: Respostas das entrevistadas em relação a sua qualidade de vida



Fonte: Autoria própria, 2015

Diante disso, é válida a pergunta: o quanto de potencialidade se perde no tratamento sem colaboração, compreensão, ou até mesmo, quando não há paciência e carinho por parte dos familiares em relação aos frequentadores do CAPS?

Analisando as respostas, é possível perceber que a família tem grande importância, tanto no que se refere ao apoio no tratamento, como no desencadeador do transtorno. No sentido inverso, o TH também pode impactar familiares e amigos, produzindo uma sobrecarga, tanto para a pessoa afetada como para a comunidade como um todo.

A família é fator preponderante no que tange à resposta aos tratamentos e às dificuldades ao lidar com o sofrimento mental. Segundo Santos e Kassouf (2007, p.10), as “pessoas que vivem com outros membros da família desfrutam de um maior apoio e, portanto, se sentem mais seguras e motivadas a buscar ajuda profissional, e assim por diante”, desse modo, cabe apontar a necessidade de adequações na sistemática dos CAPS para integrar a família no tratamento e recuperação dos usuários.

Ademais, é oportuno refletir sobre porque a socialização foi um ponto positivo de mudança na vida das usuárias, visto que elas não estavam sob o regime fechado dos manicômios, de forma que já estariam inseridas em um contexto de interação social.

Segundo Santos e Kassouf (2007) as usuárias sofrem por se tornarem, muitas vezes, dependentes de outras pessoas; por não conseguirem desempenhar suas responsabilidades dentro da família, com os amigos; e pela frequente discriminação enfrentada na sociedade. De maneira oposta, as pequenas vitórias ou mudanças pessoais que buscam melhoras podem nos dar a sensação de recompensa e nos deixar mais felizes, produzindo uma sensação de pertencimento, mesmo que a saúde e qualidade de vida não sejam as ideais.

Adicionalmente, tem-se que a identidade histórica de exclusão da sociedade parece ainda vigorar sobre as usuárias, de forma que sua identidade é privada de sentido social. Sobre o tema, refere Santos:

Vendo sob tal perspectiva histórica, problemas específicos demarcaram as práticas de exclusão desses indivíduos: ao doente mental, na condição de excluído da sociedade urbanizada, foi negado o papel de agente/sujeito da história, restando marginal à sua própria contemporaneidade, estigmatizado frente ao convívio social. (SANTOS, 2013, p 65)

As políticas públicas e as ações setoriais que alteraram o funcionamento do sistema de saúde no que se refere ao tratamento de distúrbios psiquiátricos nas últimas décadas tiveram o objetivo de privilegiar o convívio dos usuários com a família. Segundo Santos (2013, p. 69), “a sociedade é chamada a assumir sua responsabilidade com os portadores de transtornos

mentais, o que certamente implica a conscientização de que eles não são incapazes e de que a inserção social é mais eficaz para a sua recuperação.”

Segundo Andrade et al (2008, p.17) “[...] o desafio se apresenta em discernir: entre a real limitação desses indivíduos, o estigma e a tutela às quais as usuárias tem sido submetidas ao longo do desenvolvimento da Sociedade Ocidental.

” Figura 3: Houve melhoras.



Fonte: Autoria própria, 2015.

Como já havíamos nos referido durante o trabalho, no CAPS – II Novos Tempos, podem ser oferecidas atividades de atendimentos individualizados, como a prescrição de medicamentos e a psicoterapia; em grupo, como as oficinas terapêuticas e atividades esportivas. Além disso, costumam ser realizadas reuniões comunitárias para a integração do serviço com os familiares e a comunidade.

Da mesma forma, são desenvolvidas assembléias de organização do serviço. Essa atividade ocorre uma vez por mês, reúne técnicos e usuários, funciona como um feedback ao aprimoramento do serviço. Em uma das assembleias, em que as usuárias participam foi possível ver a usuária Magnólia se pronunciar em público e voz alta, uma novidade para ela e para todos, visto que pouco interagiu verbalmente. Seu questionamento era por que as oficinas de DV não estavam acontecendo. Em resposta, a Assistente social lhe comunicou que tiveram a semana “Louca de Boa” e nenhuma oficina havia ocorrido. A Assistente social

relatou o ocorrido à oficina, mencionando estar feliz pela oficina de DV atuar possibilitando essas mudanças nas usuárias.

5.4 Categoria de Análise - o corpo dançante

Compreendemos que o movimento dançado pelas mulheres integrantes do CAPS II – Canoas promoveu uma integração que engloba três aspectos principais: o corpo físico, consciente e o social. Estas três dimensões se reúnem e formam o corpo dançante.

O corpo dançante é o que representa a DV, na construção de sentidos nas três dimensões, apresentando processos múltiplos que possibilitam a contextualização das particularidades de vivência. Ao mesmo tempo, é um corpo que encontrou sentido na existência.

Por ser profissional (professora e bailarina) de DV, pelo conhecimento nesta área e experiência adquirida no curso de especialização em dança, a autora percebe que experiências com a DV se transformavam em possibilidades para estabelecer relações, onde o dançar, neste caso, não se tornava uma mera repetição de movimentos dançados. Ou seja, as oficinas de DV puderam nos levar a um novo olhar, a perceber o que não estava consciente, a compartilhar experimentações, nos afetando com aquilo que nos sensibiliza, assim propiciaram-se momentos de suportabilidade da dor através das sensações dançadas, das quais observamos a transposição da frustração, ou seja, a superação da lamentação, pois o ganho de segurança transforma as atitudes de forma positiva.

Então, podemos dizer que podem ocorrer atualizações de si próprio, por conseguinte sobrevém o desejo de transformação e desprendimentos, uma vez que o corpo sente outras sensações e experimenta novas existências.

Dessa forma, na oficina de dança, conectam-se as usuárias com a música, os gestos, naquilo que eles podem se tornar juntamente com a memória do movimento podendo, através desse momento, brotar sentimentos. As tristezas se misturam às novas alegrias, as dúvidas são momentaneamente esquecidas, assim como as dores.

Nesse sentido, Moehlecke descreve a transformação:

Entre o instituído e o instituinte, muitas vezes se colocam no meio, e esse jogo de resistências, diferenças, alegrias e desamparos nos remete ao trabalho de implicação do sujeito com as suas questões [...] e, concomitantemente, de produção de novas vozes. (MOEHLECKE, 2007, p. 4).

Compreendemos ser necessário identificar nas participantes os interesses referentes à oficina de DV, pois partimos do pressuposto que o processo de mudança de comportamento das usuárias terá mais resultado se articulado com o prazer, o gostar e o sentir.

O Quadro 1 demonstra, separado em palavras sucintas, o resultado da entrevista final, a partir da opinião das usuárias. O quadro abrange o que as usuárias esperavam das oficinas, se o resultado foi alcançado, qual a importância que tiveram as oficinas, e de que forma se deram as mudanças percebidas.

Quadro 3: Resultados esperados/alcançados nas oficinas de DV e sua importância.

Usuária	O esperado	Foi alcançado	Importância	De que forma
Magnólia	que eu melhorasse	sim	da maneira possível	melhorou meus relacionamentos
Angélica	aprender, viver	sim	foi importante	me trouxe a vida de volta
Margarida	aprender a dançar	Sim	foi importante	melhorou meus relacionamentos
Cravo	dançar	resultado muito melhor	é tudo para mim	quando chego em casa tô alegre

Fonte: Autoria própria, 2015.

Magnólia relatou que esperava melhorar, após as oficinas mudou a si mesma para um estado em que conseguiu apresentar menores oscilações no seu estado de humor, assim pôde vagarosamente retomar sua relação familiar.

Angélica comentou que estava disposta a novos aprendizados, a voltar a se sentir com vida. Ao final das oficinas de DV explicou que pelo menos durante as oficinas conseguia sentir-se viva, percepção que não vinha tendo já há algum tempo.

Margarida pretendia aprender uma nova dança e após a entrevista final comentou que estava conseguindo se relacionar melhor.

Cravo desejava simplesmente dançar, expôs que ocasionalmente dançava em casa estilos que já conhecia. Mencionou que as oficinas foram de grande importância para ela, que quando chegava em casa estava sentindo-se alegre.

Klauss Viana (2005) sugere que com “o espaço da dança lidamos com o corpo como referência direta da nossa existência mais profunda e esse fato traz em si uma dimensão terapêutica”. Assim, pensar a DV no contexto da AT é pensar o humano inteiro, uma corporeidade integrada ao mundo, onde o corpo é aberto às intenções e sentimentos que se tornam reais por meio dessa corporeidade.

Figura 4: Oficina de DV como arteterapia



Fonte: Adaptado de : <http://www.gerberafitnesss.blogspot.com.br/2011/06/danca-do-ventre-como-atividade-fisica.html> (Corpo); http://lopesmadeira.adv.br/familia_3.html (família); <http://www.fesfsus.ba.gov.br/wp-content/uploads/2015/01>

Acredito que as oficinas de DV foram importantes para as usuárias, pois propiciamos um ambiente divertido, onde se escutava e dançava músicas alegres, no qual puderam relembrar sensações de alegria e desfrutar do prazer de dançar. Também foi possível trabalhar a sensualidade e a delicadeza como demonstrado no quadro abaixo.

Algumas diferenças pessoais, relatadas por elas próprias, foram:

Quadro 4: Trajetória de dança e a DV

Usuárias	DV para você	Sentimentos	Porque esses sentimentos	Atualmente	Mudanças
Magnólia	dança prazerosa	alegria, é gratificante	músicas alegres, gosta de dançar	alegre...até pra ir pra casa.	menos travada
Angélica	sensualidade e delicadeza	me sinto viva	me fez sentir mulher, ser humano	aberta e interessada	mais solta e leve
Margarida	uma dança boa	bem estar, alívio dos problemas	tem que se mexer	me sentindo bem	menos cansada, melhorando

					a saúde
Cravo	dança alegre	alívio dos problemas	me sinto alegre quando danço	não tenho tido vontade de me matar	Alegre, menos cansada, me sentindo bem

Fonte: Autoria própria, 2015.

As quatro usuárias responderam, na entrevista final, positivamente sobre como se sentiam, : “alegre...até pra ir pra casa”, aberta e interessada, “não tenho sentido vontade de me matar” e por fim, “tenho me sentido bem”. Baseada nessas respostas foi perguntado de que forma se apresentavam essas alterações. As respostas foram da seguinte forma: menos travada, mais solta e leve, menos cansada, me sentindo bem e melhorando a saúde.

A percepção da Oficineira, sobre as usuárias, no transcurso dos seis meses de oficinas, comparando estas quando se encontravam no início das oficinas, com as mesmas usuárias ao término, vem respaldar suas percepções. Principalmente no que se refere a parecerem pessoas mais ativas para o dia a dia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta trajetória de pesquisa, buscou-se compreender de que forma o movimento dançado nas oficinas de DV pelas mulheres com TH (bipolaridade e depressão), integrantes do CAPS II – Canoas promoveu um processo de integração emocional, social e corporal do indivíduo e a melhora da qualidade de vida. Por ser um estudo inovador, tornou-se desafiador, ao investigar a possibilidade da DV como terapia complementar, dentro de uma nova visão após a Reforma Psiquiátrica. Dessa forma, a investigação trabalhou no limite entre os campos de saberes diferentes como a saúde mental, a DV e a qualidade de vida com o desafio de ter como objeto a relação produzida entre elas, através das oficinas complementares construídas, a partir da problemática. Diante destes recursos, um percurso "dançado" foi traçado, apontando as respostas da pesquisa acadêmica que procurávamos.

Foi perceptível, por um conjunto de fatores, dentre eles: a postura mais ereta, as atitudes positivas, a descontração e a disposição para prática nas oficinas, que a DV interferiu nestas mulheres, como um canal de comunicação entre seu mundo interior e o exterior, e vice e versa, propiciando vivências através de seus corpos, experiências algumas novas e outras já vividas. Viabilizando sua corporeidade através do movimento cadenciado, dos passos técnicos específicos da DV, em que suas intenções derivadas da psiquê se manifestavam através de seus corpos, propiciando de forma automática a interação com o mundo.

O movimento dançado possibilitou as usuárias outro meio de comunicação que não a fala, já que o corpo é uma unidade de reflexão e expressividade de si, consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Influenciando nas sensações foi possível que se sentissem menos travadas e cansadas, mais soltas, leves, ou seja, melhorando a sua saúde.

Orientamos a prática através da "conciencialização corporal", das variadas "expressões através da linguagem corporal e gestual", das "experimentações através do corpo de sentimentos e posturas", todas essas experimentações fizeram parte das oficinas de DV, ofertando algumas possibilidades em direção à integralidade, e à ideia de que as práticas corporais possam ser uma oportunidade no cuidado em saúde mental.

O número reduzido de participantes não prejudicou o estudo, dado que, por ser uma pesquisa qualitativa extraímos a subjetividade das usuárias no que se refere aos seus mundos peculiares, destacando os ítems por analogia, já que existiu uma interdependência entre as usuárias, o TH e as oficinas de DV.

Quanto aos itens de intervenção das oficinas que tiveram uma maior influência na melhora da qualidade de vida das participante, foram os itens com música acelerada e de

movimentação intensa, os quais faziam com que as usuárias ficassem ofegantes. Evidenciando a necessidade de diminuição de intensidade na atividade para a retomada do fôlego, alternamos os momentos de músicas rápidas com músicas lentas e movimentações ondulantes. Propiciamos, com a utilização de membros superiores e inferiores, o trabalho de coordenação e ritmo. Não recomendamos a aplicação de correções incisivas, pois o intuito é a experimentação e não a carreira de bailarina.

Proporcionando momentos diferenciados em uma mesma oficina: aquecimento, apropriação do movimento técnico, dança vigorosa, dança suave, dança interpretativa, alongamento.

De um modo geral, os itens de qualidade de vida das participantes tiveram algumas melhoras, principalmente os relacionados à socialização com suas famílias. Ocorreu também a diminuição em níveis variados, de combinações de sintomas que interferem e impossibilitam a vida normal. Como a depressão, a tristeza, a apatia, a irritabilidade, a ansiedade e o sentimento de medo. Sendo a ansiedade o item que continuaram apresentando, mesmo que de uma intensidade mais branda.

Outro aspecto que deve ser observado foi o fato de não sentirem mais confusão mental, sendo capazes de pensamentos mais claros.

Não houve eliminação completa da psicopatologia, contudo a DV pareceu influenciar positivamente como complemento terapêutico no tratamento da depressão e da bipolaridade, evidenciando resultados positivos, podendo ser utilizada como um tratamento complementar aliado aos tratamentos convencionais realizados com antidepressivos. Além disso, um resultado positivo principalmente no que se refere ao eixo social, observados e relatados à oficina de modo informal, pela equipe do CAPS e também percebido pela pesquisadora em pequenas mudanças de socialização e ainda nos relatos das próprias usuárias sobre a melhora considerável na relação com suas famílias.

Desta maneira, não temos a pretensão que o presente estudo dê soluções mágicas à questão dos TH, mas proponha a prática da DV como uma das muitas variedades de terapia complementar, onde o resgate de si, inerentes ao dançar possar ser empregado.

No entanto, devemos considerar que a prática regular da DV, deva ser encarada como exercício físico, assim devendo ter a mesma continuidade que as outras atividades físicas. Chamamos a atenção para que deva ser mantida, pois após a interrupção da intervenção com os exercícios físicos, o efeito positivo da prática de DV não se sustenta, podendo inclusive acarretar o agravamento dos quadros. Segundo Vieira “a retirada do exercício físico após ter-se adquirido o hábito da prática [...] provoca aumentos na percepção da fadiga psicológica,[...]”

antecedendo o agravamento dos sistemas”. (2007, p.27) Então ressaltamos a importância em dar segmento às oficinas de DV.

Por toda essas percepções de possibilidades descrita pelas usuárias, e da percepção através do olhar daicineira, de uma forma geral, há indícios de melhoras, mas apesar de apresentarem essa sensação de bem estar, elas reconhecem que ainda necessitam das intervenções no CAPS – II.

Um aspecto para ser pensado é o senso comum, de que praticamente para todos se recomenda a prática de atividade física. Contudo, parece que há a necessidade da Educação Física se apropriar dos saberes e ações terapêuticas relacionados à saúde mental. Já que a Educação Física tem sua atenção voltada para a prevenção ou a manutenção da saúde, mas não especificamente à atividade física nos serviços de atenção psicossocial, com seus cuidados especializados em saúde mental.

Outro aspecto para ser pensado é a função social que a DV teve durante a sua extensa trajetória na história. Suas finalidades foram diversas como o da religião nos antigos templos, ou o de sedução nos haréns até mesmo, de atividade artística nas apresentações, mas vem surgindo lentamente uma nova finalidade para a DV, a de terapia complementar em espaços especializados em saúde. De qualquer maneira, acredito que poderíamos investigar mais sobre os procedimentos de transformação, buscando outras alternativas.

O processo desta pesquisa foi mediado por trocas com saberes variados, mas também com seus sujeitos de pesquisa que, nas oficinas de dança, sempre se apresentaram gentilmente, visto que, empreender o estudo do projeto e as práticas da pesquisa, e posteriormente, organizar apontamentos e entrevistas, não houve a pretensão de conservar nenhum conhecimento como privado e, sim, uma inspiração para outras futuras pesquisas que envolvam a DV.

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, A. C. P; PEDRÃO, L. J. A. contribuição da dança do ventre para a educação corporal, saúde física e mental de mulheres que frequentam uma academia de ginástica e dança. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 243-8, mar/abr, 2005.
- ANDRADE, Beatriz Campos del. **A Dança Contemporânea no Tempo**. 2011. Texto suporte para reunião do Grupo de pesquisas em educação física escolar da FEUSP. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_01.pdf. Acesso em: jul. 2015.
- ANDRADE, Márcia Campos et al. **Saúde mental e economia solidária** – relato de experiência de um projeto de inclusão social pelo trabalho. 2008. Disponível em: <http://www.unitrabalho.uem.br/artigos/pdf9.pdf> Acessado em janeiro 2015.
- ATON, Merit. **Dança do Ventre** – Dança do Coração. São Paulo: Tempos, 1996.
- ARCURI, I. G. (Org.). **Arteterapia: um novo campo de conhecimento**. São Paulo: Vetor, 2006a.
- BAGGIO, Katia Franklin. **Arte do movimento na transformação pessoal**. Erechim: EDIFAPES, 2002.
- BANDEIRA Marina, et al. Avaliação de serviços de saúde mental: adaptação transcultural de uma medida da percepção dos usuários sobre os resultados do tratamento. **Jornal Bras Psiquiatr.**;58(2):107-114. 2009.
- BENCARDINI Patrícia. **Dança do Ventre: Ciência e Arte**. São Paulo: Barauna, 2010.
- BRASIL. **Portaria nº 3.088/GM, de 30 de dezembro de 2011**. Ministério da Saúde, Brasília. Disponível em: <http://www.brasilsus.com.br/legislacoes/qm/111276-3088.html>. Acesso em: julho de 2013.
- _____. **Portaria n.º 336/GM de 19 de fevereiro de 2002**. Ministério da Saúde, Brasília. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2002/Gm/GM-336.htm>. Acessado em julho/2013.
- _____. Ministério da Saúde. **Portaria Nº 154, De 24 De Janeiro De 2008**. Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família - NASF. 2008. http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt0154_24_01_2008.html acessado em maio de 2014.
- BRESSAN, Rodrigo A. A depressão na esquizofrenia. **Rev. Bras. Psiquiatr.** [online]., v.22, suppl.1, pp. 27-30. 2000.
- CARNEY, Dana R. CUDDY Amy J.C. YAP Andy J. **Review and Summary of Research on the Embodied Effects of Expansive (vs. Contractive) Nonverbal Displays**. *Psychological Science* 26, no. 5 (May 2015): 657–663. Disponível em: <http://www.hbs.edu/faculty/Pages/item.aspx?num=48692>. Acesso em: 16 ago. 2015.

CENCI, Cláudia. **A Dança da Libertação**. Rio de Janeiro: Vitória Régia, 2001.

CENTRAL DANÇA DO VENTRE. Artigos sobre grandes bailarinas de dança do ventre Disponível em: www.centraldancadoventre.com.br/a-danca-do-ventre/a-danca-do-ventre-grandesnomes. Acessado em 15 de junho de 2014.

CARDOSO, Clareci Silva, et al. **Depressão na esquizofrenia: prevalência e relação com a qualidade de vida**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 23(9): 2035-2048, set, 2007.

CORRAZE, J. **As comunicações não verbais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

CARVALHO, Isalena Santos. **A clínica da psicose na clínica do CAPS: reflexões a partir das perspectivas do paciente, de sua família e de profissionais que atendem num CAPS de São Luis (MA)**- Tese apresentada ao IPUB como requisito para obtenção ao título de doutor em Psicologia Clínica e Cultura. Brasília, 2008.

CASTRO-COSTA Érico; SILVA Antônio Geraldo. A adesão terapêutica no transtorno bipolar. **Revista debates em psiquiatria**. Ano 1, nº5, Set/Out, 2011.

CUNHA, Adriana Miranda da. **Reflexões sobre o ensino de Dança do Ventre: Laban e biomecânica como base para sistemas de aprendizagem**. Monografia de graduação em Licenciatura em Artes Cênicas. Santa Catarina: UDESC, 2010. Disponível em <http://www.centraldancadoventre.com/trabalhos/adrianamirandadacunha.pdf>. Acessado em 15 de junho de 2014.

DANTAS, M. **Dança: forma, técnica e poesia do movimento na perspectiva de construção de sentidos coreográficos**. Dissertação apresentada para obtenção parcial de mestre em Ciências do Movimento Humano. UFRGS- Escola de Educação Física, Porto Alegre, RS. 1996

_____, M. **Dança o enigma do movimento**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

VAINFAS Ronaldo, FARIA Sheila de Castro, FERREIRA Jorge, SANTOS Georgina. História – Povos da antiguidade história. Jorge Ferreira. Ed:Saraiva, Vol. 2, 2014.

FONSECA, Andrea Matos da. **Corporeidade na arte atual brasileira: sensibilidade desveladas**. USP, São Paulo, 2012.

FRANZOSI, Nathaly Matsuda. **Dança do ventre: um olhar da educação Física**. Monografia apresentada a EEFÉ-USP, São Paulo. 2009.

GALLINA, Elisabete Patricia. **A expressividade dos acadêmicos de Educação Física que cursam a disciplina de metodologia do ensino da dança escolar**.UFRGS - Faculdade de Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, 2008

GARCIA, Ângela; HAAS, Aline Nogueira. **Expressão Corporal: aspectos gerais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

- GATTAZ, Wagner. **Esquizofrenia. Laboratório de Neurociências - LIM-27 IPq** - Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. São Paulo. 2009-2015. <http://www.neurociencias.org.br/pt/564/esquizofrenia/> Acessado em janeiro 2015
- GOODWIN, F.; JAMISON KR. **Doença maniaco-depressiva: transtorno bipolar e depressão recorrente**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.
- GREVET, Eugênio Horácio, CORDIOLI, Aristides Volpato, FLECK, Marcelo P.A. **Depressão maior e distímia: diretrizes e algoritmo para o tratamento farmacológico. Psicofármacos: Consulta rápida; Porto Alegre, Artmed, 2005.** <http://www.ufrgs.br/psiquiatria/psiq/Algoritmo%20de%20depress%C3%A3o%20final.pdf> . Acessado em 20 de junho 2014.
- ISKANDARIAN, Madeleine – “Shahrazad”. **Resgatando a feminilidade** - expressão e consciência corporal pela dança do ventre. São Paulo: SCORTECCI EDITORA, 2002.
- JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. 5ª ed. Porto Alegre: Ed. Nova Fronteira, 2005.
- JUSTO, L.P.; CALIL, H.M. Depressão – o mesmo acometimento para homens e mulheres? São Paulo. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.33 (2); p.74-79, 2006.
- KAPLAN, H.; SADOCK, B.; GREBB, J. **Compêndio de Psiquiatria: Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas Sul, 1997, 7 a..
- LAFER, Beny; NERY Fabiano G. Tratamento da depressão bipolar. **Revista debates em psiquiatria**. Set/out 2011.p.14 a 20. www.abp.org.br. Acessado em outubro 2013.
- LIMA, Déborah Maia; SILVA NETO Norberto Abreu. Danças brasileiras e psicoterapia: um estudo terapêutico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**; Jan-Mar 2011, v. 27 n. 1, p. 41-48.
- MANUAL Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5ª edição revisada, (org). São Paulo, Ed. Artmed, 2013.
- MARCELLINO, Vera Cristina. **O self dança** : uma proposta de individualização hipertextual. Dissertação submetida a banca como requisito parcial para a obtenção de grau de mestre em Artes.2007. <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000405619&fd=y> acessado em 06/2014.
- MARQUES, Isabel. **Projeto Dança-escola, dialogando com o corpo, a arte e a educação**. 1995. Disponível em <http://portal.unesco.org/culture/fr/files/9597/10904014563DANCA-ESCOLA.pdf/DANCA-ESCOLA.pdf>. Acessado em junho de 2013.
- MARTINS Carlos José, Dança, corpo e desenho: arte como sensação **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 101-120, maio/ago. 2010.
- MARTINS, Luciana Ferraz do Amaral. **Ventre que encanta**. São Paulo: Nijme. 2005.
- MELO, Adriana Jardim. **A terapêutica artística promovendo saúde na instituição hospitalar**. Ibérica-revista interdisciplinar de estudos ibéricos e íbero-americanos. Juiz de Fora, ano I, n. 3, março-maio, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MINAYO, Maria Cecília. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, 5(1) :7-18, 2000.

MOEHLECKE, V. . O Grupo como Dispositivo Clínico de Cuidado e Atenção no CAPS Capilé. **XIV Encontro Nacional da ABRAPSO**, 2007, Rio de Janeiro. Diálogos em Psicologia Social. Rio de Janeiro, 2007.

MOHAMED, Shokry. **La mujer y la danza oriental I**. Madrid. Ediciones Mandala, 1995.

MOHAMED, Shokry. **La mujer y la danza oriental II**. Madrid. Ediciones Mandala, 1998.

NASCIMENTO, Clemir Barbosa do. **Dançar com arteterapia**. Monografia apresentada pa obtenção do grau de especialista em Arteterapia em Educação e Saúde. AVM Faculdade Integrada. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/C207088.pdf acessado em janeiro 2015.

NUNES, Clarice. Dança, terapia e educação: caminhos cruzados. In: CALAZANS, Maria Julieta et al. **Dança e Educação em Movimento**. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, M. K.. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Relatório sobre a saúde no mundo**. Genebra. 2001. Disponível em: http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf. Acessado em 7/2013.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Classificação de Transtorno Mental e de comportamento**. Décima Revisão (CID-10). Revisão 2008. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>. Acessado em julho 2013.

PEDROZA AP et al. Articulação saúde mental e economia solidária: relato de projeto de inclusão social. **Rev Rene**. 13(2):454-62. 2012 <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/229/pdf> acessado em fevereiro 2015.

PENNA, Lucy. **Dance e Recrie o Mundo**. São Paulo: Summus, 1997.

PEREIRA M.L, HUNGER D.Ap. C.F, SOUZA NETO S. Dança do ventre: uma reinterpretção histórica e suas características atuais. Artigo publicado no **X Congresso Nacional do Esporte**, lazer, Educação física e dança, 2006, Curitiba.

PORTINARI, Maribel. **História da Dança**, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2ª ed.,1989.

PUFFAL, Diana Celina, WOSIACK, Raquel M. R., BECKER JUNIOR, Benno. Arteterapia: favorecendo a autopercepção na terceira idade. Passo Fundo: **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 6, n. 1, p. 136-145, jan./abr. 2009.

PARKER, Gordon; BROTCHE, Heather. Depressão maior suscita questionamento maior. **Rev. Bras. Psiquiatr.** [online]., v.31, supl.1, pp. S3-S6. 2009.

QUALLS-CORBETT, Nancy. **A Prostituta Sagrada: a Face Eterna do feminino.** 3ª ed. São Paulo, Ed: PAULUS. 1990.

REIS, Alice Casanova dos. O feminino na dança do ventre: uma análise histórica sobre uma perspectiva de gênero. **Revista Eletrônica Interdisciplinar.** Matinhos, v. 1, n.1, p. 52-67, jul/dez., 2008. Disponível em: http://www.litoral.ufpr.br/sites/default/files/Diversa_v1_n1_jul-dez2008.pdf. Acessado em 8 de junho de 2014.

ROHR, Cristina Marinho. **Dança na Educação Física.** Rio de Janeiro: Sinergia, 2012.

SALGUEIRO, Roberta da Rocha. “Um longo arabesco”- **Corpo, subjetividade e transnacionalismo a partir da dança do ventre.** Tese de doutorado em antropologia social. Brasília: UnB, 2012. Disponível em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11249/1/2012_RobertadaRochaSalgueiro.pdf. Acessado em 7 de junho de 2014.

SANTOS, Ana Lúcia Padrão, SIMÕES Antônio Carlos. Educação Física e qualidade de vida: reflexões e perspectivas. **Saúde e Sociedade.** São Paulo, v.21, n. 1, p. 181-192, 2012.

SANTOS, Marcelo Justus dos; KASSOUF, Ana Lúcia. Uma investigação dos determinantes socioeconômicos da depressão mental no Brasil com ênfase nos efeitos da educação. **Economia aplicada,** São Paulo, v. 11, n. 1, p. 5-26, jan –mar, 2007.

SANTOS, Nádia Maria Weber. Modos de escrever, jeitos de sentir, maneiras de refletir: a "escrita de hospício" revelando sensibilidades. PPG-UFRGS. **ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História** – Londrina, 2005.

_____, Nádia Maria Weber. **Narrativas da Loucura e histórias de sensibilidades.** Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.

_____, Nádia Maria Weber. **Histórias de vidas ausentes: a tênue fronteira entre saúde e doença mental.** Passo Fundo, Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005. 191p.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; AMORIM, Katia de Souza. Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte) [online]., v.14, n.1, pp. 189-214. 2008. SSN 1677-1168.

SILVA, Carmi Ferreira da. **Por uma história da dança:** reflexões sobre as práticas historiográficas para a dança, no Brasil contemporâneo. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8696/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final.pdf>. Acessado em outubro 2013.

SLAVIERO Kelly Patrícia, SANTOS Reni Volmir dos. Sexualidade e dança do ventre. **EFDeportes.com, Revista Digital.** Buenos Aires, Año 19, Nº 193, Junio. 2014. Disponível

em: <http://www.efdeportes.com/efd193/sexualidade-e-danca-do-ventre.htm> acessado em março 2015.

SOARES, G.B.; CAPONI, S. Depressão em pauta: um estudo sobre o discurso da mídia no processo de medicalização da vida. **Interface - Comunicação, Saúde. Educação.**, v. 15, n.37, p. 437-446, abril/jun. 2011.

SOUZA Lucia Maria Silva. **A dança como instrumento complementar do processo da arteterapia.** Monografia de conclusão de especialista em arteterapia. Rio de Janeiro: ISEPE, 2012. Disponível em:

<http://www.arteterapia.org.br/v2/pdfs/luciamariadasilvasouzamonografia.pdf> . Acessado em 2 de maio de 2014.

TEIXEIRA-MACHADO, Lavínia; DE SANTANA, Josimari. Dançaterapia e a qualidade de vida de pessoas com deficiência física: ensaio clínico controlado. **Revista Brasileira de qualidade de vida.** v. 5, n. 1 (2013) ISSN: 2175-0858. <http://revistas.utfpr.edu.br/pg/index.php/rbqv/issue/view/98>.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 2008.

TREVISAN, Claudia S. **Dança do ventre:** considerações sobre a sua história e o seu ensino. Monografia de graduação em Educação Física, Campinas: UNICAMP, 2000. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000324289>. Acesso em: 01 de junho de 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1994. 175 p

VAINFAS Ronaldo, FARIA Sheila de Castro, FERREIRA Jorge, SANTOS Georgina. **História – Povos da antiguidade história.** Jorge Ferreira. Ed:Saraiva, Vol. 2, 2014

VIANA, Klauss; CARVALHO, Marco Antonio. **A dança.** 3 ed., São Paulo: Summus, 2005.

VIEIRA, José Luiz Lopes; PORCU, Mauro; ROCHA Priscila Garcia Marques. A prática de exercícios físicos regulares como terapia complementar ao tratamento de mulheres com depressão. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria,** 56(1), p.23-28, 2007.

WENDERS, Wim; SCHMIDT, Erwin M.; RINGEL, Gian-Piero Ringel (produtores). 2011. **Pina** (Documentário). Alemanha/França/Reino Unido.

WHO. World Health Organization. **Global Strategy on Diet, Physical Activity and Health.** Disponível em: <http://www.who.int/dietphysicalactivity/pa/en/index.html> Acessado em 7/2013.

XAVIER, CÍNTIA NEPOMUCENO. **Por uma dança sem ventre, performática, híbrida, impertinente.** 2006. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília.

XIA J; GRANT TJ. Dance therapy for schizophrenia. **Cochrane Database Syst Rev;** (1), 2009. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24092546>. Acessado em julho 2013.

YATHAM Lakshmi N, et al. **Bipolar Disorders**, v. 11, Issue 3, pages 225–255, May 2009. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1399-5618.2009.00672.x/abstract;jsessionid=9E891E7AF72A85AC80251D91E9497599.f03t01?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false> acessado em agosto de 2013.

ZANELLA Andréa Vieira, dos REIS, Alice Casanova. A mediação da dança do ventre na constituição do sujeito. **Psicologia Argumento**. abr./jun., 26(53), p.117-125. 2008.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, “A DANÇA DO VENTRE NA QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES COM TRANSTORNOS DE HUMOR (DEPRESSÃO MAIOR E BIPOLARIDADE) FREQUENTADORAS DO CAPS II - CANOAS” que será desenvolvida, por meio de uma pré-oficina dialogada explicativa; com aplicação de oficinas de dança do ventre e após a última oficina, entrevistas semiestruturada individual. Estas informações estão sendo fornecidas na forma de participação voluntária neste estudo que visa à elaboração e o desenvolvimento de uma oficina de dança, com ação complementar para usuárias do CAPS II- Canoas.

Esta pesquisa está sobre a responsabilidade da pesquisadora Cristina Maria Ruschel Alves, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Humano do Centro Universitário La Salle de Canoas, sob a orientação da Prof. Dra. Nádia Maria Weber Santos e da coorientador Prof. Dr Ricardo Pedrozo Saldanha.

Em qualquer etapa do estudo, o colaborador terá acesso à pesquisadora para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contatos: Cristina Maria Ruschel Alves, telefone: (51) 92066568, endereço eletrônico: aishahafsa@ig.com.br. É garantida ao colaborador da pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento, bem como a garantia do sigilo dos seus dados de identificação de forma que se assegure a sua privacidade e o seu anonimato, inclusive no que se refere às gravações das entrevistas. Fica assegurado, também, o direito de ser mantida atualizada sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados sejam conseguidos pelo pesquisador.

Pesquisa com risco mínimo, onde a avaliação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais; individuais ou coletivos compromete-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos. Os potenciais riscos e o incômodo que esta possa lhes acarretar poderão ser potencializados a partir de doenças prévias, como doenças na coluna e quadril, com histórico de sofrimento frequentes.

Será oferecida assistência imediata e integral, sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situações em que este dela se origine.

A participação do colaborador na pesquisa acontecerá da seguinte forma:

1. será informado sobre a pesquisa no Centro de Atenção psicossocial (CAPS II - Novos Tempos) de Canoas.
2. será convidado a participar e se aceitar, deverá participar da pré-oficina sobre os temas geradores.
3. participará das oficinas de dança do ventre que ocorrerão duas vezes por semana por cinco meses, com duração de uma hora, início em agosto e término em janeiro.
4. a pré-oficina e as oficinas serão registradas em diário de campo.
5. responderá a entrevista final individualmente e serão registradas no formato áudio.
6. dentro de um mês, do término das entrevistas, o colaborador deve ler a transcrição e se for o caso fazer as modificações que julgar necessárias, assinando no espaço destinado.

O material de transcrição das gravações de áudio será armazenado em suporte digital e estará sob a responsabilidade da pesquisadora por cinco anos, sendo destruídas após esse período.

As informações concedidas serão utilizadas para a pesquisa em questão, apresentadas em forma de trabalho científico ou de livro.

Não há despesas pessoais para o colaborador em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pela responsável pela da pesquisa. O local da realização será no CAPS II - Novos Tempos. A entrevista ocorrerá sem a participação de terceiros.

Um psicólogo do CAPS II - Novos Tempos acompanhará a pré-oficina e as oficinas.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi aprovado e carimbado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário La Salle e será emitido em duas vias: uma delas a ser retida pelo colaborador da pesquisa e outra a ser arquivada pelo pesquisador.

Pelo presente documento, eu, _____, brasileiro (a), Carteira de Identidade: _____, CPF: _____, Endereço: _____, depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, através do presente termo, consinto em participar desse projeto de pesquisa.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura da Colaboradora

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE B - PRÉ-OFFICINA

Data: 25/08/14

Pseudônimos dos indivíduos presentes: Magnólia, Cravo, Ciclame, Jasmim, Rosa, Crisântemo, Lavanda, Margarida, Madressilva, Angélica e Miosótis (pseudônimos).

O início da pesquisa sofreu atrasos em função da assinatura do novo convênio de cooperação técnica com a Associação Educadora São Carlos (AESC) Mãe de Deus para operação de serviços assistenciais ambulatoriais de saúde ao Sistema Único de Saúde (SUS), em quatro Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade de Canoas. Desta reorganização resultou a mudança de endereço do CAPS II – Novos Tempos, primeiramente e temporariamente para junto do CAPS Gira Sol (por cinco meses), e finalmente em agosto para o endereço atual. O mês de agosto foi utilizado para aquisição dos nomes nos prontuários, mas devido essas mudanças muitas usuárias não acompanharam o CAPS II - Novos Tempos. Os profissionais que trabalham nessa unidade entraram em contato com as usuárias, tanto com bipolaridade como com depressão, que estivessem frequentando o CAPS nas duas semanas após a mudança de endereço.

A pré-oficina explicativa dialogada foi realizada no dia 25/08/2014, às quinze horas, utilizamos o roteiro pré-estabelecido no projeto. A pesquisadora se apresentou as onze usuárias que compareceram, solicitou que cada uma falasse o seu nome e quem era a sua referência do CAPS Novos Tempos. Também foi questionado se alguma apresentava problemas de coluna, todas negaram. Nesse momento a pesquisadora informou, na forma oral, sobre a participação das usuárias na pesquisa e seus direitos (sobre a o fato da pesquisa lhes garantir o sigilo dos dados de identificação, a privacidade, seu anonimato e a possibilidade de desistir a qualquer momento da pesquisa). A usuária Cravo é analfabeta por isso foi lido em voz alta o TCLE e explicado, abrimos um momento para tirar dúvidas das usuárias. A usuária Jasmim perguntou se eram obrigadas a participar da oficina. Foi respondido que diferentemente das outras oficinas do CAPS onde a presença delas é requisitada, ali na pesquisa é optativa, estavam sendo convidadas a participar, sem obrigatoriedade de forma alguma. As usuárias assinaram o TCLE.

A partir do roteiro, iniciamos a conversa com as usuárias, foi-lhes perguntado o que era qualidade de vida no seu entendimento. Manifestaram-se as usuárias Cravo, Ciclame, Jasmim, Madressilva, Lavanda, Miosótis e Crisântemo, em compensação as usuárias Magnólia, Rosa, Angélica e Margarida se mantiveram em silêncio. A usuária Cravo

comentou: “Ter qualidade de vida é ter mais dinheiro”; a usuária Ciclame disse: “Voltar a ter prazer com o marido”; de uma forma geral as usuárias Madressilva, Jasmim, Lavanda, Miosótis e Crisântemo disseram que era ter saúde.

Foi comentado que segundo a OMS era uma definição amplo e cada indivíduo tem um ponto de vista à respeito desse tema, que está diretamente relacionado com a satisfação de vida, que inclui saúde, sexualidade, moradia, melhores condições de vida, etc.

Quando perguntado sobre o que sabiam sobre dança do ventre, notou-se que a usuária Â estava confundindo com dança cigana. Praticamente todas relacionaram a dança do ventre com a sensualidade e sexualidade. Só a Magnólia e a Margarida não se manifestaram novamente. Ciclame, Lavanda e Crisântemo comentaram que seria muito boa essas oficinas porque estão com problemas para ter orgasmo e poderia ajudá-las. Jasmim questionou se havia sido convidada para participar das oficinas de dança do ventre por estar com problemas de sexualidade com o seu marido devido à diminuição da libido por causa dos remédios. Mas durante a conversa revelou ser assediada pelo marido. Pedi que a Pacha (a profissional responsável) que relatasse o caso a referência da Jasmim e quem sabe uma ação em conjunto com a assistente social.

Quando perguntadas sobre o que esperavam da oficina de dança do ventre Ciclame, Cravo, Madressilva, Lavanda, Magnólia e Margarida comentaram que esperam aprender uma nova dança e que a partir daí, possam se sentir melhor.

Informei a elas que a dança do ventre como qualquer outra dança pode ser utilizada para trabalhar a sensualidade ou a sexualidade. Como é derivada de outras culturas, muitas vezes é pouco divulgado o lado festivo e divertido dessa dança. A proposta da oficina é passar para elas uma pincelada sobre as diversas formas de práticas de dança do ventre, inclusive a forma que utiliza a sedução. Quando aicineira ia aprofundar o assunto sobre a dança do ventre, a enfermeira Célia veio chamar as usuárias para a assembleia.

Pedi que aguardasse só mais uma pergunta breve.

Foi perguntado as usuárias se sabiam o que significa corporeidade. Madressilva comentou que tinha algo a ver com o corpo. As demais disseram que não. Expliquei que corporeidade é a maneira pela qual o corpo é utilizado como instrumento de relacionamento com o mundo. Nas oficinas a dança será a técnica utilizada para o corpo se relacionar de uma forma diferente com o mundo. Logo após o conceito Cravo, Miosótis e Angélica comentaram que adoram dançar e estavam ansiosas para iniciar. Lavanda comentou: “A dança pode funcionar como uma religião”. Perguntei como? E Lavanda respondeu: “Conseguir a paz”.

Novamente a enfermeira Célia entrou na sala e disse que elas teriam que descer pra assembleia. As usuárias estavam se levantando e perguntei de forma geral: O que é a depressão ou a bipolaridade para vocês? Lavanda respondeu: “não sou mais o que foi um dia”. Jasmim disse: “É não ter saúde”. Miosótis disse “Ah! É ruim estar assim”. Angélica disse que é perder o controle de si. Magnólia falou: “Quero ficar boa”. Madressilva disse que nem sabia por que havia sido direcionada a aquelas oficinas porque não se via doente como as colegas, inclusive ela trabalhava (nenhuma das demais estava trabalhando). As demais não se manifestaram sobre o assunto.

Foi encerrado esse primeiro encontro e combinado os dias e o horário para as oficinas.

APÊNDICE C - INSTRUMENTO PARA AVALIAR O MÉTODO DA OFICINA DE DANÇA DO VENTRE: REGISTRO DAS AÇÕES, INFORMAÇÕES, OBSERVAÇÕES IMPRESSÕES E DIÁRIO DE CAMPO.

Cabeçalho

Data: 27/08/2014 – (1ª)

Usuárias presentes: Magnólia (CID 31.9), Cravo (CID 32), Ciclame (CID 32), Lavanda (CID 33)

Referência: Pacha

Observação: Ritmos alternados entre duas músicas com moderado, duas com rápido, duas lento e duas rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x) Tradicionais, (X) Modernas, () Folclóricas

Andamento: (3ª) lenta, (1ª) moderada, (2ª e 4ª) rápida

Conteúdo:

Passos: () Twist, () Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo;

Ondulações: (X) zerinhos, () meia lua, () oito para frente, (X) oito para trás, () oito Maia, () oito Egípcio, () camelo;

Tremidos: (X) shime, (X) shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: () contra tempo, () giros, () caminhadas combinadas, (x) alternância de peso.

Mãos: (X) ventos, () circulares

Braços: (X) molduras, () molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (4) quantas () não () quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? *Não foi feita contagem de tempo.

() sim () quantas () não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (4) quantas () não () quantas

4) Com aicineira cantando os passos?

(x) sim (4) quantas () não () quantas

OBS- Utilização da técnica de sobrepor as mãos no quadril (direcionamento de maior percepção de movimentos para a região do quadril).

DIÁRIO DE CAMPO

27/08/2014 (1º)

No primeiro encontro só quatro usuárias compareceram, duas com transtorno afetivo episódico depressivo (Cravo CID 32 e Ciclame CID 32), Magnólia com transtorno afetivo bipolar, não especificado (CID 31.9) e Lavanda com quadro de depressão recorrente (CID 33).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para a nova experiência.

Em seguida, foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV. Nessa oficina não houve correção de passos, foi um momento para que elas se movimentassem e estimulassem a vitalidade do corpo e da mente. Enquanto realizavam os exercícios, chamava a atenção para a música, seu andamento, ritmo e da sincronia que o corpo, como instrumento, podia ter com essas músicas. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o primeiro contato com esse estilo de dança e perceber as reações das usuárias.

As reações foram as seguintes:

Ciclame tem muito ritmo e coordenação, tem ótima noção corporal, conseguiu fazer todos os movimentos propostos, foi um divertimento a oficina para ela, deu várias gargalhadas durante a realização da oficina e terminou parecendo leve (como se tivesse feito uma terapia do riso).

Cravo tem dificuldade de coordenação, mas tem ritmo apurado, sua noção corporal é razoável. A usuária veio especialmente para a oficina e estava ansiosa para praticar a DV. Sorria o tempo todo, mesmo quando fazia movimentos diferentes do que aicineira pedia, sorria, comentou: “adoro dançar, fico feliz quando danço”, que a dança lhe faz muito bem.

Lavanda demonstra um cansaço crônico, tem um tempo de resposta lento, mas conseguiu fazer a maioria dos movimentos de DV propostos. Nas músicas mais rápidas não conseguia acompanhar, e tem noção disso, mas ao mesmo tempo percebi que as músicas lentas lhe causam desinteresse. Ficou sorridente ao término da oficina e pareceu com mais energia de quando iniciou.

Magnólia está com impregnação medicamentosa, sem expressão alguma e robotizada, mas minha surpresa foi que da cintura para baixo ela tinha um ritmo bem afinado com a música e conseguiu fazer bem feito parte dos exercícios de quadril e pés. Já todos os movimentos de braços não aconteceram, e não esboçou nenhuma expressão. Ao final da

oficina lhe perguntei se havia gostado (devido não conseguir perceber pela ausência da expressão) e ela respondeu que gostou da experiência com a dança.

Como toda atividade física terminamos com alguns alongamentos.

OBS- Saí da oficina me sentindo feliz, até um pouco eufórica por partilhar essa experiência positiva. A referência Pacha que ficou como acompanhante responsável é participativa e sorridente, contribuindo positivamente com seu bom astral.

Cabeçalho

Data: **02/09/2014** – (2^a)

Usuárias presentes: Magnólia (CID 31.9), Cravo (CID 32), Ciclame (CID 32), Lavanda (CID 33)

Referência: Pacha

Observação: Ritmos alternados entre duas músicas com moderado, duas com rápido, duas lento e duas rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x) Tradicionais, (X) Modernas, () Folclóricas

Andamento: (3^a) lenta, (1^a) moderada, (2^a e 4^a) rápida

Conteúdo:

Passos: () Twist, () Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo;

Ondulações: (X) zerinhos, () meia lua, () oito para frente, (X) oito para trás, () oito Maia, () oito Egípcio, () camelo;

Tremidos: (X) shime, (X) shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: () contra tempo, () giros, () caminhadas combinadas, (x) alternância de peso.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, () molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (4) quantas () não () quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? *Não foi feita contagem de tempo.

() sim () quantas () não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (4) quantas () não () quantas

4) Com aicineira cantando os passos?
 sim (4) quantas não () quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados.

DIÁRIO DE CAMPO

02/09/2014 – (2ª)

No segundo encontro as mesmas quatro usuárias compareceram.

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física. Foi utilizado as mesmas músicas e ordem da primeira oficina.

Em seguida, foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV. Nessa oficina não houve correção de passos, utilizamos movimentação em círculo. Enquanto realizavam os exercícios, chamava a atenção para a música, sua interpretação, que deveria transparecer no rosto e corpo, um momento para vivenciarem os sentimentos que essas músicas propunham. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o primeiro contato com o sentimento na dança e perceber as reações das usuárias.

Ciclame tem percepção do sentimento que a música pede, conseguiu vivenciar alguns dos sentimentos propostos, principalmente os que demonstravam “ser poderosa” e “rainha,” deu gargalhadas durante a realização da oficina e terminou parecendo feliz.

Cravo tem percepção do sentimento que a música pede, também conseguiu vivenciar alguns dos sentimentos propostos, principalmente os que demonstravam “ser poderosa” e “rainha,” A usuária veio especialmente para a oficina, comentou que seu filho precisava trabalhar às 16 horas e teria que sair um pouco antes. Comentou que iria comprar os lencinhos de quadril para treinar em casa de tanto que havia gostado da oficina.

Lavanda demonstra um cansaço crônico, não responde bem as músicas lentas, nem quando foi pedido para fazer caras e bocas de sedução, nem quando foi pedido para prestar atenção na música e tentar expressar pelo corpo os sentimentos propostos, nas músicas mais rápidas responde melhor. Pareceu com mais energia de quando iniciou a oficina.

Magnólia continua sem expressão alguma e robotizada, como essa oficina foi para expressões que a música indicava não deu para perceber quase nada apenas um lampejo de expressão. Ao final da oficina lhe perguntei se havia gostado (devido não conseguir perceber pela ausência da expressão) e ela respondeu que gostou.

Como toda atividade física terminamos com alguns alongamentos, a música ficou baixinha.

OBS- Saí da oficina me sentindo feliz. A referência Pacha que ficou como acompanhante responsável tem bom astral.

Cabeçalho

Data: **04/09/2014 (3^a)**

Usuárias presentes: Cravo e Magnólia (avisaram que não viriam), Jasmim (CID 31.5), Ciclame (CID 32), Lavanda (CID 33) e Rosa (CID 31.5).

Referência: Eleonora

Observação: Ritmos alternados entre duas músicas com moderado, duas com rápido, duas lento e duas rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x) Tradicionais, (X) Modernas, () Folclóricas

Andamento: (3^a) lenta, (1^a) moderada, (2^a e 4^a) rápida

Conteúdo:

Passos: () Twist, () Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo;

Ondulações: (X) zerinhos, () meia lua, () oito para frente, (X) oito para trás, () oito Maia, () oito Egípcio, () camelo;

Tremidos: (X) shime, (X) shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: () contra tempo, () giros, () caminhadas combinadas, (x) alternância de peso.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (4) quantas () não () quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

() sim () quantas (x) não (4) quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (4) quantas () não () quantas

4) Com aicineira cantando os passos?

(x) sim (4) quantas () não () quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados.

DIÁRIO DE CAMPO

04/09/2014 – (3^a)

No terceiro encontro, Magnólia e Cravo avisaram que não poderiam comparecer por terem compromissos inadiáveis. Estavam novamente Ciclame e Lavanda. Jasmim e Rosa vieram experimentar a oficina (as duas estão em episódio afetivo bipolar depressivo grave com sintomas psicóticos CID 31.5).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física. Foram utilizadas as mesmas músicas, mas em ordem diferente da primeira e segunda oficina.

Em seguida, foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV. Nessa oficina não houve correção de passos, utilizamos movimentação em duas linhas. Enquanto realizavam os exercícios, chamava a atenção para a música, sua interpretação, que deveria transparecer no corpo, com movimentos mais vigorosos ou suaves. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover a representação da “entonação” da expressão da dança e perceber as reações das usuárias.

Jasmim fez uma redução de estômago há alguns meses e ainda está usando a cinta modeladora. Demonstra um despreparo no condicionamento físico, tem um tempo de resposta lento, mas conseguiu fazer a maioria dos movimentos de DV propostos, nas músicas mais rápidas não consegue acompanhar e tem noção disso, se saiu melhor nas músicas moderadas. Comentou que imaginava que se sentiria mal durante a oficina, mas estava achando divertido e diferente. Ficou sorridente ao término da oficina, mas comentou que se sentia cansada pela atividade física.

Rosa é a mais moça de todas, está experimentando a oficina pela primeira vez. É ritmada e coordenada, mas tem uma timidez que prejudicou seu desenvolvimento, não conseguiu fazer vários dos passos, parecia que sairia correndo da sala a qualquer momento. Teve maior dificuldade nos passos sinuosos. Percebemos que ela sentiu-se intimidada com a situação. Não conseguiu se “entregar” a DV, fez os movimentos mecanicamente. Acredito que não se sentiu pertencente ao grupo.

Ciclame tem ótima noção corporal, conseguiu dar ênfase ou fazê-los com suavidade todos os movimentos conforme propostos. Nessa oficina deu apenas alguns sorrisos porque reclamou de dor de cabeça há vários dias. Perguntei-lhe se havia passado a dor de cabeça ao término da oficina e ela disse que continuava, embora seu semblante estivesse menos contraído.

Lavanda estava demonstrando um cansaço muito grande (parecia que a qualquer momento iria se atirar ao chão). Nas músicas lentas começou a bocejar e foi até o final assim. Não conseguiu imprimir energia nos movimentos que necessitavam. Pareceu com mais energia até a metade da oficina, no final parecia que tinha corrido uma maratona, estava até escabelada.

Terminamos a oficina com alguns alongamentos.

OBS- Nesse dia a referência foi a Eleonora, que não tem sintonia com as usuárias. Nesse dia saí preocupada com Ciclame, pois se percebe claramente que a medicação não está adequada, mas ela teria que esperar até a data marcada para consultar com o psiquiatra para fazer a adequação na medicação. Senti-me um pouco cansada.

Cabeçalho

Data: **08/09/2014 (4ª)**

Usuárias presentes: Magnólia (CID 31.9) e Cravo (CID 32)

Referência: -x-

Observação: Ritmos alternados entre duas músicas com moderado, duas com rápido, duas lento e duas rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, () Folclóricas

Andamento: (3ª)lenta, (1ª)moderada, (2ª e 4ª)rápida

Conteúdo:

Passos: ()Twist, ()Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, ()oito para frente, (X)oito para trás, () oito Maia, () oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: () contra tempo, ()giros, ()caminhadas combinadas, (x) malternância de peso.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (2)quantas () não ()quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

() sim ()quantas (x) não (2)quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (2) quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim(2) quantas () não () quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados.

DIÁRIO DE CAMPO

08/09/2014 (4ª)

No quarto encontro só compareceram Magnólia (CID 31.9) e Cravo (CID 32). As atendentes do CAPS II me avisaram que nas quartas a quantidade de usuárias seria menor porque elas viriam só para a dança enquanto nas segundas teria também a oficina grupo de mulheres.

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física. Foi repetida a oficina número três, pois as duas usuárias que vieram nesse dia faltaram na anterior.

Em seguida, foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV. Nessa oficina não houve correção de passos, utilizamos movimentação em duas linhas. Enquanto realizavam os exercícios, chamava a atenção para a música, sua interpretação, que deveria transparecer no corpo, com movimentos mais vigorosos ou suaves. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover a representação da “entonação” da expressão da dança e perceber as reações das usuárias.

Cravo não tem uma boa noção corporal, mas conseguiu dar ênfase ou fazê-los com suavidade os movimentos conforme propostos, mas tem dificuldade rítmica. Comentou que não gosta de faltar à oficina de DV, pois sente-se bem.

Magnólia teve a medicação reduzida. Continua tendo bom ritmo, mas sua coordenação piorou, não tem percepção do que seu corpo está fazendo no lado esquerdo. Fez alguns movimentos de braço, mas muito pobres. Seus olhos começam a dar sinal de expressão, mas a expressão no rosto permanece apática. Perguntei novamente se estava gostando e ela disse sim.

Terminamos a oficina com alguns alongamentos.

OBS- a Referência Pacha faltou, pedi que alguém a substituísse, mas nenhuma das atendentes se prontificou, assim continuei a oficina sem um profissional como referência.

Cabeçalho

Data: 10/09/2014 (5^a)

Usuárias presentes: Lavanda (CID 33), Cravo (CID 32), Miosótis (CID 31.4)

Referência: Pacha

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, duas com rápido, três lentos e duas rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x) Tradicionais, (X) Modernas, () Folclóricas

Andamento: (3^a) lenta, (1^a) moderada, (2^a e 4^a) rápida

Conteúdo:

Passos: () Twist, () Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo;

Ondulações: (X) zerinhos, () meia lua, (x) oito para frente, (X) oito para trás, () oito Maia, () oito Egípcio, () camelo;

Tremidos: (X) shime, (X) shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, () giros, () caminhadas combinadas, (x) alternância de peso, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (x) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (3) quantas () não () quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? * Não foi feita a contagem de tempo.

() sim () quantas () não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficina durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (3) quantas () não () quantas

4) Com a oficina cantando os passos?

(x) sim (3) quantas () não () quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados .

DIÁRIO DE CAMPO

10/09/14 (5^a)

No quinto encontro compareceram Lavanda (CID 33), Cravo (CID 32) e Miosótis (com transtorno afetivo bipolar, episódio atual depressivo grave sem sintomas psicóticos CID31.4), que veio experimentar a oficina .

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física. Foi repetida a oficina número três apenas com músicas novas (diferentes das que se vinha utilizando nas oficinas). Nessa oficina houve correção de passos, utilizamos movimentação em duas linhas e duplas. A ênfase foi para a coordenação de braços e quadril, perna e quadril, pés e braços. Enquanto realizavam os exercícios, chamava a atenção para a combinação tipo: mesmo braço, mesma perna; dir. dir. sem fazer cruzamento de lados corporais. Também foi experimentado braços em cima, que descem e o quadril segue na movimentação como o tremido. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover a coordenação e perceber as reações das usuárias.

Cravo avisou a sua referência que não virá mais em outra oficina a não ser na DV e que está se sentindo bem. Cravo marcou consulta com o psiquiatra, pois está na época da revisão dos medicamentos. Ela fica muito feliz após a oficina, parece sair energizada.

Lavanda parecia sonolenta e durante a oficina não parou de bocejar, ao final da oficina parecia fisicamente cansada, quase esgotada. Fez os passos tudo a seu tempo, (sempre um pouco atrasado no ritmo), mas não pareceu ser dificuldade corporal e sim desinteresse.

Miosótis não tem dificuldade rítmica nem de coordenação, mas como era sua primeira oficina demonstrou uma certa dificuldade de coordenação. Foi pedido que naqueles movimentos que tivesse maior dificuldade não utilizasse os braços. Comentou que gostou da oficina, mas se acha descoordenada.

Terminamos a oficina com alguns alongamentos.

OBS- Novamente nenhuma das outras profissionais que são referências quiseram participar na oficina, nas quartas Pacha geralmente vai a outro CAPS.

Cabeçalho

Data: 15/09/2014 (6ª)

Usuárias presentes: Magnólia (CID 31.9), Cravo (CID 32), Jasmim (CID 31.5), e Crisântemo (CID 32.9 e 43.1)

Referência: Pacha

Observação: Ritmos alternados entre duas músicas com moderado, duas com rápido, duas lento e duas rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x) Tradicionais, (X) Modernas, () Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: ()Twist, ()Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, () oito Maia, () oito Egípcio, () camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, ()giros, ()caminhadas combinadas, (x) alternância de peso, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (3)quantas (x) não (1)quantas * Magnólia estava muito interiorizada.

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (1)quantas (x) não (3)quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficina durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (4)quantas () não () quantas

4)Com a oficina cantando os passos?

(x) sim (3) quantas (x) não (1)quantas * Magnólia estava muito interiorizada.

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados.

DIÁRIO DE CAMPO

15/09/2014 – (6^a)

No sexto encontro compareceram Magnólia (CID 31.9), Cravo (CID 32), Jasmim (CID 31.5) e Crisântemo (Cid 32.9 e 43.1).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acorda-lo” para os movimentos.

Em seguida, foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV. Nessa oficina houve correção de passos e também foi introduzida a contagem de oito tempos, propiciando um momento a qual as usuárias se acostumassem e, a partir daí, conseguissem mais facilmente ouvir os tempos musicais. Foi utilizada a técnica de palmas para marcação de ritmo, juntamente com a contagem de tempo musical, estimulando o

corpo e a mente. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com a contagem de tempo nesse estilo de dança e perceber as reações das usuárias.

Crisântemo e Cravo comentaram que adoram essa oficina, percebo como as duas tiram proveito da oficina, elas se deixam experimentar e se levar pelas sensações e sentimentos indicados na melodia. A contagem para Crisântemo não representou mudanças até porque é muito coordenada e tem ritmo bom. Já para Cravo a contagem dos tempos ajudou.

Jasmim estava muito bem, inclusive veio sem a cinta, estava com aspecto feliz, bem vestida e inclusive maquiada. A contagem de tempo também a ajudou a manter o ritmo. Comentou que gosta da oficina, mas que só consegue vir nas segundas. Não reclamou de cansaço como na primeira oficina em que participou e conseguiu dançar mais solta.

Magnólia teve uma mudança em sua medicação, está com lampejos de expressão (menos anestesiada), mas com uma ansiedade elevada, não parava de apertar as mãos e perguntar que horas o marido viria buscá-la (as atendentes me informaram que estava assim desde que chegou, pela manhã). Estava tão ansiosa que não está conseguindo se movimentar dentro do tempo rítmico das músicas, tudo muito acelerado e descoordenado. Diferente das primeiras aulas nas quais parecia escutar, mas não responder, nessa oficina parece ter invertido, não escuta. Precisei diversas vezes chamá-la pelo nome e cantar “direita, esquerda” sequencialmente, às vezes, até mesmo encostar no seu quadril.

Terminamos a oficina com alguns alongamentos.

OBS- A referência que participou foi a Pacha, as usuárias demonstram gostar dela e perceber o interesse dela pelo grupo.

Cabeçalho

Data: 17/09/2014 (7^a)

Usuárias presentes: Magnólia (CID 31.9) e Cravo (CID 32) e Angélica(CID 31.5)

Referência: Pacha

Observação: Ritmos alternados entre duas músicas com moderado, duas com rápido, duas lento e duas rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: ()Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: ()Twist, ()Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, ()oito para frente, (X)oito para trás, () oito Maia, (X) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: () contra tempo, ()giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

() sim () quantas () não () quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

() sim () quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (3) quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim (3) quantas () não () quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados pelaicineira.

DIÁRIO DE CAMPO

17/09/2014 (7^a)

Na sétima oficina compareceram Magnólia (CID 31.9), Cravo (CID 32) e Angélica (CID 31.5)

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, mas a música utilizada foi uma música pop.

Em seguida, foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV. Nessa oficina houve correção de passos e também foram utilizadas palmas para marcação rítmica, propiciando às usuárias a percepção da marcação rítmica. Foi utilizada músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana). O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com esse novo ritmo e estilo de dança (faz parte do folclore) e perceber as reações das usuárias.

Magnólia está muito descoordenada, seus braços até sobem (movimento que não ocorria antes), mas seus movimentos estão com dimensão pequena. Percebemos mais a expressão facial, mas sua expressão é de angústia. Hoje novamente perguntou algumas vezes

se seu marido já havia chego, lhe informei que ele só viria às 17 horas, que dava tempo de terminar a oficina e tomar o lanche. Essas músicas da Kawalyia são rápidas e barulhentas, pareceram cansá-la fisicamente.

Angélica e Cravo adoraram as músicas rápidas de Kawalyia. A oficina passou muito rapidamente, os 50 minutos pareceram 20 minutos, de tão proveitosa que foi, inclusive no sentido de aprender novos passos da DV, mas também de transparecer a felicidade dessas músicas.

Terminamos a oficina com alguns alongamentos.

OBS- A referência foi a Pacha.

Cabeçalho

Data: 22/09/2014 (8^a)

Usuárias presentes: Magnólia (CID 31.9), Cravo (CID 32), Margarida (CID 33 e 20), Madressilva (CID 31.9)

Referência: Pacha

Observação: Ritmos alternados entre duas músicas com moderado, três com rápido, uma lento e três rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: ()Twist, ()Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, ()oito para frente, (X)oito para trás, () oito

Maia, (X) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, ()giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo: * Não foi utilizada.

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

() sim () quantas () não () quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (2) quantas (x) não (2) quantas * Magnólia estava muito ansiosa e acelerada.

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (4) quantas () não () quantas

4) Com aicineira cantando os passos?

(x) sim (4) quantas () não () quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados.

DIÁRIO DE CAMPO

22/09/2014 (8^a)

Na oitava oficina compareceram Magnólia (CID 31.9), Cravo (CID 32), Margarida (com quadro de depressão recorrente CID 33 e esquizofrenia CID 20) e Madressilva (com Transtorno afetivo bipolar não especificado CID 31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, mas a música utilizada foi uma música de kawalyia.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e desse folclore. Nessa oficina houve correção de passos e também foi utilizada a contagem de tempo musical. Foi utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana) e músicas mais aceleradas. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com esse ritmo e estilo de dança (faz parte do folclore) e logo depois, dançar repetindo os passos daicineira, como pequenas coreografias feitas no improvisado pela profissional para perceber as reações das usuárias.

Magnólia está muito agitada hoje, ainda pior que as outras duas oficinas, conversei com a referência dela e me informou que ainda é resposta a troca de medicação. Hoje ela não aproveitou a oficina, ficou perguntando muitas vezes se seu marido já havia chego, lhe informei que ele só viria às 17 horas, que dava tempo de terminar a oficina e tomar o lanche. Ela nem quis tomar lanche após a oficina, avisei para um dos técnicos que ela estava pior, eles acharam conveniente fechar o portão para ela não sair a procura do marido. Mas ela ficou todo o tempo da oficina lá na sala, em momento nenhum desceu toda vez que ia até a janela para olhar se o marido havia chego, eu ou Pacha a chamávamos de volta.

Madressilva veio pela primeira vez na oficina, ela comentou que irá se afastar do trabalho e que aí poderá vir nas oficinas. Madressilva é coordenada e tem ritmo, conseguiu

fazer os passos e também a técnica de “siga a oficineira” riu muitas vezes durante a oficina, pareceu terminar cansada, mas feliz.

Cravo adorou o folclore. Ela terminou a oficina radiante.

Margarida estava também experimentando pela primeira vez a oficina. Até a metade da oficina pareceu gostar. Tem certa dificuldade rítmica e de coordenação. Em certo momento sua postura corporal começou a ficar cifótica e fazer caretas. Perguntei se estava bem e essa disse mais ou menos, indiquei que sentasse um pouco. Ficou sentada uns 10 minutos e perguntou se podia ir ao banheiro. Depois de uns minutos retornou. Perguntei se estava melhor e ela disse que sim e retornou a fazer a oficina. Notadamente sua postura melhorou depois do retorno do banheiro.

Terminamos a oficina com alguns alongamentos.

OBS- Como Pacha tinha um dia para recuperar veio e participou como referência. As usuárias comentaram que se sentiram motivadas com as músicas rápidas.

Cabeçalho

Data: 24/09/2014 (9ª)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Margarida (CID 33 e 20), Madressilva (CID 31.9), Miosótis (CID 31.4)

Referência: Elionora

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e dois rápidos, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicional, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3ª)lenta, (1ª)moderada, (2ª e 4ª)rápida

Conteúdo:

Passos: ()Twist, ()Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X) oito para trás, () oito Maia, () oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (2)quantas (x) não (2)quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (2)quantas (x) não (2)quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (4)quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim(4) quantas () não () quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados.

DIÁRIO DE CAMPO

24/09/2014 (9^a)

Na nona oficina compareceram Cravo (CID 32), Margarida (CID 33 e 20) e Madressilva (CID 31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada foi uma música de folclore de DV.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e desse folclore, utilizamos movimentação em círculo. Nessa oficina houve correção de passos e também foi utilizada a contagem de tempo musical. Foi utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), e músicas mais folclóricas. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com esse ritmo e estilo de dança (faz parte do folclore) e logo depois, dançar repetindo os passos daicineira, como pequenas coreografias feitas no improvisado pela profissional para perceber as reações das usuárias.

A oficina ficou mais intensa com as músicas de Kawalyia. Esse estilo musical é bem diferente do tradicional, clássico ou até mesmo das danças modernas de DV, lembra um pouco as batidas das músicas de umbanda. Nessas músicas se utiliza poucos movimentos de DV (quadril), alguns movimentos de peito e pescoço, mas o “ator” principal são os cabelos. Foi passado para esse estilo só movimentos de quadril e peito.

No início dessa oficina já perguntaram se poria novamente aquelas músicas diferentes (se referiam as músicas de Kawalyia), pois haviam gostado muito.

Madressilva comentou que está muito feliz em participar das oficinas, que enquanto dança se sente livre e alegre.

Cravo riu o tempo inteiro da oficina.

Margarida que quase não se expressa verbalmente (só responde quando é perguntada e quase sussurrando) e pouco interage com as colegas, estava atenta aos passos e ao que era dito.

Poderia dizer que hoje a oficina serviu como uma catarse (mais que todas as outras oficinas), ou até mesmo um orgasmo, todas as três usuárias tiveram pico de excitação (com muitos sorrisos), faces enrubescidas, aceleração dos batimentos cardíacos e suor, seguido ao final da oficina de um relaxamento e bom-humor.

Terminamos a oficina com alguns alongamentos.

OBS- Referência: Elionora que após a oficina veio falar comigo e comentou que não precisava mais uma referência nas oficinas, que as usuárias estavam ambientadas comigo.

Cabeçalho

Data: 29/09/2014 (10ª)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Margarida (CID 33 e 20), Crisântemo (CID 32.9 e 43.1) e Magnólia (CID 31.9)

Referência: Pacha

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, uma lento e três rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3ª)lenta, (1ª)moderada, (2ª e 4ª)rápida

Conteúdo:

Passos: ()Twist, ()Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oitto para frente, (X)oitto para trás, () oitto

Maia, (x) oitto Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1)quantas (x) não (3)quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? *Não foi feita a contagem de tempo.

() sim ()quantas () não ()quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficinaira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (3) quantas (x) não (1) quantas *Magnólia estava muito abstraída.

4)Com a oficinaira cantando os passos?

(x) sim(3) quantas (x) não (1) quantas*Magnólia estava muito abstraída.

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados.

DIÁRIO DE CAMPO

29/09/2014 (10^a)

Na décima oficina compareceram Cravo (CID 32), Margarida (CID 33 e 20), Crisântemo (CID 32.9 e 43.1) e Magnólia (CID 31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada foi uma música moderna de DV.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em círculo. Nessa oficina não houve correção de passos. Foi utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), e músicas mais modernas. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com esse ritmo e estilo de dança (faz parte do folclore) e logo depois, dançar repetindo os passos da oficinaira, como pequenas coreografias feitas no improviso pela profissional para e perceber as reações das usuárias.

Essa oficina foi a mais cansativa fisicamente de todas, pois foi tocada apenas uma música lenta após as sequencias de musicas moderadas e rápidas. Algumas dessas músicas além de rápidas eram “barulhentas”.

Crisântemo tem muita noção corporal e é bem coordenada, pega todos os passos com exatidão.

Cravo quando envolve movimentos de braços e pernas fica claro uma grande dificuldade de coordenação.

Ao termino da oficina Cravo e Crisântemo relataram espontaneamente estarem se sentindo bem.

Margarida iniciou a oficina como sempre, quando tinha passado trinta minutos da oficina disse que não estava se sentindo bem. Pedi que sentasse e perguntei o que estava sentido, ela informou que era dor de estômago, fiquei observando. Ficou sentada uns dez minutos e pediu para ir ao banheiro. Quando retornou a sala voltou a participar da oficina (até

o fim). Sua postura, quando estava se sentindo mal era cifótica, quando retornou estava mais ereta).

Magnólia estava ansiosa, toda hora tinha que chamá-la a atenção que o movimento havia sido trocado. Essa oficina pareceu deixar Magnólia ainda mais ansiosa, pois a deixou acelerada. Não parava de perguntar do marido, se ele havia chegado para buspaa-la. Fui conversar com a referência Roseane sobre ela ter ficado muito agitada, pedi que cuidassem para ela não fugir. Ela me relatou que a usuária estava assim desde que chegou pela manhã, e pediu para o segurança manter o portão fechado. Roseane comentou que iria conversar com ela sobre ficar perguntando a todo o momento se o marido já havia chegado para buscá-la.

Terminamos a oficina com alguns alongamentos.

A partir dessa oficina não teremos mais referência acompanhando as oficinas, mas sempre convidarei antes de iniciar. Creio que não querem participar, pois viram que me comunico sobre qualquer fato diferente que ocorra, que aicineira é capaz de lidar com as situações sozinha, além das referências terem acúmulo de trabalho. As usuárias estão vindo porque querem (não ganham presença obrigatória nas evoluções dos prontuários, diferente de tudo o mais que fazem no CAPS).

Cabeçalho

Data: **06/10/2014 (11^a)**

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Margarida (CID 33 e 20), Angélica (CID 31.5), Madressilva (CID 31.9) e Magnólia (CID 31.9)

Referência: Pacha

Observação: Ritmos alternados entre duas músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, ()Ele, () Relevé, (X) encaixe/desencaixe

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X) oito para trás, () oito

Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

() sim (3) quantas () não (2) quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? *Não foi feita a contagem de tempo.

() sim () quantas () não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

() sim (5) quantas () não () quantas

4) Com aicineira cantando os passos?

() sim (5) quantas () não () quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados pelaicineira.

DIÁRIO DE CAMPO

06/10/2014 (11^a)

Na décima primeira oficina compareceram Cravo (CID 32), Margarida (Cid 33 e 20), Angélica (CID 31.5), Madressilva (CID 31.9) e Magnólia (CID 31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada foi um shaabi de DV.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em círculo. Nessa oficina não houve correção de passos. Foi utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), e shaabis. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com esse ritmo e estilo de dança e logo depois, dançar repetindo os passos da profissional, como pequenas coreografias feitas no improviso pelaicineira para perceber as reações das usuárias.

No término da oficina grupo de mulheres (anterior ao horário da oficina de DV) Jasmim avisou que não virá mais, pois sente dor nas costas após fazer a oficina. Ciclame perguntou se poderia só assistir, pois está proibida pelo seu ginecologista de praticar atividade física devido ao sangramento causado por miomas. Disse que ela poderia vir sempre que quisesse.

Enquanto aicineira arrumava o aparelho de som, Angélica contou que é bipolar e tem surtos de agressividade, que tem fobia de pessoas (não consegue participar da oficina anterior por ser uma oficina com muitas mulheres), mas que se sente bem após as oficinas de

DV. Pretende não faltar mais. Contou também que está com consulta marcada com o psiquiatra e que provavelmente irá trocar de medicação.

A oficina transcorreu tranquilamente, foi um momento produtivo no qual se utilizou movimentos novos em músicas de shaabi e pequenas coreografias nessas músicas e nas de kawalyia.

Margarida fez toda a oficina, acompanhou os passos, não se sentiu mal. Magnólia não perguntou sobre seu marido, ou se já estava na hora de ir para casa, fez os movimentos ainda um pouco acelerados, mas muito mais consciente (presente) de que em oficinas anteriores.

Angélica fica com os olhos fixos naicineira, boa parte das oficinas.

Madressilva estava com aspecto diferente na aparência, lhe perguntei o que tinha feito de diferente, essa comentou que fui a única que havia percebido, ela tatuou as sobrancelhas (ficou bonito). Comentou que talvez tenha que voltar a trabalhar daí ficará quase impossível vir nas oficinas, que não gostaria de voltar a trabalhar, pois percebe que a oficina de dança está lhe fazendo bem, pois termina a oficina leve. Ao término veio falar comigo e comentou que não gosta dos olhares fixos que Magnólia lhe dá, comentei que muitas vezes não está nem sequer vendo ou olhando, está simplesmente com os olhos focados em algo, mas está longe dali, não é nada pessoal, mas apenas um olhar parado.

Cravo perguntou se nessa oficina iríamos dançar as músicas de que ela gosta mais (se referia as de kawalyia), sim as rápidas eram 90% desse estilo. Ao término percebemos em seu semblante que estava realizada.

Terminamos a oficina com alguns alongamentos.

Referência: Pacha - participou, pois não tinha evoluções nos prontuários (sua oficina foi cancelada, no horário agendaram uma assembleia).

Cabeçalho

Data: **08/10/2014 (12^a)**

Usuárias presentes: Angélica (CID 31.5) e Madressilva (CID 31.9)

Referência: -x-

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, dois com rápido, dois lento e três rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicional, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, ()Ele, (x) Relevé, (X) encaixe/dencaixe

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo;
 Ondulações: (X) zerinhos, (x) meia lua, (x) oito para frente, (X) oito para trás, (x) oito
 Maia, (x) oito Egípcio, () camelo;
 Tremidos: (X) shime, (X) shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto
 Deslocamentos: (x) contra tempo, (x) giros, () caminhadas combinadas, () grego.
 Mãos: (x) ventos, (X) circulares
 Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, (x) medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (2) quantas () não () quantas

4) Com aicineira cantando os passos?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

OBS- Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança e introdução de passos novos.

DIÁRIO DE CAMPO

08/10/2014 (12^a)

Na décima segunda oficina compareceram Angélica (CID 31.5) e Madressilva (CID 31.9)

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada não era de DV, era uma pop comum.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em coluna. Nessa oficina houve correção de passos. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), shaabis e clássicas de DV. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com esse ritmo e estilo de dança e logo depois, dançar repetindo os passos da profissional, e uma pequena coreografia feita no improviso pelaicineira para término e perceber as reações das usuárias.

Angélica confunde DV com dança cigana, trouxe um traje (lindo) dela de dança cigana, ela mesma que desenhou. Ela demonstra estar mais a vontade quando tem menos usuárias na oficina, fica mais comunicativa perguntando o que fica em dúvida de algum movimento.

Madressilva está afastada do serviço até semana que vem. Comentou que está gostando das oficinas, porque consegue rir, se sente mais “solta”. Não apresenta dificuldades de aprendizado, nem rítmica, nem expressiva.

As duas usuárias comentaram que gostaram da correção dos passos e de aprender mais passos.

Terminamos a oficina com alguns alongamentos.

OBS- não tivemos profissional referência participando na oficina.

Cabeçalho

Data: 13/10/14 e 15/10/14 - Semana Louca de Boa

Observação: Não houve oficinas, todos os usuários e referências participaram de atividades diferenciadas, juntamente com todos os CAPS de Canoas.

Cabeçalho

Data: **20 /10/2014 (13^a)**

Usuárias presentes: Miosótis (CID 31.4), Margarida (CID 33 e 20) e Madressilva (CID 31.9).

Referência: -x-

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, ()Ele, () Relevé, (X) encaixe/desencaixe

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, () oito Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

sim (2) quantas não (1) quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? *Não foi feita a contagem de tempo.

sim () quantas não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

sim (3) quantas não () quantas

4) Com aicineira cantando os passos?

sim (3) quantas não () quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados.

DIÁRIO DE CAMPO

20 /10/2014 (13ª)

Na décima terceira oficina compareceram Miosótis (CID 31.4), Margarida (CID 33 e 20) e Madressilva (CID 31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna de DV.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em coluna. Nessa oficina houve correção de passos. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), shaabis e modernas de DV. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com esse ritmo e estilo de dança e perceber as reações das usuárias.

Madressilva estava muito gozadora, fazia várias “palhaçadas” para descontraírmolos, em determinado momento riu de Margarida (tem muita dificuldade de coordenação), pois essa estava fazendo o que queria e não o que aicineira havia pedido. Mas Miosótis vendo a situação fez um sinal de positivo para Margarida. Olhei para Madressilva com expressão de repreensão e balancei a cabeça dando a entender que não deveria se portar assim.

Essa oficina foi atípica, Margarida que nunca se manifesta, dava gargalhadas. Em determinado momento ficou parada e perguntei se estava bem, ela disse que sim e que estava gostando das oficinas. Creio que cansou da movimentação vigorosa. Na situação do riso de Madressilva, Margarida me pareceu nem perceber que a colega ria dela.

Miosótis está mais solta, demonstrou ser coordenada e estar atenta aos ritmos. Estava bem falante, contando de algumas roupas que comprou.

Minha impressão para as três usuárias presentes é de que saíram leves, talvez por alguns momentos conseguissem esquecer seus problemas.

OBS- não tivemos profissional referência participando na oficina.

Cabeçalho

Data: 22 /10/2014 (14^a)

Usuárias presentes: Angélica (CID 31.5) e Cravo (CID 32),

Referência: -x-

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (X)Twist, ()Ele, (X) Relevé, (X) encaixe/desencaixe

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (X) para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, (X) meia lua, (x)oitto para frente, (X)oitto para trás, (X) oitto Maia, (x) oitto Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (X) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(X) sim (2) quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (2) quantas () não () quantas

4)Com a icineira cantando os passos?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

OBS- - Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança e introdução de passos novos.

DIÁRIO DE CAMPO
22 /10/2014 (14ª)

Na décima quarta oficina, compareceram Angélica (CID 31.5) e Cravo (CID 32).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acorda-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma Kawalyia.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em dupla. Nessa oficina houve correção de passos. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), shaabis e tradicionais de DV. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com o ritmo, passos novos da DV e perceber as reações das usuárias. Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança.

Angélica e Cravo parecem se transportar para outra dimensão, suas fisionomias se alteram, ficam parecendo outras pessoas. Comentaram que gostaram da introdução de novos passos e da correção, pois querem dançar bem. Aicineira comentou que toda vez que forem menor quantidade de usuárias nas oficinas irá corrigir mais ativamente os passos.

Angélica está com o olhar mais fixo na icineira, interagindo pouco com Cravo, as duas não demonstram interesse uma pela outra. Durante a oficina comentaram que continuam sem sair sozinhas de casa.

As duas comentaram que gostam quando há menos usuárias nas oficinas, pois se sentem mais a vontade e ao mesmo tempo podem absorver mais os conhecimentos e a atenção da icineira.

Terminamos a oficina com alongamentos.

OBS- Não houve referência participando na oficina.

Cabeçalho

Data: 27 /10/2014 (15ª)

Usuárias presentes: Magnólia (CID 31.9), Margarida (CID 33 e 20), Cravo (CID 32), Angélica (31.5) e Madressilva (CID 31.9).

Referência: Pacha

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3ª)lenta, (1ª)moderada, (2ª e 4ª)rápida

Conteúdo:

Passos: ()Twist, ()Ele, () Relevé, () encaixe/dencaixe

Batidas: () lateral, () para cima, () para baixo;

Ondulações: ()zerinhos, () meia lua, ()oito para frente, ()oito para trás, () oito Maia, () oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: () shime, ()shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: () contra tempo, ()giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: () ventos, () circulares

Braços: () molduras, () molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

() sim (1) quantas () não (3) quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? *Não foi feita a contagem de tempo.

() sim () quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

() sim (4) quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

() sim (4) quantas () não () quantas

OBS- as usuárias cansaram muito fisicamente devido ao forte calor.

DIÁRIO DE CAMPO

27 /10/2014 (15^a)

Na décima quinta oficina, compareceram Magnólia (CID 31.9), Margarida (CID 33 e 20), Cravo (CID 32), Angélica (31.5) e Madressilva (CID 31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acorda-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna de DV.

Nessa oficina estava muito calor, o ar condicionado não foi suficiente. Nessa oficina foi utilizada músicas não tão rápidas, mas alegres.

Foi feita um pouco de correção de movimentos, as combinações de coordenação de braço, perna e quadril foram motivo para risos devido a dificuldade de acerto.

Todas pareceram estar estáveis, sem oscilações.

Margarida fez a oficina inteira, não demonstrou estar indisposta.

Magnólia continua introspectiva.

Ao término da oficina apresentaram cansaço físico.

Referência Pacha.

Cabeçalho

Data: 29 /10/2014 (16ª)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32).

Referência: - x-

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionalis, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3ª)lenta, (1ª)moderada, (2ª e 4ª)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/dencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X) oito para trás, (x) oito

Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, (x) medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? *ajudou na pequena coreografia.

(x) sim (1) quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficina durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (1) quantas () não () quantas

4)Com a oficina cantando os passos?

(x) sim(1) quantas () não () quantas

OBS- a usuária demonstrou gostar da pequena coreografia.

DIÁRIO DE CAMPO**29 /10/2014 (16ª)**

Na décima sexta oficina compareceu Cravo (CID 32).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna de DV.

Nessa oficina aicineira repassou os passos e corrigiu-os, chamando a atenção para a marcação do ritmo e a contagem de passos, pois a Cravo tem um pouco de dificuldade rítmica. Nessa oficina foi utilizada uma coreografia.

Achou bem interessante a coreografia e perguntou se poderiam se apresentar. Foi comentado que durante a pesquisa não seria feita apresentações, mas que após o encerramento era possível sim. Adorou ter a icineira só para ela, saiu radiante da oficina.

Comentou que está para ser vovó e que talvez tenha que faltar algumas oficinas.

OBS- Não teve referência acompanhando a oficina.

Cabeçalho

Data: 03/11/2014 (17ª)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Angélica (31.5), Madressilva (31.9), Miosótis (31.4), Margarida (33 e 20), Magnólia (31.9).

Referência: Pacha

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3ª)lenta, (1ª)moderada, (2ª e 4ª)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, (x) oito

Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (X)caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (4)quantas (x) não (2)quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? * Não foi feita a contagem de tempo
 sim quantas não quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficina durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?
 sim (4) quantas não (2) quantas

4)Com a oficina cantando os passos?
 sim (4) quantas não (2) quantas

DIÁRIO DE CAMPO

03/11/2014 (17^a)

Na décima sétima oficina compareceram Cravo (CID 32), Angélica (31.5), Madressilva (31.9), Miosótis (31.4), Margarida (33 e 20), Magnólia (31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma folclórica de Said.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em círculo. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), shaabis e folclóricas de DV. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com o ritmo, os passos da DV e perceber as reações das usuárias. Nessa oficina não houve correção dos movimentos de dança.

Magnólia e Margarida estavam em seus mundinhos, diversas vezes a oficina teve que tocar no quadril ou braço para perceberem que o movimento havia mudado. Também não conseguiram acompanhar o ritmo rápido dessa oficina.

Cravo, Angélica, Madressilva e Miosótis chegaram animadas para a oficina. Nessa oficina foi utilizada apenas duas músicas lentas, como descanso. Utilizamos, músicas de Obied (Kawalyia) músicas rápidas.

As usuárias se manifestaram diversas vezes durante a oficina, quando era “cantada” a dica: agora é poderosa,...tipo um beijinho no ombro,...agora é deslizando como se flutuasse...

Riram bastante uma da outra e de si mesmas, pude perceber certo êxtase em seus rostos.

Nessa oficina ficou clara o quanto pode se proporcionar nas usuárias sentimentos de confiança, tolerância, apoio mútuo, proporcionando a essas mulheres perceber e reconhecer sua importância.

A oficina foi muito movimentada, devido a isso o alongamento foi um pouco mais extenso para evitar dores físicas.

Referência: Pacha

Cabeçalho

Data: 05/11/2014 (18^a)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Angélica (31.5)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicional, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, (x) oito

Maia, (x) oito Egípcio, () camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (X)caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? * Não foi feita a contagem de tempo

() sim () quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficina durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (2) quantas () não () quantas

4)Com a oficina cantando os passos?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

OBS- - Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança e introdução de passos novos.

DIÁRIO DE CAMPO

05/11/2014 (18^a)

Na décima oitava oficina compareceram Cravo (CID 32), Angélica (31.5).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma folclórica de Melea Leaf.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em linha. Nessa oficina houve a introdução de novos passos e a correção desses. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), shaabis e folclóricas de DV. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com o ritmo, os passos da DV e perceber as reações das usuárias.

Cravo está estável, fica muito contente e motivada durante a oficina de dança.

Angélica teve troca de medicação e está visivelmente triste, comentou que faz questão de dançar para esquecer suas tristezas e se sentir mais leve. Cravo comentou com ela que ha algum tempo atrás teve uma troca de medicação e também não tinha se adaptado muito bem.

Comentei com ela que a troca de medicação necessita de algum tempo pra se adaptar. Durante a oficina por diversos momentos Angélica mudava sua expressão de tristeza por estável e até mesmo lampejos de felicidade.

Não tivemos um profissional referência participando na oficina.

Cabeçalho

Data: 10/11/2014 (19^a)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Angélica (31.5)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, (x) Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/dencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, (x) meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, (x) oito Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: () ventos, () circulares
 Braços: () molduras, () molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

() sim (2) quantas () não () quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

() sim (2) quantas () não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

() sim (2) quantas () não () quantas

4) Com aicineira cantando os passos?

() sim (2) quantas () não () quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da pequena coreografia. Foi utilizada o véu (um dos acessórios da DV).

DIÁRIO DE CAMPO

10/11/2014 (19ª)

Na décima nona oficina compareceram Cravo (CID 32), Angélica (31.5).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma folclórica de Melea Leaf.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em linha. Nessa oficina houve a introdução de novos passos, a correção desses e ainda uma pequena coreografia de véus. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), shaabis e tradicionais de DV. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com o ritmo, e perceber as reações das usuárias na execução da pequena coreografia com acessório (véu).

Cravo e Angélica estavam estáveis. Angélica ficou muito contente e motivada com a coreografia de DV com véu. Pedi que trouxessem um pen drive, pois iria disponibilizar as músicas de dança para que se quisessem dançar em casa.

A participação de Pacha acrescenta como fonte de motivação, pois ela tem limitações de movimentação nas mãos, mas adapta o movimento ao que lhe é possível, sempre com um sorriso aberto.

Referência: Pacha

Cabeçalho

Data: 17/11/2014 (20^a)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Angélica (31.5), Madressilva (31.9), Miosótis (31.4), Margarida (33 e 20).

Referência:

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, (x) oito Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (3) quantas (x) não (2) quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? * Não foi feita a contagem de tempo

() sim () quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficina durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (4) quantas (x) não (1) quantas

4)Com a oficina cantando os passos?

(x) sim(4) quantas () não () quantas

DIÁRIO DE CAMPO

17/11/2014 (20^a)

Na vigésima oficina compareceram Cravo (CID 32), Angélica (31.5), Madressilva (31.9), Miosótis (31.4), Margarida (33 e 20).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma folclórica de Said.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em círculo. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), shaabis e folclóricas de DV. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com o ritmo, os passos da DV e perceber as reações das usuárias. Nessa oficina não houve correção dos movimentos de dança.

Margarida estava um pouco menos “interiorizada” em si mesma, ainda com movimentação lenta, não conseguindo acompanhar o ritmo rápido dessa oficina. Mas sua postura estava menos sífótica.

Cravo e Madressilva chegaram animadas para a oficina, parecem estar estáveis. Nessa oficina foi utilizada apenas duas músicas lentas, como descanso. Utilizamos, músicas de Obied (Kawalyia) músicas rápidas e outros folclores.

Não houve acompanhamento de um profissional referência.

Miosótis se manifestou diversas vezes durante a oficina, estava um pouco agitada e muito falante.

Angélica teve troca de medicação há pouco tempo, comentou que não estava se adaptando e que não tem dormido direito. O aspecto físico dela é de cansaço, lentidão e respostas reduzidas aos estímulos e passos da dança. Pareceu-me que estava se esforçando para estar na oficina de dança.

Não participou nenhum dos profissionais referência.

Cabeçalho

Data: 19/11/2014 (21^a)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Angélica (31.5), Madressilva (31.9), Miosótis (31.4)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicional, (X) Modernas, (x) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, (x) Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/dencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oitto para frente, (X)oitto para trás, (x) oitto Maia, (x) oitto Egípcio, (x)camelo;
 Tremidos: (x) shime, (x)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto
 Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (x)caminhadas combinadas, (x) grego.
 Mãos: (X) ventos, (x) circulares
 Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, (x) medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (4)quantas () não ()quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (4)quantas () não ()quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (4)quantas () não () quantas

4)Com a icineira cantando os passos?

(x) sim(4) quantas () não ()quantas

OBS- - Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança e introdução de passos novos, mas as músicas utilizadas foram em sua maioria clássicas (não tão agitadas).

DIÁRIO DE CAMPO

19/11/2014 (21^a)

Na vigésima primeira oficina compareceram Cravo (CID 32), Angélica (31.5), Madressilva (31.9), Miosótis (31.4)

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna de DV.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em círculo. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas e clássicas de DV. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com o ritmo, os passos da DV e perceber as reações das usuárias. Nessa oficina houve correção dos movimentos.

Creio por a música não ser nem tão rápida nem tão barulhenta conversaram o tempo todo ou com a icineira ou entre elas.

Angélica está relatando de não se encontrar estável, mas mesmo assim prefere vir na dança porque percebe que se sente um pouco mais leve. Também relatou que seu filho está

impedindo de ver seu neto (que ela criou enquanto ele se encontrava internado na reabilitação). Comprou um lenço de quadril para uso pessoal e pediu o lenço da oficina emprestado para tirar o modelo, conta que antes era muito prendada.

Cravo está estável, mas comenta que houve troca de medicação e está com tremores. Ela ainda não tem percepção corporal nos passos que requerem transferência de peso.

Madressilva terá que retornar ao trabalho, pois o médico do trabalho a liberou, mas comentou que ainda não se acha apta para retornar aos pacientes (é enfermeira técnica). Também relatou que está pensando em se separar do marido, em outro dia antes da oficina já havia comentado que não estava se acertando com ele.

Percebemos um esforço das usuárias em combater suas situações de transtornos. Angélica está tentando retornar aos seus trabalhos manuais, pois sabe que lhe faz bem. Cravo tem percepção que ainda não pode ficar sozinha e que deve tomar os remédios certinho. Madressilva percebendo que há a necessidade de ações de mudança em sua vida.

Miosótis está quase sempre eufórica, fala muito, ri alto e percebemos que cuida de sua estética. Comentou que se diverte muito nas oficinas de dança.

OBS- Todas estavam com os abdomens muito inchados.

Não houve profissional referência participando na oficina.

Cabeçalho

Data: 24/11/2014 (22^a)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Angélica (31.5), Miosótis (31.4), Margarida (33 e 20), Magnólia (CID 31.9).

Referência: Pacha

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicional, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, (x) oito Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (X) caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

sim (4) quantas não (1) quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? * Não foi feita a contagem de tempo

sim () quantas não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

sim (5) quantas não () quantas

4) Com aicineira cantando os passos?

sim (5) quantas não () quantas

OBS- - Nessa oficina não houve correção dos movimentos de dança, as músicas foram muito rápidas e com o intuito de por para fora o estresse.

DIÁRIO DE CAMPO

24/11/2014 (22ª)

Na vigésima segunda oficina compareceram Cravo (CID 32), Angélica (31.5), Miosótis (31.4), Margarida (33 e 20), Magnólia (CID 31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em círculo e em linha. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas, clássicas de DV e folclóricas. Nessa oficina não houve correção dos movimentos de dança, as músicas foram muito rápidas e com o objetivo de por para fora o estresse.

Aproveitando que o tempo não se encontrava tão quente aicineira utilizou muitas músicas rápidas.

As usuárias estão se desenvolvendo gradualmente, umas mais rapidamente e outras mais lentamente. Nessa oficina não houve oportunidade para conversas, foi muito corrida.

Magnólia ainda não tem muita noção espacial e às vezes fica quase no centro da roda, por diversas vezes a conduzi para seu lugar. Angélica também a ajudou a voltar para seu espaço, pegou gentilmente no braço da colega e a conduziu.

Ao final da oficina demonstraram cansaço devido ao esforço vigoroso. O alongamento foi um pouco mais extenso para compensar a alta intensidade de movimentação dessa oficina.

Referência: Pacha

Cabeçalho

Data: 26/11/2014 (23^a)

Usuária presente: Angélica (31.5)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, (x) oito Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (X) caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1) quantas () não (w) quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (1) quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

OBS- - Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança e introdução de passos novos e foi passada uma pequena sequência coreográfica.

DIÁRIO DE CAMPO
26/11/2014 (23ª)

Na vigésima terceira oficina compareceu Angélica (31.5).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna de DV.

Nessa oficina, a oficina repassou os passos e corrigiu-os, foi apresentado passos novos e uma pequena sequência coreográfica, a usuária não demonstrou dificuldades.

Utilizamos em sua maioria músicas clássicas, as preferidas da usuária. Lembrou da pequena sequência passada em outra oficina, então foi acrescentado passos com maior dificuldade a essa coreografia.

Comentou que continua com dificuldades para comparecer, pois precisa vir acompanhada por uma amiga. Apresentava aspecto de cansaço, pois continua com dificuldades para dormir. Mas está feliz porque voltou a falar com sua filha e netos.

Não tivemos acompanhamento de nenhum profissional referência.

 Cabeçalho

Data: 01/12/2014 (24ª)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Angélica (31.5), Margarida (33 e 20), Magnólia (CID 31.9).

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3ª)lenta, (1ª)moderada, (2ª e 4ª)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X) oito para trás, (x) oito Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (X) caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (4) quantas (x) não (2) quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? * Não foi feita a contagem de tempo

() sim () quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficina durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (4) quantas (x) não (2) quantas

4)Com a oficina cantando os passos?

(x) sim (4) quantas () não () quantas

Questão quanto aos passos a partir do terceiro mês.

OBS - Embora seja o quarto mês, foi aplicada só em novembro porque em agosto só ocorreu uma oficina, fechando assim 24 oficinas em dezembro.

5)Enumere por facilidade:

(4)Fazer os passos primeiro sem música,

(2)Prefere passos no lugar(sem deslocamento)

(1)Marcando só o movimento dos pés,

(3)Sem movimentos de braços simultâneos,

(5)Movimentos em conjunto de pés e braços.

DIÁRIO DE CAMPO

01/12/2014 (24^a)

Na vigésima quarta oficina compareceram Cravo (CID 32), Angélica (31.5), Margarida (33 e 20), Magnólia (CID 31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna de DV.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em círculo e em linha. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas rápidas e lentas. Nessa oficina a oficina repassou os passos e corrigiu-os, foi apresentado variações de passos e as usuárias não demonstraram dificuldades. Esse dia estava muito quente.

Cravo e Angélica demonstraram cansaço e suaram muito.

Magnólia teve mudança de medicação, está com mais expressão, inclusive sorri. Permanece com ritmo, mas por diversas vezes se abstrai voltando a se interiorizar, daí fazendo qualquer movimento e não o que se estava pedindo. Ela estava com roxos nos braços,

após a oficina fui conversar com sua referência sobre isso e ele me relatou que os familiares haviam comentado que ela havia atacado a sua neta, tendo o marido que intervir.

Margarida estava com uma postura curvada, logo que iniciou as músicas lentas teve uma crise de ansiedade (respiração curta e rápida). Utilizei a técnica padrão do CAPS, que é pedir que sente e respire pausadamente e que quando se sentisse melhor se quisesse poderia retornar a dançar. Ficou sentada umas duas músicas, quando retornei a tocar outra música lenta (que aparentemente é melancólica) voltou a apresentar a crise de ansiedade. Mas foi bem curta pois ela logo respondeu a intervenção daicineira e se acalmou. Ficou até o final sentada e fez o alongamento junto com todas.

Não tivemos acompanhamento de nenhum profissional referência.

Cabeçalho

Data: 03/12/2014 (25^a)

Usuária presente: Cravo (CID 32)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oitto para frente, (X)oitto para trás, (x) oitto

Maia, (x) oitto Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (X)caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1) quantas () não (w) quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? * Não foi feita a contagem de tempo

() sim () quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (1) quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim(1) quantas () não () quantas

OBS- - Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança e introdução de passos novos.

Questão quanto aos passos a partir do terceiro mês.

OBS - Embora seja o quarto mês, foi aplicada só em novembro porque em agosto só ocorreu uma oficina, fechando assim 24 oficinas em dezembro.

Questão referente à imagem mental.

6)De que forma as participantes melhor aprenderam:

() Associando os movimentos a imagens(exemplo: 8, 0, >).

() Danças que contam história são mais fáceis de memorizar.

() Ajuda no aprendizado quando os gestos e passos são comparados a imagens visuais(Exemplo: espalhar sementes, mergulhar, sinuosa como uma cobra...)

DIÁRIO DE CAMPO

03/12/2014 (25ª)

Na vigésima quinta oficina compareceu só Cravo (CID 32).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna de DV.

Nessa oficina aicineira repassou os passos e corrigiu-os, foi apresentado passos novos e uma pequena sequência coreográfica, a usuária não demonstrou dificuldades.

Utilizamos em sua maioria músicas modernas e de kawalyia, as preferidas da usuária. Lembrou da pequena sequência passada em outra oficina, então foi acrescentado passos com maior dificuldade a essa coreografia.

A usuária pediu para sair mais cedo, pois seu filho que a trazia tinha reunião na firma e não poderia se atrasar, então a oficina teve a duração de quarenta e cinco minutos. Também comentou que é vovó novamente e que está muito feliz com o novo nenê na família.

Embora tenha dificuldade em alguns passos é espontânea, mas ao mesmo tempo reservada.

Não tivemos acompanhamento de nenhum profissional referência.

Cabeçalho

Data: 08/12/2014 (26^a)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Angélica (31.5)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X) oito para trás, (x) oito

Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (X)caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (2) quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da pequena coreografia.

Questão quanto aos passos a partir do terceiro mês.

OBS - Embora seja o quarto mês, foi aplicada só em novembro porque em agosto só ocorreu uma oficina, fechando assim 24 oficinas em dezembro.

Questão referente à demonstração.

7)De que forma melhor interiorizam a dança:

(X)Seguindo os passos daicineira, (2) quantas.

() Dançando os passos livremente. () quantas.

DIÁRIO DE CAMPO

08/12/ 2014 (26^a)

Na vigésima sexta oficina compareceram Cravo (CID 32), Angélica (31.5).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma folclórica de Said.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em linha. Nessa oficina houve a introdução de novos passos, a correção desses e ainda a continuação de uma pequena coreografia de véus. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), shaabis e tradicionais de DV. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de promover o contato com o ritmo, e perceber as reações das usuárias na execução da pequena coreografia com acessório (véu).

As duas relataram que ficam chateadas quando não conseguem vir a oficina de dança. Comentamos que em outros CAPS as atividades de atividade física ocorrem apenas uma vez por semana. Algumas das usuárias em outra ocasião relataram que o pagamento pelo INSS demora em sair, ficando com pouco dinheiro.

Foram corrigidos alguns passos mais elaborados como o oito lateral, maia e egípcio e introduzido a estrutura do ele. Foi passado duas pequenas sequência coreográficas, usaram os véus como adereço. Puderam experimentar os movimentos básicos de véu. Gostaram tanto que irão providenciar seus próprios véus.

Reafirmaram que estão adorando a oficina e que é uma pena que terminará em janeiro.

Não tivemos acompanhamento de nenhum profissional referência.

Cabeçalho

Data: 10/12/2014 (27^a)

Usuária presente: Madressilva (CID 31.9) e Cravo (CID 32)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x) Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, (x) oito

Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (X)caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1)quantas () não ()quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (1)quantas () não ()quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (1)quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim(1) quantas () não ()quantas

OBS- - Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança e introdução de passos novos.

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim(1) quantas () não ()quantas

Questão quanto aos passos a partir do terceiro mês.

OBS - Embora seja o quarto mês, foi aplicada só em novembro porque em agosto só ocorreu uma oficina, fechando assim 24 oficinas em dezembro.

Questões referentes à percepção.

8)Como armazenam as danças mais facilmente na memória:

()Pela sensação que teve quando dançou? ()quantas

(X)Um gesto ou passo específico (o movimento em si)? (1)quantas

DIÁRIO DE CAMPO

10/12/2014 (27ª)

Na vigésima sétima oficina compareceram Cravo (CID 32), Madressilva (CID 31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna de DV.

Nessa oficina a oficina repassou os passos e corrigiu-os, foi apresentado passos novos e uma pequena sequência coreográfica, as usuárias não demonstraram dificuldades.

Utilizamos em sua maioria músicas modernas e de kawalyia, as preferidas das usuárias. Lembrou da pequena sequência passada em outra oficina, então foi acrescentado passos com maior dificuldade a essa coreografia.

Cravo comentou que adora as oficinas e que está se sentindo muito bem.

Madressilva disse que provavelmente não conseguiria vir mais, pois está liberada do CAPS – II.

Cabeçalho

Data: 15/12/2014 (28^a)

Usuárias presentes: Cravo (CID 32), Angélica (31.5), Margarida (33 e 20), Magnólia (CID 31.9).

Referência: -x-

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, ()Ele, () Relevé, (X) encaixe/desencaixe

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oitto para frente, (X)oitto para trás, () oitto Maia, (x) oitto Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, () Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, ()caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (2) quantas (x) não (1) quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? *Não foi feita a contagem de tempo.

sim quantas não quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficinaira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

sim (3) quantas não quantas

4)Com a oficinaira cantando os passos?

sim(3) quantas não quantas

OBS- as usuárias demonstraram gostar da técnica repetição de movimentos dançados.

Questão quanto aos passos a partir do terceiro mês.

OBS - Embora seja o quarto mês, foi aplicada só em novembro porque em agosto só ocorreu uma oficina, fechando assim 24 oficinas em dezembro.

Questões referentes à percepção.

9)Como armazenaram os passos mais facilmente na memória: pelo nome ou associando a algo conhecido?

nome quantas algo conhecido(4)quantas

DIÁRIO DE CAMPO

15/12/2014 (28ª)

Na vigésima oitava oficina compareceram Angélica (31.5), Margarida (33 e 20), Miosótis (31.4).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era um folclore de DV.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em círculo e em linha. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas rápidas e clássicas, só as músicas que já havia observado que a maioria gostava.

Angélica teve outra troca de medicação e relatou que anda desmaiando, aparentava abatimento. Durante a oficina demonstrou que estava bastante consciente de seu corpo, fazia exatamente o que se pedia dos movimentos, quando corrigida conseguia fazer o movimento correto.

Cravo também melhorou em relação a sua noção corporal, mas ainda tem dificuldade de coordenação quando envolve braços e pernas juntos com quadril.

Margarida, mesmo em seu ritmo próprio (lento), conseguiu fazer diversos passos, também me chamou atenção que diversas vezes sorria e até mesmo ria. Sua postura estava um pouco melhor, mais reta e menos contraída.

Miosótis é bem coordenada e tem muita noção corporal, está aparentemente controlada, apenas com um pouco de aspecto de cansada.

Magnólia estava na oficina anterior e não quis ficar, pois tinha que tomar o lanche.

Nessa oficina foram utilizadas músicas lentas, mas aproveitei a demonstrei passos combinados com braços e quadril. Foi utilizada em maior quantidade de músicas a técnica siga a bolinha.

Os braços foram bastante utilizados para interpretação, aicineira dizia: agora ela diz que não, agora ela põe a mão no rosto como se estivesse com vergonha e assim por diante.

As usuárias reclamaram que a oficina anterior estava se estendendo e atrasando essa oficina em 15 minutos, como algumas usuárias participantes dessa oficina não podem permanecer após as 16 horas, estavam perdendo 15 minutos de oficina.

Cabeçalho

Data: 22/12/2014 (29^a)

Usuárias presentes: Magnólia (CID 31.9) Margarida (CID 33 e 20)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, (x) oito

Maia, (x) oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (X)caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (1) quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim(1) quantas () não () quantas

OBS- - Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança e introdução de passos novos.

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim(1) quantas () não () quantas

DIÁRIO DE CAMPO

22/12/2014 (29^a)

Na vigésima nona oficina compareceram Margarida (33 e 20) e Magnólia (CID 31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em círculo. Nessa oficina se repassou os passos e corrigiu-os. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), shaabis e tradicionais de DV. O objetivo dessa oficina, especificamente, foi de repassar os passos já apresentados passo a passo.

Lembramos as usuárias de que a oficina termina em final de janeiro, e as duas relataram que gostariam que a oficina de dança continuasse, pois disseram que estão gostando. Não se manifestaram mais durante toda a oficina. Aparentemente estão um pouco mais atentas a outras pessoas, mas ainda apresentam momentos de introspecção.

Foram corrigidos alguns passos mais elaborados como o oito lateral, maia, egípcio e algumas transferências de peso.

Margarida a Magnólia pouco se manifestam, mas suas expressões são de grande contribuição para a pesquisa, chegam com aspectos introspectivos e ao término da oficina sua leitura corporal é mais ereta e com sorriso no rosto.

Não tivemos acompanhamento de nenhum profissional referência.

Cabeçalho

Data: 29/12/2014 (30^a)

Usuárias presentes: Magnólia (CID 31.9) Margarida (CID 33 e 20), Cravo (CID 32), Angélica (31.5).

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x) Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a) lenta, (1^a) moderada, (2^a e 4^a) rápida

Conteúdo:

Passos: (x) Twist, (x) Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X) zerinhos, () meia lua, (x) oito para frente, (X) oito para trás, (x) oito Maia, (x) oito Egípcio, () camelo;

Tremidos: (X) shime, (X) shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x) giros, (X) caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficina durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (1) quantas () não () quantas

4) Com a oficina cantando os passos?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

OBS- - Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança e introdução de passos novos.

4) Com a oficina cantando os passos?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

DIÁRIO DE CAMPO

29/12/2014 (30^a)

Na trigésima oficina compareceram Cravo (CID 32), Angélico (31.5), Margarida (33 e 20) e Magnólia (31.9)

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna de DV.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em círculo. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas rápidas e clássicas, só as músicas que já havia observado que a maioria gostava.

Angélica e Cravo comentaram novamente que estão adorando a oficina de dança e que se sentem muito bem. Cravo está com a medicação controlada, mas Magnólia não está se acertando, continua com aspecto de cansada.

Magnólia participou da oficina anterior e desceu para tomar o lanche, mas avisou que já vinha. Magnólia está mais “acordada”, mas ainda pouco se manifestando verbalmente.

Margarida está mais estável e não tem mais escutado vozes durante as oficinas. Me chamou atenção um maior cuidado com sua vestimenta e cabelos.

Não tivemos referência.

Cabeçalho

Data: 05/01/2015 (31^a)

Usuárias presentes: Angélica (CID 3.1.5), Magnólia (CID 31.9) Margarida (CID 33 e 20), Miosótis (31.4)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicional, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oitto para frente, (X)oitto para trás, (x) oitto Maia, (x) oitto Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (X)caminhadas combinadas, () grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, () medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficina durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (1) quantas () não () quantas

4) Com a oficina cantando os passos?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

OBS- - Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança e introdução de passos novos.

DIÁRIO DE CAMPO

05/01/2015 (31^a)

Na trigésima primeira oficina compareceram Angélica (31.5), Margarida (33 e 20) e Magnólia (31.9) e Miosótis (31.4).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em círculo. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas rápidas e clássicas, só as músicas que já havia observado que a maioria gostava.

Angélica está com aspecto de cansada, ela comentou que está sentindo uma moleza, mas que está mais tranquila em relação a suas emoções. Avisou que está com pouco dinheiro e não conseguirá mais vir duas vezes por semana.

Miosótis está falante, está de férias e virá só mais essa semana e a outra, depois retorna ao trabalho, assim não poderá mais comparecer as oficinas.

Margarida e Magnólia estão estáveis.

A referência de Magnólia me avisou que o marido dela só a trará nas segundas para passar o dia no CAPS.

Lembrei as usuárias que esse seria o último mês das oficinas. Todas perguntaram se não havia como permanecer essa oficina, e a oficina informou que segue o cronograma, tendo que terminar na data agendada, para que se possa fazer as entrevistas.

Não tivemos referência participando na oficina.

Cabeçalho

Data: 07/01/2015 (32^a)

Usuárias presentes: Angélica (CID 3.1.5), Miosótis (31.4)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x) Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a) lenta, (1^a) moderada, (2^a e 4^a) rápida

Conteúdo:

Passos: (x) Twist, (x) Ele, (x) Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo; (X) encaixe/dencaixe

Ondulações: (X) zerinhos, (x) meia lua, (x) oito para frente, (X) oito para trás, (x) oito

Maia, (x) oito Egípcio, (x) camelo;

Tremidos: (X) shime, (X) shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x) giros, (X) caminhadas combinadas, (x) grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, (x) medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (2) quantas () não () quantas

4) Com aicineira cantando os passos?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

Questão comparativa -danças tradicionais, modernas e folclóricas para Miosótis.

10) Que tipo de danças foi mais fácil aprender?

(3) Tradicionais

(2) Modernas

(1) Folclóricas

Questão comparativa -danças tradicionais, modernas e folclóricas para a Angélica

10) Que tipo de danças foi mais fácil aprender?

- (1)Tradicionais
- (2)Modernas
- (3)Folclóricas

OBS- - Nessa oficina houve maior correção dos movimentos de dança e introdução de passos novos.

DIÁRIO DE CAMPO

07/01/2015 (32ª)

Na trigésima segunda oficina compareceram Angélica (31.5) e Miosótis (31.4).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em linha. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas rápidas e principalmente clássicas.

Angélica gosta muito das músicas mais lentas e como Miosótis é agitada utilizei músicas mais lentas e calmas, aproveitando pra trabalhar posturas, deslocamentos com suavidade, movimentos sinuosos e mãos.

Angélica comentou que adorou a oficina. Miosótis me informou novamente que provavelmente não conseguiria vir pois as oficinas são no horário de trabalho dela.

Lembrei as usuárias que esse seria o último mês das oficinas.

Não tivemos referência.

Cabeçalho

Data: 12/01/2015– (33ª)

Usuárias presentes: Margarida (CID 33 e 20)

Referência:

Observação: Ritmos alternados entre duas músicas com moderado, duas com rápido, duas lento e duas rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, () Folclóricas

Andamento: (3ª)lenta, (1ª)moderada, (2ª e 4ª)rápida

Conteúdo:

Passos: ()Twist, ()Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, () oito Maia, () oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: () contra tempo, () giros, () caminhadas combinadas, (x) alternância de peso.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, () molduras combinadas, (x) medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1) De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

2) Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? *Não foi feita contagem de tempo.

() sim () quantas () não () quantas

3) A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficina durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (1) quantas () não () quantas

4) Com a oficina cantando os passos?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

Questão comparativa - danças tradicionais, modernas e folclóricas

10) Que tipo de danças foi mais fácil aprender?

(3) Tradicionais

(2) Modernas

(1) Folclóricas

OBS- a usuária tem dificuldade de concentração, utilizei a técnica de contato físico para captar sua atenção a cada troca de movimento, e demonstrou dar resultado essa técnica.

DIÁRIO DE CAMPO

12/01/2015 (33ª)

Na trigésima terceira oficina compareceu Margarida (33 e 20).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em linha. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas rápidas.

Margarida está estável e usando roupas coloridas que se combinam.

A assistente social Rosângela chamou atenção que no mês de janeiro as usuárias faltam muito. Deveria aproveitar quando elas comparecessem nas oficinas e já fazer as entrevistas. Então resolvi escutar a experiência da assistente social.

Margarida fez a oficina que teve a duração de 40 minutos e após apliquei a entrevista.

Cabeçalho

Data: 14/01/2015 (34^a)

Usuária presente Angélica (CID 3.1.5), Margarida (CID 33 e 20)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, (x) Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo; (X) encaixe/dencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, (x) meia lua, (x) oito para frente, (X) oito para trás, (x) oito

Maia, (x) oito Egípcio, (x) camelo;

Tremidos: (X) shime, (X) shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x) giros, (X) caminhadas combinadas, (x) grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, (x) medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (2) quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

DIÁRIO DE CAMPO

14/01/2015 (34^a)

Na trigésima quarta oficina compareceram Angélica (31.5), Margarida (33 e 20).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em linha. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas rápidas e lentas.

Angélica está mais estável, mas comentou que não está conseguindo dinheiro pra vir, pois depende da venda de seus artesanatos. “Eu adora a oficina de dança, me faz tão bem”.

Margarida não teve crise de ansiedade durante as músicas lentas, apenas quando iniciava a música lenta ela demonstrava na expressão um desconforto, assim aicineira chamava sua atenção encostando no seu quadril, braço ou ombro. Funcionou, ela parecia prestar atenção a icineira e não as vozes, mantendo-se estável, mesmo durante as músicas lentas.

Após a oficina fiz a entrevista novamente com a Margarida, pois ela fala muito baixo e a gravação não ficou completamente audível. Angélica foi tomar o lanche e após apliquei a entrevista nela.

Cabeçalho

Data: 19/01/2015 (35^a)

Usuária presente Madressilva (CID 31.9)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, (x) Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, (x) meia lua, (x) oito para frente, (X) oito para trás, (x) oito Maia, (x) oito Egípcio, (x) camelo;

Tremidos: (X) shime, (X) shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x) giros, (X) caminhadas combinadas, (x) grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, (x) medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficinaira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (1) quantas () não () quantas

4)Com a oficinaira cantando os passos?

(x) sim(1) quantas () não () quantas

Questão comparativa -danças tradicionais, modernas e folclóricas

10)Que tipo de danças foi mais fácil aprender?

(3)Tradicionais

(2)Modernas

(1)Folclóricas

OBS- A Usuária teve alta do tratamento no CAPS veio só visitar a oficinaira, aproveitamos e fizemos uma oficina reduzida, devido a disponibilidade de tempo, visto que retornou ao trabalho.

DIÁRIO DE CAMPO

19/01/2015 (35ª)

Na trigésima quinta oficina compareceu Madressilva (31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em dupla. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas rápidas.

A oficina só teve duração de 30 minutos, pois ela tinha que ir trabalhar e só passou para dar um oi. (Madressilva recebeu alta do CAPS em dezembro). Está muito bem.

Esse é um aspecto na pesquisa que não foi planejado: a alta do CAPS.

Ao término das oficinas agendarei a entrevista com Madressilva.

Cabeçalho

Data: 21/01/2015 (36ª)

Usuária presente Cravo (CID 32)

Referência: - x -

Observação: Ritmos alternados entre três músicas com moderado, três com rápido, dois lentos e três rápido, e uma específica lenta para a pequena coreografia.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, (X) Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, (x)Ele, (x) Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo; (X) encaixe/desencaixe

Ondulações: (X)zerinhos, (x) meia lua, (x)oitto para frente, (X)oitto para trás, (x) oitto

Maia, (x) oitto Egípcio, (x)camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: (x) contra tempo, (x)giros, (X)caminhadas combinadas, (x) grego.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: () molduras, (X) molduras combinadas, (x) medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (1) quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim (1) quantas () não () quantas

Questão comparativa -danças tradicionais, modernas e folclóricas

10)Que tipo de danças foi mais fácil aprender?

(3) Tradicionais

(2) Modernas

(1) Folclóricas

DIÁRIO DE CAMPO

21/01/2015 (36^a)

Na trigésima sexta oficina compareceu Cravo (CID 32).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em dupla. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas rápidas.

Cravo está estável, comentou ser uma pena as oficinas terminarem. Mas que escutará em casa as músicas que aicineira gravou para ela.

A oficina teve duração de 40 minutos e após apliquei a entrevista.

Cabeçalho

Data: 26/01/2015– (37^a)

Usuária presente: Magnólia (CID 31.9)

Referência:

Observação: Ritmos alternados entre duas músicas com moderado, duas com rápido, duas lento e duas rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x)Tradicionais, (X) Modernas, () Folclóricas

Andamento: (3^a)lenta, (1^a)moderada, (2^a e 4^a)rápida

Conteúdo:

Passos: (x)Twist, ()Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x)para baixo;

Ondulações: (X)zerinhos, () meia lua, (x)oito para frente, (X)oito para trás, () oito Maia, () oito Egípcio, ()camelo;

Tremidos: (X) shime, (X)shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: () contra tempo, ()giros, ()caminhadas combinadas, (x) alternância de peso.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, () molduras combinadas, (x) medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (1)quantas () não ()quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? *Não foi feita contagem de tempo.

() sim ()quantas () não ()quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pelaicineira durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (1)quantas () não () quantas

4)Com aicineira cantando os passos?

(x) sim(1) quantas () não () quantas

OBS- a usuária tem dificuldade de concentração, utilizei a técnica de contato físico para captar sua atenção a cada troca de movimento, e demonstrou dar resultado essa técnica.

DIÁRIO DE CAMPO

26/01/2015 (37ª)

Na trigésima sétima oficina compareceu Magnólia (31.9).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna.

Foram realizados alguns exercícios corporais, específicos de aquisição dos passos básicos da DV e do folclore, utilizamos movimentação em dupla. Foram utilizadas músicas de Kawalyia (dança cigana Iraquiana), modernas rápidas.

Magnólia está estável, perguntou se vão terminar as oficinas mesmo. E informei que só teria mais uma na semana que vem.

A oficina teve duração de 40 minutos e após apliquei a entrevista.

Cabeçalho

Data: 28/01/2015– (38ª)

Usuária presente: Angélica (CID 3.1.5)

Referência:

Observação: Ritmos alternados entre duas músicas com moderado, duas com rápido, duas lento e duas rápido, assim sucessivamente.

Categoria:

Estilo: (x) Tradicionais, (X) Modernas, () Folclóricas

Andamento: (3ª) lenta, (1ª) moderada, (2ª e 4ª) rápida

Conteúdo:

Passos: (x) Twist, () Ele, () Relevé

Batidas: (X) lateral, (X) para cima, (x) para baixo;

Ondulações: (X) zerinhos, () meia lua, (x) oito para frente, (X) oito para trás, () oito

Maia, () oito Egípcio, (x) camelo;

Tremidos: (X) shime, (X) shime de peito, (x) Tchutchu com quadril solto

Deslocamentos: () contra tempo, () giros, (x) caminhadas combinadas, (x) alternância de peso.

Mãos: (X) ventos, (X) circulares

Braços: (X) molduras, () molduras combinadas, (x) medusa.

Questões referentes a dicas verbais e auditivas

1)De que forma as mulheres melhor captaram o ritmo:

Palmas na marcação do ritmo (para sentir o ritmo)?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

2)Ajudou quando foi feita a contagem de tempo? *Não foi feita contagem de tempo.

() sim () quantas () não () quantas

3)A utilização de dicas verbais (palavras que representam o movimento durante a execução) pela oficina durante a execução do movimento auxiliaram no aprendizado?

(X) sim (2) quantas () não () quantas

4)Com a oficina cantando os passos?

(x) sim (2) quantas () não () quantas

Questão comparativa -danças tradicionais, modernas e folclóricas

10)Que tipo de danças foi mais fácil aprender?

(3)Tradicionais

(2)Modernas

(1)Folclóricas

DIÁRIO DE CAMPO

28/01/2015 (38ª)

Na trigésima sétima oficina compareceu Angélica (31.5).

Iniciamos as atividades com um momento de aquecimento, objetivando preparar o corpo para a atividade física e “acordá-lo” para os movimentos, a música utilizada era uma moderna.

Mas Angélica me avisou que não iria conseguir fazer a oficina porque estava muito chateada com o pessoal do CAPS, pois ela dependia da boa vontade da amiga para trazê-la e eles não queriam permitir que essa sua amiga e o seu neto ficassem esperando dentro das dependências do CAPS (coisa que já vinham fazendo a mais de mês).

A referência de Angélica não se encontrava no CAPS, avisei-o quando chegou, pois ela estava muito deprimida com a situação, comentei que ela é uma das que mais gosta de fazer a oficina e não teve condições de permanecer.

APÊNDICE D – ENTREVISTAS

Nome: Angélica

Data: 28/01

TEMA I - QUALIDADE DE VIDA

1) Como você se sente em relação a sua qualidade de vida?

R-“Como eu me sinto? Mais ou menos... sobrevivendo, a minha qualidade de vida é matar um leão por dia pra sobreviver. Não trabalho, vivo de artesanato, quando eu vendo eu tenho, quando não vendo não tenho, e ajudada pelos outros. Essa é minha qualidade de vida. Baixa”.

2) Como está a sua saúde?

R-“ Péssima”.

(Oficineira) Por quê?

R- “Por causa da minha doença, minha bipolaridade que não me deixa trabalhar”.

3) Relate se existe alguma diferença de como você tem se sentido nas últimas quatro semanas em comparação as quatro semanas antes do início das oficinas.

R-“Melhorei um pouco, mas melhorei”.

(Oficineira) Em que sentido?

R-“ Sentido de se aproximar mais das pessoas, porque eu não podia tá muito perto das pessoas, né. E eu consegui me aproximar mais, e foi a aula de dança que me relaxou mais...fez com que introduzisse dentro de mim a vida e as pessoas.”

4) Foram alcançados os resultados das oficinas de DV que você esperava?

R-“Sim”.

(Oficineira) O que tu esperavas?

R-“Esperava aprender,... viver... porque dança é vida e eu vivo porque eu amo a dança”.

5) De que forma essas oficinas foram importantes para você?

R-“Da forma que me trouxeram a vida de volta”.

TEMA II - TRAJETÓRIA DA DANÇA E DANÇA DO VENTRE

6)O que é DV PARA VOCÊ?

R-“É a sensualidade, é a delicadeza, é o modo de tratar o ser, o outro, né ... é a eterna magia da vida.”

7)Como se sente: antes, durante e depois que dança?

R-“Antes eu me sinto... ahh... como vou dizer... meio reprimida”. “Quando eu sei que tenho que dançar eu me sinto viva, to louca pra tá aqui para dançar.” “Depois da dança eu quero mais, quero aprender mais, eu quero interagir mais, sabe? Eu quero dar tudo de mim”.

8) Porque você se sente dessa forma quando dança?

R-“Porque até pouco tempo eu queria me suicidar, não tinha motivo para viver e a dança trouxe de volta... fez me sentir mulher, ser humano né... porque eu podia, podia vencer esses obstáculos”.

9) Como está se sentindo com a prática de DV?

R- Respondeu na questão sete.

10) Comente quais as mudanças em vocês com a prática da DV?

R-“Eu era muito retraída, eu me senti mais solta, eu tenho vontade de dançar, me sinto mais leve, sabe. Como te disse... foi a minha vida. Me achava em cima duma cama...e que trouxe a vida de volta pra mim, porque eu que não existia mais nada pra mim aqui fora”.

TEMA III – TRANSTORNO DE HUMOR

11) Como você tem se sentido nas últimas quatro semanas?

R- “Mais ou menos”

12) Com que regularidade você tem alguns períodos de ansiedade e depressão?

R- “Tenho quase sempre...”

(Oficineira) Todos os dias?

R-“ Só não tenho quando estou aqui ... É INCRÍVEL!!! Só não tenho quando estou aqui...mas quando estou aqui com a senhora... nem ali em baixo, ali eu não consigo interagir com as pessoas, mas quando tô aqui, me sinto assim...parece que subi para o céu.”

13) Com que regularidade você fica confuso, amedrontado, ansioso ou deprimido de modo geral?

R- “Confusa não porque eu penso muito antes de agir, quando eu faço alguma coisa, eu já pensei naquilo”.

(Oficineira) Amedrontada?

R- “ Não, isso não. Eu sou assim ... até meio corajosa, muito valente, meto os peitos sabe?”

(Oficineira) Deprimida?

R- “Fico deprimida pela situação com meu neto, que hoje não me dou com a mãe dele, eles fazem um jogo comigo e com a criança, né... de depender das pessoas pra comer, e eu fumo né...”.

14) Em que medida você acha que a Irritabilidade ou a apatia impede de fazer o que você precisa?

R- “ Assim oh!! Lá na casa eu tenho netos, assim, as vezes na casa tem pessoas, e as vezes eu estou fazendo alguma coisa de artesanato, daí aquilo me dá ansiedade... já não consigo trabalhar com pessoas na minha volta, eu guardo tudo, e eu me fecho.”

15) Em que medida você acha que a tristeza e/ou mal estar geral impede você de fazer o que você precisa?

R- “A tristeza me impede muito!”... “O mal estar também. Eu sinto até quando tenho que esperar muito tempo, vai me dando um mal estar, uma angústia, uma tristeza, assim... sabe? E aquela vontade de sair porta afora”.

TEMA IV – CORPOREIDADE

16) Como você reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo?

R-“A expressão do meu corpo é que fala por mim. Se tô bem ou mal, é pelo meu corpo que sinto. Quando ele não me ajuda, quando eu não tô bem aí eu não tenho vontade de dançar, ele trava...o corpo trava. Quando eu tô bem, ele fala por mim ... sou uma pena! ...hahaha.

17) Você percebe as intenções manifestarem-se através do corpo? De que forma?

R”Pelo sentimento, pelo som que entra dentro da minha “alma”... sabe, eu sei que posso ir além... é quando a gente tá dançando ... pela música, ela me transporta ... e já não é mais eu, sabe ... não é mais eu, e como eu gostaria de continuar assim, nesse plano, nesse mundinho,

onde tá eu e a música, e o sentimento ... sabe? ... é difícil explicar, mas eu me sinto muito bem!”

18) Procurando a explicação no teu processo de vida, não apenas limitando-se a descrevê-lo fisicamente ou aparência. Como você se percebe?

R-“Quando eu tô bem ou não?”

(Oficineira) Primeiro quando não tá bem.

R-“Ah! Vou te dizer, quando eu não gosto de uma coisa eu sinto a minha fisionomia mudar, me sinto diferente, ansiosa, mais irritada, mais agressiva... para qualquer coisa que eu não aceite. Essa é minha expressão do meu corpo. Eu mudo de repente da água para o vinho.”

(Oficineira) Quando tá bem?

R-“ Eu tô alegre, eu converso, fico comunicativa, né, sou paciente com as pessoas. Eu entendo, mas as vezes as pessoas não entendem, sou muito franca, sou de falar, não sou de deixar para depois. Esse tipo de coisa as pessoas não entendem no meu jeito de ser e eu não vou mudar, é meu caráter, minha personalidade.”

19)Em toda mudança há algo que permanece. O que permaneceu em você?

R-“minha personalidade”.

20) O que mudou em você com a prática da DV nas oficinas?

R- “ Eu já tinha molejo, né, agora tenho mais, hahaha, tenho mais ginga... só que eu não tinha sensualidade, só que agora eu tenho né. Eu dançava como todo mundo, agora eu sei a expressão que ela trás para dentro da gente, pra alma da gente, né. Eu queria entender mais, mais ela, o que diz... os gestos, o que ela queria falar... “

(Oficineira) E aquelas músicas que não tem há ver com a sensualidade?

R-“ Eu não gosto muito. As agitadas? As agitadas não gosto muito. Gosto de coisas suaves e sensuais.”

Nome: Cravo

Data: 28/01

TEMA I - QUALIDADE DE VIDA

1)Como você se sente em relação a sua qualidade de vida?

R-“Agora depois da tamça tá melhor. Tô me sentindo muito bem”.

2)Como está a sua saúde?

R-“Também tá melhor”.

(Oficineira) O que melhorou?

R- “Não tá dando crise, é na dança que tá dando a melhora”.

3)Relate se existe alguma diferença de como você tem se sentido nas últimas quatro semanas em comparação as quatro semanas antes do início das oficinas.

R-“Tem diferença”.

(Oficineira) Qual é a diferença?

R- Menos Crise, eu esqueço...aqui na dança tu esquece que tem depressão...”

4)Foram alcançados os resultados das oficinas de DV que você esperava?

R-“Não esperava”.

(Oficineira) Nãoesperavas que fosse tanto assim??

R-“Não esperava mesmo, ...o resultado muito melhor”.

5)De que forma essas oficinas foram importantes para você?

R-“...É tudo pra mim...essa dança é tudo”.

(Oficineira)-Tudo de que forma?

R-ah...Eu sinto bem assim, quando chego em casa, chego alegre, não fico triste, vou pra rua, porque de primeiro só ficava dentro de casa, fechada e agora não, com essa dança...e você também é uma professora ótima, alegre a gente, algo importante na dança”.

TEMA II - TRAJETÓRIA DA DANÇA E DV.

6)O que é DV PARA VOCÊ?

R-“Pra mim é bom, a gente movimentava o corpo. É uma dança alegre onde a gente se sente muito bem, a gente se esquece de tudo...eu gosto.”

7)Como se sente: antes, durante e depois que dança?

R-“Antes eu me sentia muito mal, com vontade de si matar, só fechada dentro de casa, no escuro, não tinha vontade de conversar com ninguém”.

(Oficineira)- Durante? R-“ ahhh...aqui é tudo, esqueço que tenho problemas, esqueço tudo”.

(Oficineira) -Depois? R- “Me sinto bem”.

8) Porque você se sente dessa forma quando dança?

R-“Porque eu gosto de dançar, gosto de agitar, sinto muito alegre quando eu danço”.

9) Como está se sentindo com a prática de DV?

R- “Tô me sentindo alegre”.

10) Comentem quais as mudanças em vocês com a prática da DV?

R-“Bastante assim no corpo a gente nota...quando caminha não dói as pernas...tô me sentindo muito bem mesmo”.

TEMA III – TRANSTORNO DE HUMOR

11) Como você tem se sentido nas últimas quatro semanas?

R- “Tô me sentindo bem”.

12) Com que regularidade você tem alguns períodos de ansiedade?

R- “isso...as vezes em quando, não mais tanto agora”.

(Oficineira) Com que regularidade você tem alguns períodos de depressão?

R-“ Tenho ainda, diminuiu bastante”.

(Oficineira) A depressão era o pior né? Tinhas a todo momento?

R- “Toda hora. Agora, só de vez em quando”. “As vezes uma vez por dia, as vezes uma vez por semana...”

13) Com que regularidade você fica confuso, amedrontado, ansioso ou deprimido de modo geral?

R- ficava. (Oficineira) E agora? R-agora não

(Oficineira) Amedrontada?R- “ Muito medo, muito mesmo. (Oficineira) Tinha pânico até? R- Fobia (Oficineira) e agora? R- Agora não tem mais.

(Oficineira) Deprimida?

R- Não, não tenho mais.

14) Em que medida você acha que a Irritabilidade ou a apatia impede de fazer o que você precisa?

R- “ Tinha, mas melhorei”

(oficineira)Apatia melhorou? R- Sim, mas quando tomo os remédio forte, assim controlado...daí dá.

15) Em que medida você acha que a tristeza e/ou mal estar geral impede você de fazer o que você precisa?

R- “impediam, não tinha vontade de fazer nada.”

E hoje? Hoje não impede mais. Tu estás ficando com teu netinho? R- Sim, tô cuidando.

TEMA IV – CORPOREIDADE

16) Como você reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo?
não soube responder.

17) Você percebe as intenções manifestarem-se através do corpo? De que forma?

R Representa as coisas que sinto.

(oficineira) Como?R- Tremedeira, dava bastante. (oficineira) E hoje? R- Não dá mais.

18) Procurando a explicação no teu processo de vida, não apenas limitando-se a descrevê-lo fisicamente ou aparência. Como você se percebe?

RA minha aparência...ahh...eu não acho eu muito bonita.

(Oficineira) durante o processo da tua vida, tu te percebe do mesmo jeito antes e depois das oficinas?As pessoas te veem do mesmo jeito?

R- Não elas falam que eu mudei bem, bastante, ... (oficineira) te falaram de que forma? R- a aparência, que era meio amarela, comecei engorda... agora alegre, ando na rua, converso com os vizinhos, todos falam que melhorei bastante.

19)Em toda mudança há algo que permanece. O que permaneceu em você?

R-“Não!!

(Oficineira)Então as coisas que vinhas sentindo ou acontecendo desagradáveis, saíram? R Sim quase tudo, tá saindo.

20) O que mudou em você com a prática da DV nas oficinas?

R- Tenho vontade de limpar a casa, de fazer tudo,

(Oficineira) É como se tu tivesse dormindo e acordou agora?

R- isso, acordei pra realidade por causa da dança.

Nome: Magnólia

Data: 28/01

TEMA I - QUALIDADE DE VIDA

1) Como você se sente em relação a sua qualidade de vida? (Tive que explicar que qualidade de vida era ter coisas que ela julgue importantes em sua vida).

R- “O importante para mim é a minha família”.

Entrevistadora- Tu mora com eles? R – “Moro com eles”.

2) Como está a sua saúde?

R- “Tá mais ou menos”.

“Adorei a dança do ventre”. Entrevistadora – Bom ouvir isso.

3) Relate se existe alguma diferença de como você tem se sentido nas últimas quatro semanas em comparação as quatro semanas antes do início das oficinas.

R- “Tá melhor a minha saúde”.

(Oficineira) Em que sentido? O que melhorou?

R- “ A relação com minha família” “ Tá melhor pra fazer as coisas em casa”.

4) Foram alcançados os resultados das oficinas de DV que você esperava?

R- “Foi”.

(Oficineira) O que tu esperavas?

R- “Eu esperava um melhoramento em toda a minha vida”.

5) De que forma essas oficinas foram importantes para você?

R- “Da maneira possível”.

Oficineira- Exatamente de que forma?

R- “Porque melhorou meu relacionamento com meus colegas e até de casa”.

TEMA II - TRAJETÓRIA DA DANÇA E DV.

6) O que é DV para você?

R- “Pra mim significa muita prazerosa.”

7) Como se sente: antes, durante e depois que dança?

R-“Antes eu fico triste”. “Durante é bem gratificante, bem alegre.” “Depois fico alegre... até pra ir pra casa”.

Oficineira- E quanto tempo permanece essa felicidade?

R- “Um bom tempo”.

8) Porque você se sente dessa forma quando dança?

R-“As músicas são alegre, gosto de dançar”.

9) Como está se sentindo com a prática de DV?

R- Respondeu na questão sete.

10) Comente quais as mudanças em vocês com a prática da DV?

R-“Me ajudou em muita coisa, porque eu era muito travada”.

TEMA III – TRANSTORNO DE HUMOR

11) Como você tem se sentido nas últimas quatro semanas?

R- “Mais ou menos”

12) Com que regularidade você tem alguns períodos de ansiedade e depressão?

R- “Ainda tenho ansiedade... mas ela baixou um pouco, depressão ainda tenho um pouquinho só”.

13) Com que regularidade você fica confuso?

R-“ Não”.

(Oficineira)- Amedrontada?

R-“Só um pouquinho”

(Oficineira) – Ansiosa?

R- “Um pouquinho”.

(Oficineira)- De um modo geral daria pra dizer que estas mais acordada?

R- “Isso”

14) Tem sentido Irritabilidade ou a apatia?

R- “Não.””O que é apatia?”

(Oficineira) – É quando não tem vontade de fazer nada, de ficar quietinha...Tem sentido isso?

R “Não”

15) Em que medida você acha que a tristeza e/ou mal estar geral impede você de fazer o que você precisa?

R- “A tristeza me impede!”.... uma tristeza, aquela vontade de ir pra casa”.

TEMA IV – CORPOREIDADE

16) Como você reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo?

R-“Eu ainda me sinto meia perdida, mas teve melhoras”.

17) Você percebe as intenções manifestarem-se através do corpo? De que forma?

R”Eu fico assim... mais acoada”

18) Procurando a explicação no teu processo de vida, não apenas limitando-se a descrevê-lo fisicamente ou aparência. Como você se percebe?

R-“A Magnólia antigamente era alegre” (Oficineira)- Antes da doença? R – Sim

(Oficineira)- como ficou? R- “Ficou...TRISTE” (Oficineira)- E atualmente? R-“Estável”

(Oficineira)- Voltou a ser a Magnólia de antes? R “ Um pouquinho”.

19)Em toda mudança há algo que permanece. O que permaneceu em você?

R-“Um pouco a ansiedade”.

20) O que mudou em você com a prática de DV nas oficinas?

R- “ Como eu ti falei, eu mudei com o relacionamento com toda a minha família “converso, saio com eles, é maravilhoso!”

Nome: Margarida

Data: 28/01

TEMA I - QUALIDADE DE VIDA

1)Como você se sente em relação a sua qualidade de vida? (Tive que explicar que qualidade de vida era ter coisas que ela julgue importantes em sua vida).

R-“Minha qualidade de vida é...eu não reclamo de nada...tenho minha família o Tômas e a Maria”.

Entrevistadora- Tu mora com eles? R – “É”.

2) Como está a sua saúde?

R-“ Acho que tá boa, mas se eu dopá, daí eu começo a ficar perturbada, eu ouço vozes, eu surto...daí não dá... aí eu tenho que pega e toma uns calmantes, enquanto tiver me dando crise, até ontem me deram uma redução, porque ela achava que o remédio era tudo e não me curou, tinha dia que estava tomando dois comprimido. Eu achava que podia tomar dois comprimido e quase me matei ”

(Oficineira)- Mas agora está controlado os remédios? R- Tá.

3) Relate se existe alguma diferença de como você tem se sentido nas últimas quatro semanas em comparação as quatro semanas antes do início das oficinas.

R- Sim estou ouvindo menos vozes.

4) Foram alcançados os resultados das oficinas de DV que você esperava?

R- Queria aprender a dançar.

5) De que forma essas oficinas foram importantes para você?

R-“É importante”.

Oficineira- Exatamente de que forma?

R-“Porque daí a gente sabe dançar no baile diferente, daí eu não fico parada”.

TEMA II - TRAJETÓRIA DA DANÇA E DV.

6) O que é DV para você?

R-“É uma dança boa. É boa pra perder barriga”.

7) Como se sente: antes, durante e depois que dança?

R- Acho que dá umas dor nas pernas...eu canso um pouco...

(Oficineira) Que mais? R-...o jeito de caminhar também...assim rebolando...é.

(Oficineira) R- Tu rebola fora das oficinas?

R- Faz tempo que não vou em baile, desde que eu se mudei, eu não vou mais a baile, nem eu nem a Maria.

8) Porque você se sente dessa forma quando dança?

R-“ A gente tem que se mexer bastante, as pernas também.

9) Como está se sentindo com a prática de DV?

R--“Tô me sentindo bem...a dança faz bem pra mente da gente, quando a gente dança a gente não tá encontrando problema,...que tá melhorando a saúde”.

10) Comentem quais as mudanças em vocês com a prática da DV?

R-“Tô assim conversando um pouquinho mais”.

TEMA III – TRANSTORNO DE HUMOR

11) Como você tem se sentido nas últimas quatro semanas?

R- “Mais ou menos”

12) Com que regularidade você tem alguns períodos de ansiedade e depressão?

R- “Humm...Não” (Se referindo a depressão)

(Oficineira) – Ansiosa?

R- “Hahaha... é mais ansiedade mesmo”.

13) Com que regularidade você fica confuso?

R-“ Um pouco”.

(Oficineira)- Amedrontada?

R-“Como assim?”

(Oficineira)- Sentes medo?

R-“ sim”.

(Oficineira) Do que sente medo exatamente?

R- “...Não sei”.

14) Tem sentido Irritabilidade?

R- “Acho que não”.

(Oficineira)- Tem sentido a apatia?

R- O que é isso?

(Oficineira) – É quando não tem vontade de fazer nada, de ficar quietinha...Tem sentido isso?

R “Não...mas hoje mesmo não tava a fim de jogar baralho, daí fui lá pra recepção e depois voltei.

5) Em que medida você acha que a tristeza e/ou mal estar geral impede você de fazer o que você precisa?

R- “Só um pouquinho de tristeza”.

R-“Só uma vez”.

TEMA IV – CORPOREIDADE

16) Como você reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo?

Por exemplo quando tens crises de ansiedade?

R-“ Tive uma crise de ansiedade e fui no banheiro, eu percebi quando tive no rosto, no espelho, aí eu fazia careta...”

OBS-Teve mal estar durante a oficina e pediu para ir ao banheiro.

(Oficineira)- É fizeste umas caretinhas aquele dia...

R- Hahahaha.

17) Você percebe as intenções manifestarem-se através do corpo? De que forma?

R”Como assim?”

(Oficineira) –Assim: Quando tens as crises de ansiedade te encolhes, percebeste?

R- “Não”.

(Oficineira)- Tu faz isso aqui (me encolhi)...

R- “Ah tá! Quando ouço vozes, pra chamar a atenção das vozes... as vozes ficam mexendo comigo até durante a dança”.

(Oficineira)- Principalmente nas músicas lentas?

R- “É acho que são mais difíceis”.

18) Procurando a explicação no teu processo de vida, não apenas limitando-se a descrevê-lo fisicamente ou aparência. Como você se percebe?

R-“A M. antigamente era alegre” (Oficineira)- Antes da doença? R – Sim

(Oficineira)- como ficou? R- “Ficou...TRISTE” (Oficineira)- E atualmente? R-“Estável”

(Oficineira)- Voltou a ser a Magnólia de antes? R “ Um pouquinho”.

19)Em toda mudança há algo que permanece. O que permaneceu em você?

R-“Um pouco a ansiedade”.

